



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

KARINA DE CALDAS LIMA

**DIREITOS HUMANOS, EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO ROMANESCO DA OBRA LITERÁRIA *O QUINZE***

**CAJAZEIRAS – PB
2023**

KARINA DE CALDAS LIMA

**DIREITOS HUMANOS, EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO ROMANESCO DA OBRA LITERÁRIA *O QUINZE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, *Campus de Cajazeiras*, com a finalidade de obtenção do título de Graduada no referido Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Co-Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

**CAJAZEIRAS-PB
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L732d Lima, Karina de Caldas.
Direitos humanos, Eugenia e Higienismo Social no espaço geográfico
romanesco da obra literária O Quinze / Karina de Caldas Lima. –
Cajazeiras, 2023.
107f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Coorientadora: Profa Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2023.

1. Geografia e literatura. 2. Geografia humana. 3. Direitos Humanos.
4. Eugenia – obra literária. 5. O Quinze. 6. Higienismo social. 7. Espaço
geográfico romanesco. 8. Campos de concentração. I. Alves, Cícera
Cecília Esmeraldo. II. Di Lorenzo, Ivanalda Dantas Nóbrega. III. Título.

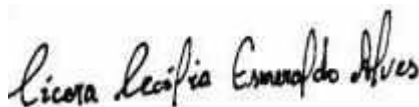
UFCG/CFP/BS CDU – 91:82

KARINA DE CALDAS LIMA

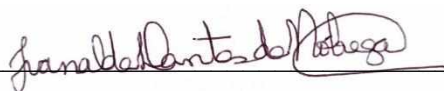
**DIREITOS HUMANOS, EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL NO ESPAÇO
GEOGRÁFICO ROMANESCO DA OBRA LITERÁRIA *O QUINZE***

Aprovada em: 16/06/2023

Banca Examinadora:



Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves
(CFP/UFCG-Orientadora)



Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
(CH/UFCG - Co-Orientadora)

Professora Dr^a Luciana Medeiros de Araújo
(CFP/UFCG-Examinadora Interna)

Professora Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues
(UFPB-Examinador Externo)

CAJAZEIRAS-PB

2023

Aos Retirantes e àqueles que continuam a se retirar por ausência e ineficácia de políticas públicas na região Nordeste. É o problema que se desvela entre a seca e as cercas que fazem vítimas no Nordeste transformando seus filhos em Retirantes em busca da vida e dos direitos humanos, migrantes no esperar de lugares, dias melhores e pela democracia!

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Iniciar a escrita dos agradecimentos é motivo de grande emoção, pois a trajetória para chegar até aqui foi árdua, tendo como norte a fé em Deus.

Assim sendo, quero agradecer aos meus pais, Damiana e Carlos, por sempre acreditarem em mim.

Aos meus irmãos, Carlos Eduardo, por me apoiar em todos os âmbitos e momentos em que precisei; Paulo Ricardo, por contribuir para a escolha do curso e, Lucas, por me fazer enxergar, em diversos momentos, que eu era boa e capaz.

Aos amigos e amigas que sempre estiveram comigo me fortalecendo e me ajudando a me manter firme no caminho escolhido. São eles: Maria Clara, Aline Martins, Francielle, Pedro Artur e Laira Larissa. Ao Jackson Santos por me incentivar na reta final, e Jakson por me ceder um notebook para que eu pudesse assistir às aulas *on-line*, em meio ao cenário pandêmico da COVID-19, e possibilitar a conclusão do curso.

Aos amigos do transporte, das viagens de ida e volta para a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG): Aline, José Oliveira, Naason, Amilton, Larissa e Wilson. Aos amigos que a UFCG me deu que são Moema, Maria Rodrigues, Jonas Barbosa, Edimar, Lázaro, saibam que foram essenciais; amo vocês. E aos amigos Janilson, Carlos, Maximiliano Albuquerque, Hiarley Nickson, Pedro Nascimento (Ibis) e Waliff Arruda.

Deixo aqui um agradecimento muito especial à minha tia e madrinha Gorete (*in memoriam*), que sempre foi muito apoiadora dos meus sonhos. Agradeço a ti, tia.

A todos os professores que fizeram parte dessa construção, em especial a minha Orientadora, Profa. Dra. Cicera Cecília Esmeraldo Alves e a minha Co-Orientadora, Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, as quais foram à base para a concretização desse trabalho e sonho.

À minha Banca Examinadora, composta pela Profa. Dra. Cicera Cecília Esmeraldo Alves, Orientadora, Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, Co-Orientadora, Profa. Dra. Luciana Medeiros de Araújo, Membro Examinadora Interna e, a Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues, Membro Examinadora Externa.

A todos àqueles, os quais me deram o suporte para que eu pudesse chegar ao fim desse ciclo, o meu mais profundo agradecimento. Sem vocês nada seria possível.

Triste Partida

*Setembro passou
Outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós
(Meu Deus, meu Deus)
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
(Ai, ai, ai, ai)*

Luiz Gonzaga [s.d.]

RESUMO

A Geografia Humanística, por meio da literatura, contribui para a construção do saber geográfico, a partir da investigação e interpretação de obras. Na perspectiva da Geografia Literária, podem-se identificar aspectos que caracterizam o espaço geográfico, logo, os romances tornam-se objetos de estudo para a ciência, à luz dos registros de acontecimentos históricos, relatos nos enredos, e que moldaram a sociedade e o cenário social, considerando o meio humano e natural. Neste trabalho, organizado em quatro capítulos, além de analisar o espaço geográfico romanesco retratado na obra literária *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1977), pretendeu-se, também, compreender em que medida a formação de campos de concentração ou currais humanos, criados entre os anos 1915 e 1930, durante os longos períodos de estiagem ocorridos no estado do Ceará, região Nordeste, se constituíram como uma estratégia de ausência do Estado, na promoção de políticas públicas voltadas para o campo. Em outros termos, buscamos identificar a sua presença a partir das ações e processos característicos de expulsão e atração de populações, consorciados com violação dos direitos humanos, processos de eugenia e higienismo social. Para atingir esses objetivos utilizamos de procedimentos teóricos metodológicos da pesquisa que assumem uma visão dialética, onde realizou-se uma pesquisa bibliográfica procurando corroborar com os estudos, principalmente, de Michel Foucault (1999-2004), Josué de Castro (1980-2001) e Milton Santos (1988-2006), dentre outros. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico através de jornais *on-line* e consultas em *websites* bases de órgãos governamentais. Por ser uma pesquisa de caráter investigativo, suas análises ainda são introdutórias, necessitando de maior aprofundamento e entendimento teórico, mas é admissível reconhecer que a presente obra em estudo contribui para percebermos como as ações do Estado modificam diretamente o espaço, trazendo impactos para a sociedade, logo, a mesma precisa moldar-se às imposições e projeções estabelecidas pelo plano de governo. Foi possível constatar, nesta pesquisa, os reflexos das negligências do Estado nos povos do campo, pela dizimação de populações, negação dos direitos humanos e práticas de eugenia e higienismo social.

Palavras-chave: Higienismo Social – Direitos Humanos – Eugenia – Região Nordeste – O Quinze.

ABSTRACT

Humanistic Geography, through literature, contributes to the construction of geographic knowledge, based on the investigation and interpretation of works. From the perspective of literary geography, one can identify aspects that characterize the geographic space, therefore, novels become objects of study for science, in the light of records of historical events, stories in the plots, and that shaped society and the social scenario, considering the human and natural environment. In this work, organized into four chapters, in addition to analyzing the geographic space romanesque portrayed in the literary work *O Quinze*, by Rachel de Queiroz (1977), it was also intended to understand to what extent the formation of fields concentration camps or human corrals, created between 1915 and 1930, during the long periods of drought that occurred in the state of Ceará, in the Northeast region, were constituted as a strategy of absence of the State, in the promotion of public policies aimed at the countryside, thus, as of their presence from the actions and processes characteristic of expulsion and attraction of populations, associated with human rights violations, eugenics processes and social hygiene. To achieve these objectives, we used theoretical and methodological research procedures that assume a dialectical view, where a bibliographic research was carried out trying to corroborate the studies of Michel Foucault (1999-2004), Josué de Castro (1980-2001) and Milton Santos (1988-2006), among others. He worked mainly with bibliographical survey, online newspapers and queries on websites based on government bodies. As it is an investigative research, its analyzes are still introductory, needing greater depth and theoretical understanding, but it is admissible to recognize that the present work under study contributes to perceiving how the actions of the State directly modify the space, bringing impacts to society, therefore, it needs to conform to the impositions and projections established by the government plan. It is possible to verify the reflections of the State's negligence in the people of the countryside, for the decimation of populations, denial of human rights and practices of eugenics and social hygiene.

Key words: Social Hygiene - Human rights - Eugenics - Region North East - the fifteen.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- DNOCS** - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
- DH** - Direitos Humanos
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPECE** - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
- MDS** - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
- REGIC** - Regiões de Influência das Cidades
- IAN** - Insegurança Alimentar e Nutricional

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Organograma explicativo dos tipos de seca e suas correlações.
- Figura 2** - 1ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1930).
- Figura 3** - Cartaz produzido pelo Estabelecimento Graphico Urania, em 1930, para divulgação do livro O Quinze
- Figura 4** - 7ª, 8ª, 9ª e 10ª edições do livro O Quinze (QUEIROZ: 1969). Editora: José Olympio.
- Figura 5** - Ilustrações feitas por Poty para compor o projeto gráfico da 12ª edição de O Quinze.
- Figura 6** - 14ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1972). Editora: José Olympio
- Figura 7** - 24ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1978). Editora: José Olympio.
- Figura 8** - Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 1987). Editora: Círculo do Livro.
- Figura 9** - 20ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1995). Editora Circulo do Livro.
- Figura 10** - 64ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1997), Editora Siciliano.
- Figura 11** - 72ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2002) Editora: José Olympio.
- Figura 12** - 93ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2004) Editora: José Olympio.
- Figura 13** - 93ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2012) Editora Somos Sistema de Ensino.
- Figura 14** - - Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 2012) Editora José Olympio (3 março 2012).
- Figura 15** - 117ª Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 2016) Editora José Olympio (21 de novembro de 2016).
- Figura 16** - 46ª Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: [s.d.]) Editora José Olympio.
- Figura 17** - Retirantes mortos pelos caminhos ao lado dos trilhos da ferrovia.
- Figura 18** - Obituário entre os retirantes em Fortaleza (Julho de 1915 – Junho de 1916).
- Figura 19** - Caminhada em Memória das Vítimas da Seca.
- Figura 20** - Reportagem acerca dos flagelados retirantes concentrados em Tauapé-Ceará.
- Figura 21** - Reportagem acerca do Efetivo dos Campos de Concentração dos Flagelados no Ceará.
- Figura 22** - Família de Salustiano Alves Bezerra no Campo de Concentração do Alagadiço.
- Figura 23** - Ilustração do Documentário Currais (2019).
- Figura 24** - Campos de Concentração ou Currais Humanos Construídos no Ceará.
- Figura 25** - Barracos na Concentração do Alagadiço.
- Figura 26** - Fragmento de Reportagem sobre a formação de campos de concentração no Ceará.
- Figura 27** - Os flagelados na estação de Iguatú-CE, fugindo da seca, em 1877.
- Figura 28** - Os prisioneiros nos campos de concentração de 1932, Ipú-CE.

- Figura 29** - Reportagem do site ArchDaily, 2020.
- Figura 30** - Campo de Concentração Patú em Senador Pompeu-CE.
- Figura 31** - Corredor da Casa do Engenheiro-Mor (à esquerda) fachadas do Casarão do Campo de Concentração Patú, Senador Pompeu - CE (à direita).
- Figura 32** - Corredor da Casa do Engenheiro-Mor (à esquerda) fachadas do Casarão do Campo de Concentração Patú, Senador Pompeu - CE (à direita).
- Figura 33** - Exterior das ruínas do centro administrativo Patú, Senador Pompeu-CE.
- Figura 34** - Exterior das ruínas do centro administrativo Patú, Senador Pompeu-CE.
- Figura 35** - Exterior das ruínas do centro administrativo Patú, Senador Pompeu-CE.
- Figura 36** - Cemitério de Patú com a Presença da Capela.
- Figura 37** - Recorte da reportagem do G1 (2019).
- Figura 38** - Reportagem sobre ausência de símbolos de Campo de concentração em Fortaleza.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1.1 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	18
2 GEOGRAFIA E LITERATURA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO ROMANESCO DA OBRA LITERÁRIA ‘O QUINZE’	20
2.1 CONTEXTO DA OBRA, A AUTORA A AS INTERFACES ENTRE A GEOGRAFIA, A LITERATURA E O ENSINO	20
2.2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO ROMANESCO CONTIDO NA OBRA LITERÁRIA <i>O QUINZE</i>	28
3 DIREITOS HUMANOS, MIGRAÇÃO E OS PROCESSOS DE EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL	48
3.1 DIREITOS HUMANOS, IDENTIDADE E REGIONALISMO	48
3.2 MIGRAÇÃO, AÇÕES E PROCESSOS DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO DE POPULAÇÕES.....	60
4 A AÇÃO DO ESTADO E A FORMAÇÃO DE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO OU CURRAIS HUMANOS	76
4.1 A AÇÃO DO ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO CAMPO	76
4.2 A FORMAÇÃO DE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO ESTADO DO CEARÁ E A VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS: DE TERRITÓRIOS TRANSITÓRIOS AOS POLOS DE ATRAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A epígrafe, trecho da música de Luiz Gonzaga, *Triste Partida*, remete ao cotidiano de retirantes que marcaram as trajetórias dos Sertões Nordestinos. Fenômeno que permanece na atualidade, travestido de outras roupagens e sujeitos, demarca a luta cotidiana expressa numa série de estudos literários acerca dos regionalismos no Brasil e, da desvelada ação do Estado Mínimo.

A música, *Triste Partida*, desvela as realidades e as dores sentidas e vivenciadas pelos sujeitos do campo, das populações camponesas nordestinas, no Brasil, o que expressa, a ausência presente do Estado na atenção aos direitos humanos, ao passo em que promove um quadro de desigualdade social, de gênero, etnia, sexualidade, classe, raça, dentre outros. Tais desigualdades e ausência do Estado se expressam na literatura demonstrando o quadro caótico, o qual retrata as consequências presentes no campo, nessa região do Brasil, a exemplo do que se pode constatar na obra literária, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1977), objeto de estudo desta monografia.

A obra literária *O Quinze* (QUEIROZ: 1977), apresenta a trajetória dos ‘Retirantes da seca’, do Estado do Ceará, a qual demonstra o êxodo rural pela ausência de subsídios do Estado na garantia dos direitos humanos, por conseguinte, gerando a ampliação dos problemas sociais regionais, além da deflagrada violação dos Direitos Humanos (DH).

A escolha desta obra se deu em virtude do reconhecimento de contextualizar na formação inicial docente em Geografia, a própria realidade da qual fazemos parte enquanto espaço originário de nossas vidas, o Estado do Ceará, o que colaborará na formação pautada na leitura do espaço geográfico local, assim como na possibilidade de ressaltar tais conhecimentos, quando nos momentos de atuação profissional futura na docência.

As reflexões aqui contidas partem das experiências educativas durante a nossa formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), situada na cidade de Cajazeiras, Paraíba (PB), Região Imediata de Sousa-Cajazeiras, quando tivemos a ministração de uma disciplina de ‘Prática de Ensino em Geografia Humana’, no sétimo período, 2021.1, e ali estávamos em pleno momento pandêmico de Covid-19, e assim, estudávamos por meio remoto. Assim como a educação, as demais atividades necessárias ao desenvolvimento da vida e do trabalho ocorriam quase sempre, com muita precariedade, tendo em vista os constantes riscos aos quais estava exposta toda a população Planetária. E, na Região Nordeste, havia seus agravamentos

atentando para a discussão acerca de regionalismos no Brasil, tendo essa região, sido mais uma vez, tratada de forma isolada, inferiorizada pelo Governo Federal.

Dentre os extremismos da necropolítica vivenciados proporcionou-se na disciplina cursada refletir a realidade a partir das discussões relativas à pandemia, mas também outros fatos que impactam negativamente na região Nordeste, especialmente citando a seca e as migrações. Daí a importância de se agregar ao levantamento bibliográfico o gênero literário.

Na oportunidade se discutiu a obra *O Quinze* (QUEIROZ: 1977), enfatizando sua inter-relação com as categorias e os conceitos geográficos de região, espaço, paisagem, identidade, escala, dentre outros. Contextualizamos a obra com a realidade local dos educandos, discutindo a atualidade de um cenário de estiagem prolongada, assim como do retorno do Brasil ao mapa da fome (CASTRO: 1980; 2001), num momento de governo da Extrema Direita e, de exacerbação dos racismos, do fascismo, cujo desenrolar se expressou num estado de calamidade, pobreza, fome, violências, como expressão da necropolítica promovida pelo Estado brasileiro, especialmente nos períodos de 2016 a 2022 (SILVA & SCHURSTER: 2023), mas, obviamente reportamo-nos ao período ao qual se remete a obra *O Quinze*.

Na disciplina cursada, estabelecemos por meio de seminários, um diálogo pautado no papel da escola e da educação na contextualização dos conteúdos geográficos e da literatura e, da necessidade de se pensar a obra e os fatos históricos a ela inerentes, a fome, migração, seca, necropolítica e os direitos humanos, dentre outros, em relação à realidade dos educandos. Naquele momento também fizemos uma mesa redonda para conhecer as interfaces entre Literatura e Geografia.

Considerando nossa inserção num curso de licenciatura em Geografia, entendemos a importância da contextualização do conteúdo com o espaço local/regional e, por conseguinte, o sentimento de pertença ao local ao qual se reporta a obra, o que nos fez questionar: Por que a formação dos currais humanos descrito na obra '*O Quinze*' é negligenciada na história do estado do Ceará e na formação licencianda? Por que não vemos nos estágios curriculares supervisionados esta temática sendo discutida nas aulas de Geografia na escola e na universidade? Quais intencionalidades estão presentes na ausência/presença do Estado na formação de currais humanos, na ausência de políticas de fortalecimento regional, assim como na formação de polos de atração e, na consequente violação dos direitos humanos (DH) dos povos do campo?

As reflexões propostas são pontos de partida para melhor pensar o tema e trilhar as pesquisas, buscando entender melhor a viabilidade deste estudo geográfico literário com ênfase no entendimento do espaço romanesco por ela representado. A literatura expressa uma

característica peculiar que é a interdisciplinaridade, e em conjunto com outras ciências pode se constituir instrumento para analisar e interpretar o espaço geográfico e suas paisagens, ressaltando aspectos físicos e socioespaciais de determinada época. Além disso, revela-se crítica, denunciando situações que envolvem distintas dimensões (esferas) sociais, políticas, econômicas, culturais, jurídicas, dentre outras, características de uma época, as quais moldam o espaço, a partir da presença de rugosidades (SANTOS: 2012).

Ao se utilizar da literatura em consonância com outras áreas do conhecimento no âmbito das ciências humanas, dentre elas a ciência geográfica, promove-se a inter/transdisciplinaridade, apresentando elementos que possibilitam o estudo acerca de temas como a seca e a fome, fortemente presentes e características da forma como é tratada pelo Estado, a Região Nordeste do Brasil.

Tais fenômenos ainda perduram na atualidade. Por vezes, tem consequências motivadas pela presença e ausência simultânea do Estado, no momento em que realiza o desenraizamento de populações na promoção de polos de atração, ao passo em que as aprisiona temporariamente em Campos de Concentração, exemplo das situações em que ocorrem processos de expulsão e de violação dos Direitos Humanos, concretizando-se no êxodo rural. Os Campos de Concentração surgem como estratégia para substituir os abarracamentos feitos pelos flagelados quando em situação de fuga para outros espaços. Portanto, esses Campos são formas materializadas de saberes e poderes, ao passo em que nele estando são construídas outras formas de saberes e poderes (NEVES: 1995, p. 94).

Partindo do pressuposto que a Geografia se faz presente nas relações entre o homem e a natureza, na produção do espaço social, é indissociável analisar tais interações e, o que resulta destas na construção e transformação do espaço geográfico. A literatura brasileira contribui, portanto, para análises espaciais de rugosidades presentes na paisagem, de eventos que revelam a noção espaço-temporal retratando o espaço romanesco nas obras literárias, a partir do qual são desveladas as memórias da ficção, mas também de fatos reais, os quais contribuíram para a construção e modificação do espaço geográfico.

Nessa perspectiva, é que se busca compreender o espaço geográfico romanesco retratado na obra literária *O Quinze* (QUEIROZ: 1977) e em que medida a formação de campos de concentração ou currais humanos se constituíram com uma estratégia de ação ao mesmo tempo em que revela a ausência do Estado, pela falta de políticas públicas voltadas para o campo, assim como de sua presença, a partir das ações e processos característicos de expulsão e atração de populações, consorciados com violação dos direitos humanos, processos de eugenia e higienismo social.

Para atenção a este objetivo elegemos como objetivos específicos: 1- analisar o espaço romanesco descrito na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; a partir da investigação do discurso que caracteriza e apresenta a situação posta nos cenários do presente objeto de estudo em suas interfaces com a Geografia e a Literatura; 2- Identificar as relações socioespaciais expressas na trajetória dos 'Retirantes da seca', do Estado do Ceará, o que consolidou o êxodo rural pela ausência de subsídios para as necessidades básicas, por conseguinte, da ausência do Estado na mitigação dos problemas regionais e na violação dos direitos humanos, ocorridos no período de estiagem prolongada vivida no estado do Ceará, conforme retratada na obra; 3- Interpretar como os currais, ou campos de concentração atraíram e acolhiam os Retirantes da seca com o objetivo de controle de corpos, como uma expressão de eugenia, higienismo social e expulsão dirigida de populações viabilizadas pela expansão do capitalismo e de abertura de fronteiras no País, consolidando a desterritorialização permanente desses povos; 4- Compreender como a aparente ausência do Estado se configura também como presença deste aparelho na construção do espaço geográfico associado aos interesses do capital e, da abertura de fronteiras, a segregação e concentração da população vítima da seca, nos espaços próximos aos centros urbanos.

O conhecimento da obra enaltece o detalhamento acerca dos aspectos naturais, sociais, econômicos e políticos regionais, podendo servir de estudo que contempla a Geografia Física e a Geografia Humana, sem que haja a dicotomização, mas a viabilidade da inter/transdisciplinaridade no entendimento dos fatos ocorridos, da responsabilização do Estado, da violação dos Direitos Humanos (DH) dos sujeitos do campo pelos impactos sofridos, sobretudo pelas populações camponesas daquela época.

Pretendemos com os resultados da pesquisa, resultante neste trabalho, ampliar para as ciências sociais e na área de Geografia Humana, os trabalhos que envolvam esse elo possível entre a Ciência Geográfica e a Literatura, na compreensão do espaço romanesco representado na obra estudada.

Os procedimentos teóricos metodológicos da pesquisa assumem uma visão dialética, ao passo em que buscamos estabelecer relações entre a realidade vivenciada pelos Retirantes e, a obra literária em estudo, a partir de revisão bibliográfica inerente ao objeto de estudo e reconhecendo a importância da compreensão do conceito de espaço romanesco.

A estratégia metodológica está fundamentada em pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica envolve o levantamento de teses, dissertações, trabalhos monográficos, livros e outras obras literárias afins que tratam os fenômenos da seca e da fome como inerentes ao estereótipo criado em relação ao espaço Nordeste e aos seus sujeitos, assim

como ações que resultam em situações que expressam eugenia, higienismo social e violação dos direitos humanos.

1.1 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Realizamos um levantamento em sítios eletrônicos como *Portal Scielo*, *Portal Capes* e *Domínio Público*, além de bibliotecas públicas de *Instituições de Ensino Superior (IES)*, nos quais se pode encontrar acervos bibliográficos voltados à temática em análise. A pesquisa documental incluiu a busca de documentos relativos ao momento da existência de campos de concentração, cujas informações e documentações que desvelar fatos e notícias a respeito desse fato investigado.

A partir da análise de aspectos culturais do estado do Ceará presentes na Obra, a presente pesquisa se deu no período de março de 2022 a março de 2023, fazendo referência ao período histórico compreendido entre os Séculos XIX e XX, mais precisamente os anos de 1877 a 1934 como forma de possibilitar uma maior compreensão da ocorrência de longos períodos de estiagem na região Nordeste.

As informações da pesquisa documental serviram para o tratamento das informações e a produção de um acervo de informações científicas tratadas em tabela, imagens, reportagens, dentre outros, contribuindo para a produção de outros estudos, assim como o tratamento do tema para outros pesquisadores que se interessem em continuar a pesquisa como forma de contribuir com a Educação Básica e o Ensino Superior, como expressão da importância do conhecimento da história local e, de sua contextualização na educação, no Estado do Ceará e, em outros espaços que se interessem pela temática.

Além do primeiro capítulo, a introdução e, das considerações, este texto se apresenta em três capítulos, sendo o segundo capítulo constituído por dois subtópicos, intitulado *Geografia e Literatura: O Espaço Geográfico Romanesco da Obra Literária O Quinze*, nele contextualizamos as interfaces da geografia e literatura, e abordamos o conceito de espaço geográfico e espaço romanesco presente na obra supracitada.

Direitos Humanos, Migração e os Processos de Eugênia e Higienismo Social é o título do terceiro capítulo, contém três subtópicos, trata acerca da violação de direitos humanos ocorrida no Ceará, com as vítimas da seca, em seguida a necessidade desses povos de retirar-se para outros lugares em busca de meios de sobrevivência e por fim a observação dos processos de eugenia e higienismo social dentro do romance “O quinze” (1977).

E por fim, com dois subtópicos, o quarto capítulo *A Ação do Estado e a Formação de Campos de Concentração ou Currais Humanos* nesse último buscamos analisar as estratégias do governo e a sua ação e participação no aprisionamento e controle de corpos dos retirantes da seca.

2 GEOGRAFIA E LITERATURA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO ROMANESCO DA OBRA LITERÁRIA ‘O QUINZE’

Para compreender o espaço geográfico romanesco, é necessária a compreensão da categoria espaço, que compreende as categorias geográficas, que são Lugar, Território, Paisagem e Região, para assim contemplar a unificação de todas e entendê-las na literatura, o ambiente da ficção e da representação de fatos do cotidiano. Buscando abordar o principal conceito, este capítulo encontra-se dividido em dois subtópicos.

Nessa perspectiva, o primeiro trata da contextualização à pesquisa e uma breve biografia sobre a autora Rachel de Queiroz, seguida da relação entre a Geografia e literatura em suas contribuições para o ensino. O segundo abordará a conceitualização do espaço romanesco presente na obra em estudo, *O Quinze*.

2.1 CONTEXTO DA OBRA, A AUTORA A AS INTERFACES ENTRE A GEOGRAFIA, A LITERATURA E O ENSINO

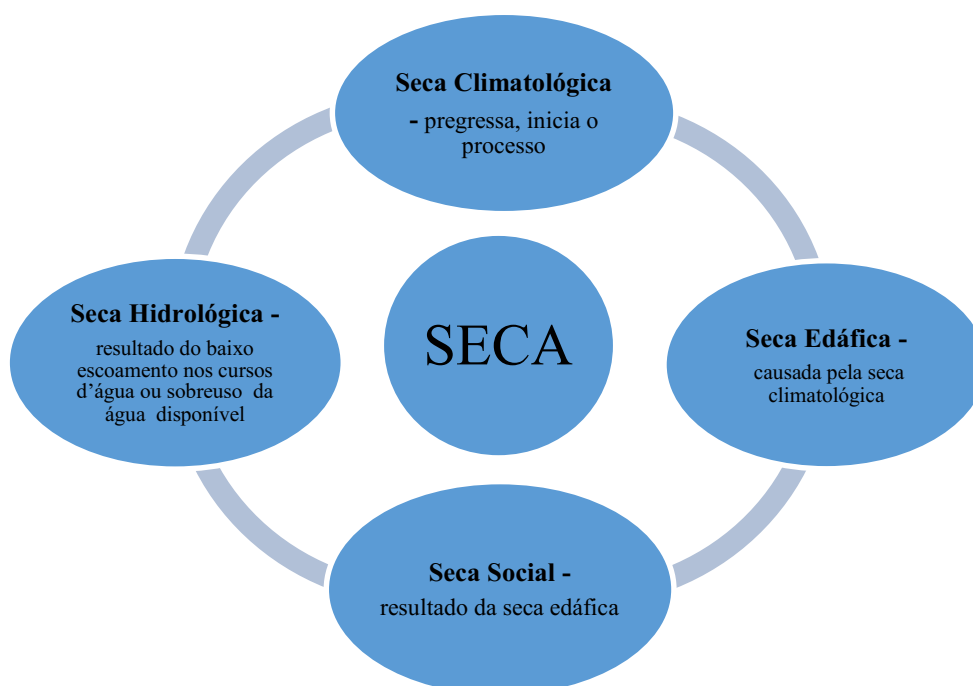
A obra de Rachel de Queiroz (1910-2003), *O Quinze* (1977; 1993) apresenta a contribuição de se analisar o espaço romanesco a partir desta, a qual retrata uma porção da região Nordeste do Brasil, no Estado do Ceará (CE), referente à época em que o enredo ocorre no ano de 1915, momento em que o Nordeste perpassa forte estiagem característica regional desse espaço que se dá por sucessivas secas.

O Estado do Ceará, assim como Pernambuco, para pensar o caso específico da região Nordeste, não sendo diferente nos demais estados dessa região, tem registros do despreparo infraestrutural e das consequências a que estão submetidas as suas populações, tendo consequências à migração e o êxodo, a fome, pobreza, miséria, a morte. Segundo Campos & Studart ([s.d.], p. 3),

Foi a grande seca de 1777-1779. Há quem estime que “morreram mais de 500.000 pessoas no Ceará e cercanias”. Mesmo considerando algum exagero da estimativa, devido ao choque causado pela situação, esse foi realmente um grande desastre. Talvez o maior desastre que já atingiu uma região brasileira. Um século depois, outra severa e duradoura seca atingiu o Nordeste Brasileiro. Foi a seca de 1888, conhecida como a seca dos três oitos. A partir de então, o debate de uma solução para o problema tornou-se mais profícuo. Basicamente haviam três linhas: os favoráveis à açudagem e à irrigação; os favoráveis à transposição do rio São Francisco e irrigação; os favoráveis à mudanças no perfil econômica da Região e os proponentes de soluções pontuais de impacto (CAMPOS e STUDART [s.d], p.: 3).

A ocorrência das secas e suas etapas, de acordo com a definição de seca, tratam-se de um fenômeno de cunho natural, que acomete diversas regiões do Planeta e, em se tratando do Brasil, tem maior evidência na região Nordeste do País. A seca é um fenômeno característico do Semiárido brasileiro e tem classificações e interdependências entre seus vários tipos: seca edáfica, seca climatológica, seca hidrológica e seca social. O ciclo da seca pode ser retratado nessas quatro fases, seguindo de um processo natural ao impacto social.

Figura 01 - Organograma explicativo dos tipos de seca e suas correlações.



Fonte: Organizado pela Autora (2023). *In.*: Campos & Studart ([s.d.], p. 3).

Para os autores (*ib. id.*, p. 3, grifos dos autores),

A seca climatológica (causa primária ou elemento que desencadeia o processo), **a seca edáfica** (efeito da seca climatológica), **a seca social** (efeito da seca edáfica) e finalmente, **a seca hidrológica** (efeito dos baixos escoamentos nos cursos d'água e/ou do sobreuso das disponibilidades hídricas).

A seca no Semiárido Nordestino tem servido secularmente aos interesses da política e tem trazido consequências distintas, seja para as classes dos detentores dos meios de produção e os capitalistas, seja para os trabalhadores e os despossuídos da terra. Para os primeiros, usufruem da infraestrutura ofertada pelo Estado, seja pelo fato de tomar a região como espaço

de possibilidades, seja tomando-a como espaço problema. Para os despossuídos da terra, trabalhadores que apenas possuem, quase sempre, a sua força de trabalho resta-lhe a possibilidade de tornarem-se assalariados ou outras formas sub-humanas de trabalho e de relações, ou a migração, a retirada, a arribada.

Esses e outros aspectos da vida dos camponeses nordestinos foram retratados na obra *O Quinze* (QUEIROZ: 1977). Na série documental, apresentada na plataforma streaming HBO, contendo oito episódios, intitulada “Elas no singular” (2020), com direção e escrita de Fabrizia Pinto e Gustavo Ribeiro, que busca retratar a história das maiores escritoras brasileiras, é apresentado o episódio 3: “Rachel de Queiroz: Sob o Signo da Seca” (2020). Nele, a escritora, cronista, jornalista e política, fala sobre sua história, família, seus trabalhos e suas obras. No documentário, Rachel de Queiroz (1910-2003) relata que nasceu no final do ano de 1910, natural do Quixadá, no estado do Ceará, teve quatro irmãos, o pai foi um Bacharel, e sua família eram de intelectuais. Aos 11 anos começou a frequentar a escola regular, passou quatro anos e a saiu, tornou-se autodidata. Entre as inspirações literárias, Rachel de Queiroz afirma que Machado de Assis era o seu autor preferido, contudo sempre teve muito contato com outras obras literárias como Eça de Queiroz, Tolstói e Dostoiévski, em razão de seus pais terem influenciado nesse interesse pela literatura, e a mesma deu prosseguimentos a esses passos.

O romance intitulado ‘O Quinze’, publicado em 1930, foi escrito quando Rachel de Queiroz tinha 19 anos de idade. A escritora relata que nesse momento de sua vida, já sabia o que era uma seca, pois no ano de seu nascimento já estava acontecendo o fenômeno da estiagem no Ceará, posteriormente, no ano de 1915, ocorreu um longo período de crise, ‘a seca de quinze’. A autora (ib. id.) se remete às lembranças desse período, com memórias de pessoas em caminhadas de retirantes, pedindo esmolas, com fome e nos campos de concentração.

Ainda nessa entrevista, a autora afirma que apesar de ter visto muitas ‘secas’, o livro em questão trata mais da seca de 1919. Autora de seis romances, entre eles estão: *O Quinze* (1977; 1993), *As Três Marias* (1939), *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992). A autora se reconhece um animal político, com acesso à educação e a politização, assim como o fascínio pela política. Ingressou em 4 de agosto de 1977 na Academia Brasileira de Letras, apesar de se considerar uma amante da literatura, e não ter a necessidade de pertencer a este lugar, ela tornou-se membro e primeira mulher a fazer parte da Instituição.

O período ao qual se remete a obra literária considerada (1915) reflete um momento de intensa estiagem e fome, mas com profundas resistências e lutas na região Semiárida Nordestina, em especial pelas populações camponesas que sofreram dizimações e, por terem sido forçadas a migrar, se desenraizar, se desterritorializar de seus espaços, de morada e de vida,

em busca do incerto, desconhecido, ainda com prenúncios do sonho da terra prometida, de uma vida digna, de ocupação e renda.

Assim, a construção social do espaço geográfico é um fator de importância para a ciência geográfica, tendo em vista que é um dos condicionantes que possibilitam a existência da Geografia. Nesse sentido, analisar momentos na história que possibilitaram a estrutura histórico-social permite uma maior compreensão acerca da memória regional ou local.

Tratar de um determinado acontecimento em um dado período histórico requer um cuidado minucioso ao analisar os dados que levam aos fatos, pois cada evento em suma define e determina a historicidade e a concretização, isto é, a construção do espaço que é social e comporta sistemas de ações e objetos, pois conforme Santos (2002, p. 64), “o sistema de objetos e sistemas de ações definem o espaço”. Quando falamos de direitos humanos inerentes a toda pessoa humana sem distinção de raça, cor, etnia, sexualidade, religião, dentre outros, é sabido que acesso à educação, ao trabalho, a qualidade de vida, são obrigações do Estado, no entanto, há uma ausência deste que se em seu papel e dever negando a implementação desses direitos, para as vítimas, aqui entendidas a partir do retratado na obra, como sendo/ ‘retirantes’.

A limpeza e purificação de populações, raças foram estratégias adotadas, no Brasil, com o intuito de transformar a sociedade, pautada em conhecimento, ou melhor ‘crenças limitantes’, e assim houve diversas situações nas quais a proibição de pessoas com problemas mentais terem filhos, a criação de complexos psiquiátricos e o isolamento e distanciamentos de pacientes do convívio social, asilos de idosos onde estes são separados de seus familiares, por exemplo, são estratégias adotadas pelo Estado na promoção de programas que podem atuar no sentido de violar direitos humanos e trazer consequências agravantes à formação humana, ao convívio em sociedade e até, a própria manutenção da vida. Tais situações podem ser entendidas quando se estuda o espaço geográfico e os fenômenos e as relações que nele se fazem presentes.

O espaço ao qual se reporta a obra *O Quinze*, se refere ao estado do Ceará, localizado no Nordeste brasileiro, caracterizado por dois climas que são Tropical Úmido e Semiárido, e sua vegetação típica da Caatinga em maior parte do seu território, detém uma das mais importantes chapas, a Chapada do Araripe, que se localiza no Cariri, extremo sul, e possui uma rica fauna e flora, sendo assim um grande atrativo para o turismo da região. Além disso, há a Chapada do Apodi e a Serra da Ibiapaba.

Cabe ressaltar que as mudanças ocorridas no Estado Cearense transformaram não só a população, mas a sua paisagem, e todo o espaço ao longo de sua história. Ainda há muitas famílias no mapa da fome de acordo com os estudos realizados pelo IPECE em 2011: “17,8%

da população cearense foi classificada em situação de miséria, com base no parâmetro estabelecido pelo MDS”.

Dentre as transformações do espaço com vistas ao acesso à água e a convivência com o Semiárido, destaca-se o ato de prever acerca do ano se vai ou não ter considerável pluviometria. Assim destacamos a previsão científica, mas também de ordem popular. Além das previsões podemos citar o projeto de açudagem que remonta ao período de 1877, tendo sido discutidas a proposição e a posterior construção de açudes e grandes represas, a exemplo, e citam-se os exemplos no Ceará da Barragem de Lima Campos (Icó-CE, abril a dezembro de 1932), Orós (Orós-CE, 1958-1961) e Castanhão (entre os municípios de Alto Santo, Jaguaribara, Jaguaribe e Jaguaratama, 1995-2002), que nascem como subsídios dos projetos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), e servem a projetos de Governos que pretendiam ‘combater a seca’.

Mais recentemente, a consolidação das obras de abastecimento de água como é o caso da transposição das águas do Rio São Francisco pelo Sertão Nordestino, esta que remonta sua discussão inicia ao período de 1847, ao passo em que promove para alguns o acesso à água em condições adversas, para outros há a desterritorialização para que as obras sejam efetivadas, dentro do projeto, como o exemplo de cidades da Paraíba. A chegada dessas águas da Transposição é uma das formas de convivência com a seca do Sertão Nordestino, uma das ações desenvolvidas pelo Governo Federal que viabiliza a distribuição desse recurso natural para a manutenção da vida e a permanência no campo e nos interiores dessa região. Salientamos que tanto a escassez de água quanto a construção de grandes empreendimentos de barragens se constituem como elementos de mobilidade e desterritorialização forçada de populações nessa região do Ceará. Na escassez a migração, em geral permanente intra e inter-regional, e, na construção de açudes a desterritorialização por serem atingidos por barragens, por vezes fatais, como no caso da construção da barragem de Orós quando durante a sua construção houve arrombamento da obra e a mesma causou inundações. Esta é uma breve reflexão, pois não cabe aos nossos objetivos aqui propostos.

Embora haja estratégias, políticas e programas que fortaleçam a convivência com o Semiárido, considerando o espaço do Estado do Ceará as estatísticas demonstram um cenário de fortes desigualdades sociais, o que nos remete na atualidade a confrontar os dados e a perceber a trajetória contínua das migrações nessa região, ou mesmo na permanência dessas populações, o registro de fortes desigualdades sociais. De acordo com o CadÚnico (2022) o Estado do Ceará apresenta “3,4 milhões de pessoas que vivem em famílias cadastradas como extremamente pobres”.

Segundo Almeida (2013, p. 1), o problema do semiárido não é a seca; é a cerca, que cerca a terra e a água”. Para o autor (ib. id.), “[...] a tragédia da seca encobre interesses escusos daqueles que têm influência política ou são economicamente poderosos, que procuram eternizar o problema e impedir que ações eficazes sejam adotadas”.

Tal problemática se retrata aparece em inúmeras obras, desde a bibliográfica de Durval Muniz em sua obra *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2009), *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos (1892-1953), Euclides da Cunha (1866-1909), na obra *Os sertões* (1902), na poesia por Patativa de Assaré e, na música por versos retratados por Luiz Gonzaga (1912-1989) e Humberto Teixeira (1915-1979) para *Asa Branca* (1947): “Que braseiro, que fornaia; nem um pé de prantação. Por farta d’água, perdi meu gado, morreu de sede meu alazão”. Igualmente, podemos constatar, na música de Dominginhos [s.d.], a qual caracteriza o espaço camponês numa perspectiva que retrata os períodos de estiagens prolongadas e o determinismo que demarca a realidade nordestina brasileira, quando da ausência do Estado.

O rio seco, a vida seca
 Que tristeza, já tem vaca no jirau
 O cercado sem pasto
 Sem ter água pro gasto
 Pela fé do lavrador
 Só vou dormir quando chover
 Aí já é de madrugada
 A noite nublada
 Fez-se num aguaceiro
 Vem fecundar minha pobreza
 Nas terras que eu planto
 Sem ter canto pra ficar
 Chuva mata minha fome, minha sede
 Homem pobre como eu
 Sabe esperar, lutar
 Pra depois colher
 O seu feijão
 Dono do chão com seus irmãos¹ .
 (Dominginhos: [s.d.])

Da música à literatura, dentre outros gêneros, são encontrados os registros acerca de como se retrata e se trata a seca na região Nordeste, seja considerando-a como região de

¹ Trecho de *A fé do lavrador*. Composta por Dominginhos. Disponível em: <http://www.lettras.com.br/dominginhos/a-fe-do-lavrador>. Acesso em 13 de maio de 2023.

possibilidades, seja como região problema. E o ensino de Geografia tem se constituído elemento importante no tratamento da questão, pois deve ser abordado evitando dicotomias e estereotípias, mas partindo de abordagens que considerem a realidade dos sujeitos, o espaço como *lócus* de estudo, assim como a compreensão das relações que se dão nesse espaço, considerando as intervenções e ações do Estado no tratamento dado às necessidades locais.

A Geografia analisada por uma categoria específica nos permite ter maior dimensão do que se pretende estudar, ainda que a categoria de espaço geográfico seja tão abrangente. A partir dela poderemos entender a apropriação e os interesses que permitem as mudanças nos espaços de acordo com os interesses políticos e sociais.

Do ponto de vista social, estudar a obra *O Quinze*, (QUEIROZ: 1977) visa colaborar para a valorização histórica e cultural que permeia a construção do espaço geográfico do Estado do Ceará, por conseguinte do Nordeste, no período referendado. Do ponto de vista acadêmico, propicia a releitura do espaço descrito na obra tendo em vista instigar pesquisas regionalistas que retratam fatores históricos que contribuíram para a existência de formas impressas na paisagem, as rugosidades, como por exemplo, as sedes administrativas de currais humanos ou campos de concentração, os quais recebiam as vítimas da seca, representando uma espécie de controle de corpos, o biopoder (FOUCAULT: 2004a; 2004b). Igualmente, revelam eugenia e higienismo social, os quais demarcam a violação dos direitos humanos (DH). Assim, contribuem para perceber na paisagem os movimentos, os fluxos e os fixos que denotam as relações sociais que se dão como reações aos efeitos das políticas e programas de Estado, ou pela ausência desses programas de políticas públicas, cujos efeitos podem ser sentidos na presença contínua de migrações que se perpetuam na região Nordeste em caráter inter e intra-regional, motivados, sobretudo pelos interesses do sistema capitalista por vezes associados aos interesses do Estado como expressões do biopoder.

A noção de biopoder em Foucault (1999) diz respeito à sociedade da disciplina e do controle, tendo como principal objetivo possuir poder sobre os corpos, isto é, a sociedade passa a ser dividida entre o que é ou não normal e aceitável, assim os indivíduos considerados inadequados aos padrões estabelecidos, são descartados. Além disso, presume-se que o poder é uma construção social, fruto de uma combinação de controle territorial e necessidade de controle sobre os seres, onde os atores que constroem o espaço são dominados pelo Estado. Como exemplo de controle, podemos apontar a natalidade, taxa de mortalidade, migração, os fluxos dos centros urbanos, o êxodo rural, as obras que causam desterritorialização e reterritorialização de populações, dentre outros.

Compreender e conhecer essa história são interesses do ensino de Geografia, o qual se ampara no conhecimento da formação social do espaço geográfico, cuja reflexão envolve a compreensão e explicação do processo contínuo e histórico de produção do espaço pela sociedade. Entender essa nuance da obra *O Quinze* e a forma como se retrata o espaço geográfico, revela a literatura como importante gênero textual e linguagem para a compreensão do conceito de espaço romanesco, as formas como os sujeitos se relacionam nesse espaço, bem como a forma como a literatura apresenta a ficção a partir de fatos reais.

O conhecimento acerca da representação do espaço se dá por vias de metodologias e linguagens distintas, sendo a linguagem aqui adotada, a literatura. Quando estudada em um romance faz-se a abordagem a partir do conceito de espaço romanesco (LINS: 1976). De acordo com Lins (1976; *apud* Lima s.d. p. 134):

o espaço no romance pode transformar-se em ambientação e comparecer à narrativa sob três formas: a ambientação franca, a ambientação reflexa e a ambientação oblíqua. Na primeira dessas formas, há uma pausa simples na narrativa que é preenchida pela descrição, sem intervenções diretas do narrador. Na segunda, o leitor percebe o ambiente por meio das relações dos personagens com o espaço, e na ambientação oblíqua ou dissimulada, a descrição se desenvolve junto à ação, ao desenvolvimento da narrativa, o que a torna um pouco mais complexa de ser identificada por não depender do discurso do narrador nem do leitor. Em conjunto com essas três formas, a ambientação do espaço no romance desenvolve três funções: influenciar os personagens caracterizá-los e, ainda, situar a ação.

Segundo Coelho (2014) “a utilização de obras literárias no ensino de Geografia se constitui como uma proposta renovadora” e que inclui a perspectiva de leitura de mundo dos sujeitos da escola. Daí a importância de associar a literatura aos estudos geográficos e especialmente na compreensão dos aspectos regionais. Ainda de acordo com Coelho *et.al* (2014, p. 04):

[...] trabalhar a Geografia a partir de obras literárias regionais torna-se uma importante estratégia metodológica e didática, no sentido de propiciar ao aluno a compreensão dos aspectos geográficos a partir de um contexto literário, que por sua vez está repleto de detalhes e questões referentes à região [...].

Considerando nossa estadia num curso de formação inicial docente em Geografia, enaltecemos a importância da leitura de mundo dos sujeitos da escola na interpretação do espaço geográfico, seja pelas suas vivências, ou por estas associadas à utilização de múltiplas linguagens.

Diante do exposto, a concepção de tempo e espaço, assim como a conceitualização da paisagem, contribui para compreender os debates acerca do controle de corpos, mediante análises do espaço geográfico romanesco do presente estudo. Portanto, o subtópico que se segue buscará explanar as supracitadas categorias, e sua representação na obra estudada.

2.2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO ROMANESCO CONTIDO NA OBRA LITERÁRIA *O QUINZE*

A Geografia Literária permite a reflexão do espaço a partir da arte, dessa abstração trazida nos romances, ao tempo em que assume uma perspectiva de caráter sociocultural e econômico, e é também, um instrumento pedagógico, metodológico e político. Permitir-se criar, e não apenas debruçar-se sobre as linhas de interpretação, sejam por meio de poemas, desenhos, crônicas, fábulas, nos quais é possível e necessário que o espaço geográfico esteja presente e visibilizado, retratando o ser, o lugar onde o homem vive, criando e recriando as suas relações e, a produção/reprodução do espaço.

Segundo Santos (2007, p. 122) “[...] o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. Sob essa perspectiva, pode-se inferir que a distribuição de riquezas é desigual, sendo um dos fatores para a diferenciação do espaço, causando essa heterogeneização dos lugares, e conseqüentemente das condições de vida e acesso aos meios pela população.

Na obra “A Natureza do Espaço” (SANTOS: 2006, p. 77) o autor conceitua o espaço e a paisagem como totalidade e totalização, havendo uma distinção entre ambas as categorias: “[...] a totalização já perfeita, representada pela paisagem e pela configuração territorial e a totalização que se está fazendo, significada pelo que chamamos de espaço”. Para esse autor em ‘A Metamorfose do Espaço Habitado’ (SANTOS: 1988, p. 21), a paisagem é:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

O espaço romanesco retratado na obra reflete o espaço das desigualdades, da incompreensão, do desrespeito e das invisibilidades impressas na paisagem representada, tanto no domínio do visível, impresso na paisagem descrita pela autora da obra, como na impressão das capas da obra, em suas distintas edições, assim como na forma simbólica representada pela

demarcação dos espaços e marcas da fome, da morte, da desigualdade social. É também espaço de esperança. No trecho a seguir, Queiroz (1977, p. 13-14), afirma:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo. [...] Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! [...] — E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu a carne tem de roer os ossos... (QUEIROZ, 1977, p.: 13-14).

Na busca pela interpretação e o conhecimento do espaço ao qual se intenciona estudar, há a necessidade de garimpar as categorias que constituem essa conceituação. Sendo, a categoria paisagem, primordial para interpretação de aspectos corriqueiros e importantes, presentes na caracterização do lugar e assim, na configuração do espaço que se diferencia, a partir dos elementos que se apresentam como partes constituintes do mesmo.

Para expressar melhor as análises acerca da obra, buscamos compilar as ilustrações das mais variadas edições que houveram de ‘O Quinze’, sendo 44 edições, as quais servem de contextualização do que retrata a história contada por Rachel de Queiroz.

De acordo com Oliveira (2017, p. 79), o autor faz uma comparação entre as obras de Rodolfo Teófilo, *A Fome* (1890) e *A Seca de 1915* (1922) e, de Rachel de Queiroz, *O Quinze* (1930), enfatizando que ambos partiram de visões e experiências diferentes de perceber e escrever sobre a seca, sendo o primeiro o que viveu e viu, e a segunda, que leu ou ouviu sobre a seca:

Seu primeiro romance é composto por uma série de elementos tropológicos da narrativa da seca, mas que ainda estavam em formação. É preciso destacar que, embora existam muitos pontos de encontro com a literatura existente até os anos de 1929 sobre a seca, no romance de Rachel de Queiroz há elementos novos e suas experiências de escrita são díspares. No caso de Rodolfo Teófilo, seus livros são, em certa medida, o testemunho daquele que viveu e viu as consequências da seca.

A escritora d’O Quinze nunca viveu num período de estiagem prolongada. Dessa forma, enquanto Rodolfo Teófilo escreve com os olhos de quem viu, Rachel de Queiroz produz seu romance a partir dos olhos de quem leu e com os ouvidos de quem ouviu as narrativas orais sobre as secas no Ceará, as quais eram uma constante no cotidiano das pessoas com quem ela convivia.

Segundo a escritora, foram os relatos orais um dos maiores fatores que contribuíram com o processo de escrita.

Em seu romance há uma relação intrínseca entre escritura e oralidade, entre representação e verossimilhança. Diante do exposto, é possível considerarmos que o romance *O Quinze* possui elementos de um conjunto de experiências de sujeitos que vivenciaram diferentes secas em diferentes tempos. Há um jogo de narrativas e temporalidades que compõem um enredo para a autora narrar os fatos, organizar os cenários, produzir os eventos e construir uma forma narrativa para seca de 1915, no Ceará. (OLIVEIRA: 2017, p. 79).

Cada edição da obra apresenta uma capa distinta contendo paisagens diversas, quase sempre se remetendo ao Nordeste do passado, do atraso, uma leitura equivocada que reflete sinais de pobreza, miséria, fome, retratando principalmente a caracterização da flora como algo também relacionado à pobreza e infertilidade do solo. Assim, são fomentados no enredo literário da obra os traços de um Nordeste seco, pobre, atrasado, retrógrado, conforme se pode constatar nas figuras, a seguir.

Figura 02: 1ª Edição do livro *O Quinze* (QUEIROZ: 1930).



Fonte: Google Imagens (2023).

Segundo Oliveira (2017, p. 99):

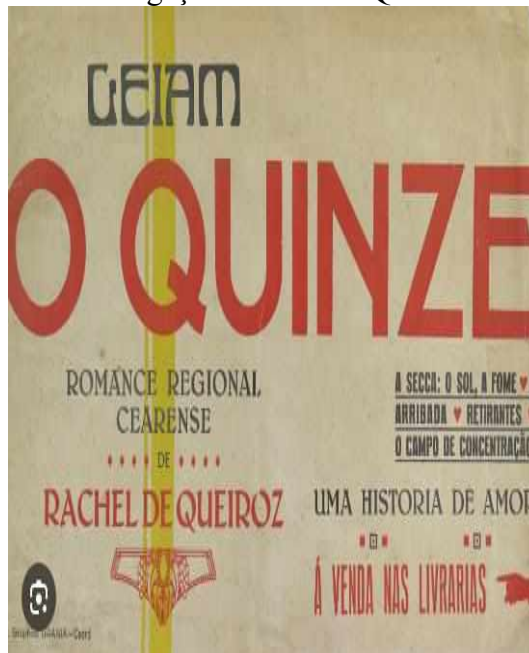
a capa da primeira edição é possível estabelecermos algumas analogias. O jogo de sombras que traz um homem de braços abertos nos remete à imagem de Jesus Cristo no madeiro. Ela ainda pode ser relacionada com as chagas de São Francisco. Tais elementos são identificáveis na narrativa de Rachel de Queiroz.

A imagem da crucificação de Jesus Cristo se faz presente de maneira sutil na obra através dos aspectos da religiosidade que perpassam a narrativa. Mas, são

as chagas de São Francisco que ganham ênfase e cuja presença é constante no Estado do Ceará devido às romarias e festejos dedicados ao santo durante o fim do mês de setembro e início de outubro, principalmente na cidade de Canindé onde há uma basílica dedicada a Francisco.

Podemos inferir na primeira edição, a presença de três agentes, um localizado na parte central, que nos remete ao poder e tomada de decisões, e os dois à direita e a esquerda, como agentes passivos, sem perspectivas e vulneráveis. Outro aspecto peculiar são as cores quentes, sob um solo sem vida, observa-se o Sol no horizonte de um céu limpo, sem eminentes precipitações de chuva, tratando de um período de poucos olhares para o futuro, consumido pelas aflições do presente.

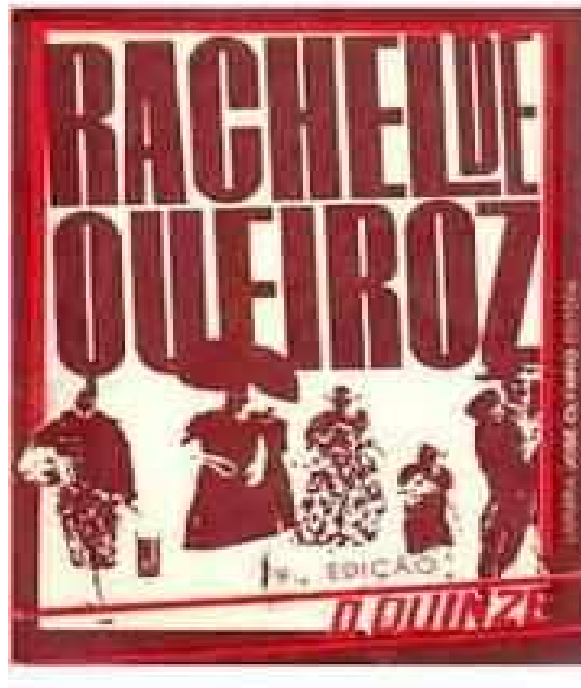
Figura 03 - Cartaz produzido pelo Estabelecimento Graphico Urania, em 1930, para divulgação do livro *O Quinze*.



Fonte: QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Ed. fac-similar. Brasília: Senado Federal, 2008. In.: Oliveira (2017, p. 145).

O cartaz apresenta a divulgação da obra *O Quinze*, ainda em sua 1ª Edição, como elementos semióticos como as cores que representam ainda um momento de menor requinte dos recursos gráficos; o chamamento para a localização da obra como um acontecimento regionalista; seguido da ênfase dada a elementos que fortalecem o estereótipo da região Nordeste marcado por séculos como espaço do atraso e da subalternidade: a seca, a fome, a arribada, os retirantes, o campo de concentração.

Figura 04: 7ª, 8ª: 9ª e 10ª edições do livro *O Quinze* (QUEIROZ: 1969). Editora: José Olympio.



Fonte: Google (2023).

Para Oliveira (2017, p. 104),

Os recursos descritivos em relação aos retirantes, para o caso d'O Quinze, foram utilizados com veemência na 12ª segunda edição lançada pela J.O.. A edição contou com uma série de ilustrações feitas por Poty². Por se tratar de uma publicação comemorativa, também foram inseridos uma gama de textos de críticas ao romance para justificar o ato de celebrar os quarenta anos da publicação do mesmo.

As ilustrações feitas pelo artista plástico para a edição comemorativa seguiram o modelo de produção de imagens sobre a seca no nordeste. Em outras palavras, ele partiu dos tropos narrativos e da tropologia visual sobre a seca durante o seu fazer como artista inserido dentro do regime de visualidade para a produção de livros da José Olympio.

A Figura 04 retrata as 7ª, 8ª, 9ª e 10ª edições do livro O Quinze (QUEIROZ: 1969) tendo como foco um grupo de pessoas trajadas em roupa de época, sob tons vermelhos, considerável presença de mulheres carregando objetos e pertences como roupas, mantimentos, crianças nos braços, com menor quantidade de elementos que representam o estereótipo criado para a região Nordeste.

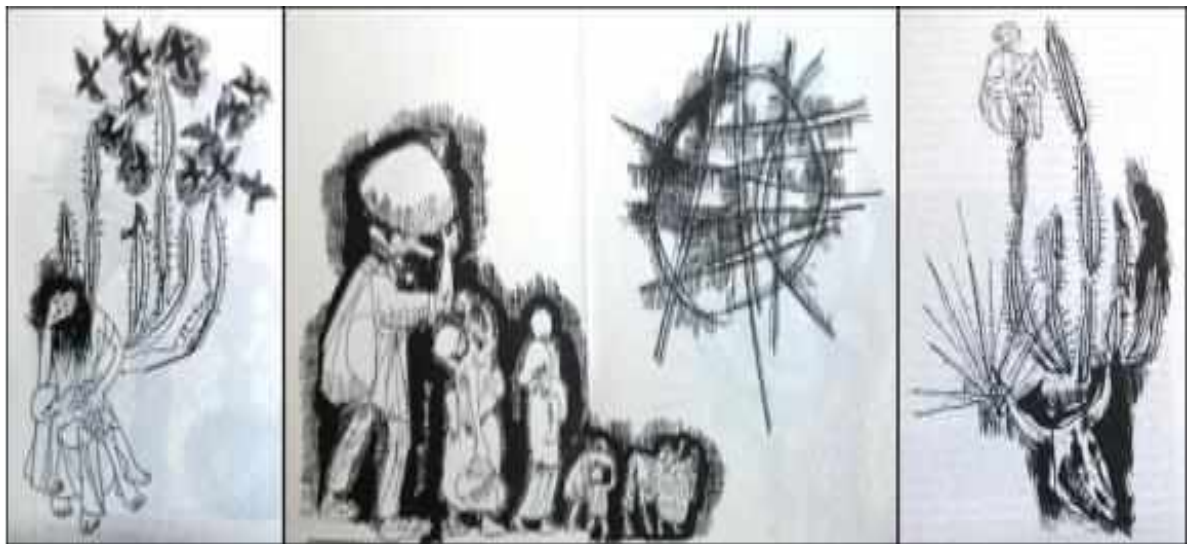
² Assim era chamado o artista Napoleon Potyguara Lazzarotto. Poty foi ilustrador de jornais, revistas e livros. Formado pela Escola Nacional de Belas Artes, no campo da arte atuou como desenhista e gravurista, cuja especialização era a litografia. Na década de 1980, foi considerado um dos maiores artistas do país. Ver: BARATA, Mário. Poty: a arte contra a guerra. Rio de Janeiro, Revista do Brasil, ano I, nº 2/84, 1984, p. 28-32.

A demonstração desse desenho representa a desigualdade existente numa mesma classe, pois apenas uma ínfima parcela conseguia passagens cedidas pelo Estado para se deslocarem para outros espaços.

Chico Bento negociou sua roupa de vaqueiro com Vicente que em troca lhe arranhou uma burrinha. Assim, seria esse o meio de transporte do vaqueiro: O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha. Iria nele até o Quixadá, ver se arranjava as passagens de graça que o governo estava dando. (QUEIROZ, 1977. p. 24).

Mas, quando não conseguiam passagens, seguiam em retirada, a pé, enfileirados em busca de novos horizontes. A revolta de Chico Bento ao não conseguir as passagens para a sua família o faz refletir acerca da desigualdade social no País, em especial no campo: “— Como se foi, Chico? Trouxe o dinheiro e as passagens? — Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!” (QUEIROZ: 1977, p. 27).

Figura 05 - Ilustrações feitas por Poty para compor o projeto gráfico da 12ª edição de O Quinze.



Fonte: QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970. In.: Oliveira (2017, p. 105).

As ilustrações apresentadas na capa dessa edição retratam o Nordeste do passado, conforme discutido por Albuquerque Júnior (2017). Segundo Oliveira (2017, p. 105):

Essas ilustrações remetem, também, a duas passagens da narrativa bíblica: a descrição do evangelista João sobre o momento em que Maria chora pela morte de seu filho Jesus, e a fuga de Maria e José para Egito, descrita no evangelho de Mateus. Estas, por sua vez, corresponderiam ao choro de Cordulina devido à morte de Josias e o traslado realizado pela família do interior à capital.

Para Oliveira (2017, p. 105):

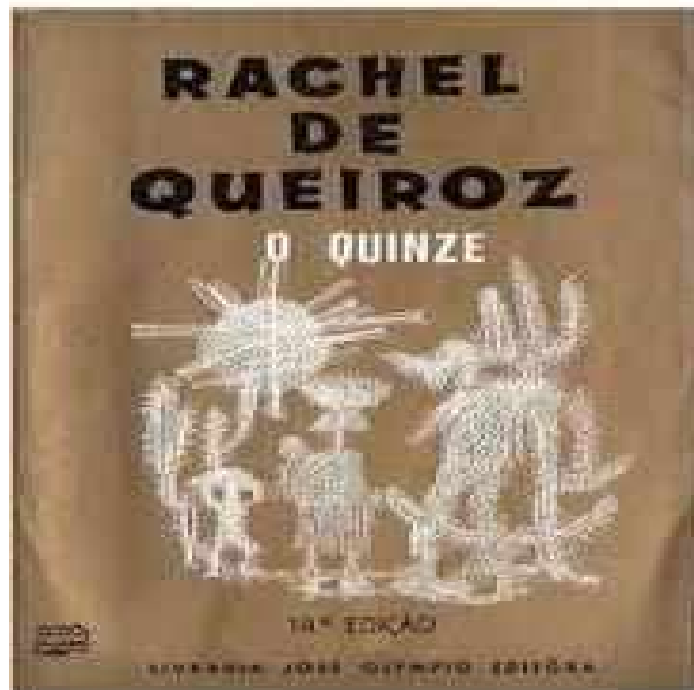
As ilustrações fazem referência a três momentos do romance O Quinze. No primeiro traz o sofrimento da personagem Cordulina ao perder seu filho Josias, que havia morrido por inanição. A segunda imprime a caminhada, a retirada da família de Chico Bento da cidade de Quixadá até Fortaleza. Já na terceira, o artista se detém a capturar a imagem da vegetação e ao fundo a do vaqueiro. Possivelmente, em relação a este último apontamento, foi realizada uma referência a Vicente, que no romance decide permanecer no sertão mesmo com a seca. Sobre esse último aspecto, a ilustração reforça outra imagem criada pela literatura em relação ao homem que vive no campo. Vicente representa a força, a valentia e a bravura do homem sertanejo que mesmo com todas as dificuldades existenciais não abandona a sua terra. Decide permanecer enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé.

Assim como na obra literária em estudo, também se retrata essa situação emblemática na música regional nordestina, a exemplo das músicas de Luiz Gonzaga e Fagner em ‘O Último Pau de Arara’, a qual retrata a resistência e a esperança do camponês em poder continuar em sua terra de origem, assim como o desejo de ter seus direitos garantidos, e, na esperança que venham as chuvas, luta e resiste enquanto é possível permanecer naquele espaço, abandonado, esquecido, invisibilizado. Esse momento apresentado na obra O Quinze é também percebido na música:

A vida aqui só é ruim
 Quando não chove no chão
 Mas se chover dá de tudo
 Fartura tem de montão
 Tomara que chova logo
 Tomara, meu Deus, tomara
 Só deixo o meu Cariri
 No último pau-de-arara
 Só deixo o meu Cariri
 No último pau-de-arara
 Enquanto a minha vaquinha
 Tiver o couro e o osso
 E puder com o chocalho
 Pendurado no pescoço
 Vou ficando por aqui
 Que Deus do céu me ajude

Quem sai da terra natal
 Em outro canto não pára
 Só deixo o meu Cariri
 No último pau-de-arara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara
 Enquanto a minha vaquinha
 Tiver o couro e o osso
 E puder com o chocoalho
 Pendurado no pescoço
 Vou ficando por aqui. (JOSÉ GUIMARÃES – CORUMBA – VENÂNCIO:
 [s.d.]) (*Grifos nossos*)

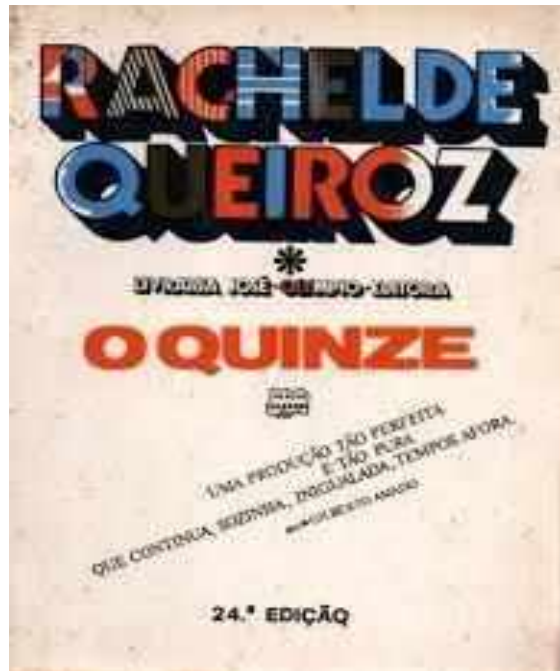
Figura 06 - 14ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1972). Editora: José Olympio.



Fonte: Google (2023).

A 14ª edição do livro O Quinze surge com tons terrosos e o desenho em giz, onde caracteriza os agentes do espaço como criaturas sem rostos, enfileiradas como família de retirantes na estrada transportando objetos e pertences pessoais em suas mãos e cabeças, além de crianças menores e crianças de braço no colo de suas mães. São trazidos alguns elementos que remetem ao Sertão, ao Nordeste como espaço do passado e de tentativas de inferiorização daquele espaço como espaço da improdutividade. A vegetação apresentada que se assemelha ao Mandacaru e o Sol como símbolo da região Semiárida.

Figura 07: 24ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1978). Editora: José Olympio.



Fonte: Google (2023).

A Figura 07 retrata a 24ª Edição (1978). Apresenta o título da obra com cores que remetem a uma mudança social, e a popularidade da obra para além da região Nordeste, sem quaisquer vestígios de representação da região. Apresenta uma idealização da modernidade e mudança após a década de 1930, época que pode ser interpretada como o período da revolução industrial no Brasil considerando as cores, o próprio desenho da arte e o período da edição, a década de 1970. Faz referência a reflexão acerca das transformações intra-regionais, sobretudo a partir da revolução de 1930, quando das transformações ocasionadas nacionalmente motivadas pelo desenvolvimento industrial da região Centro-Sul do País, demarcando o espaço regional por suas diferenciações peculiares atreladas às atividades econômicas de trabalho.

A Figura 08 apresenta a capa representada por um jovem casal, ilustração de romance de época, com roupas que sinalizam para a simplicidade da vida no campo, mas a presença da mulher que olha para fora e reflete as possibilidades, o olhar pensativo, enquanto a figura masculina aparece mais obscurecida e em segundo plano. A arquitetura presente retrata a construção padrão das casas da época.

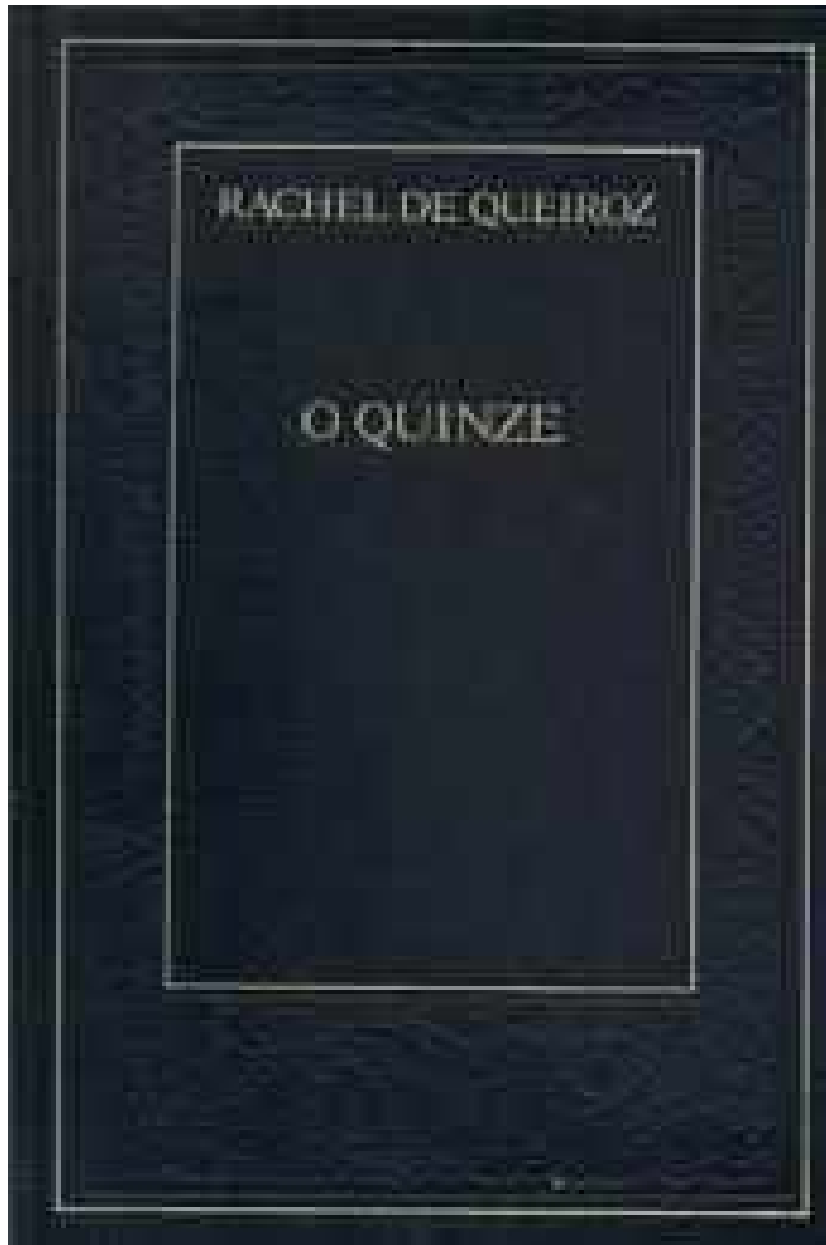
Figura 08 - Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 1987). Editora: Círculo do livro.



Fonte: Google (2023)

Os livros com esse tipo de ilustração foram um atrativo para o período, pois atingia um público específico, voltado para novelas. No entanto, não apresenta a caracterização típica de outras edições, que buscam sempre apresentar elementos que correspondem à representação da região Nordeste como espaço de subordinação, do passado e do retrógrado.

Figura 09: 20ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1995). Editora Círculo do Livro.



Fonte: Google (2023).

A Figura 09 apresenta uma versão clássica, típica de coleção, em capa dura e cor sólida, preta, sem quaisquer ilustrações ou paisagem, o designer da capa pode servir como elemento de classificação da leitura, e assim, sugerir a classificação. Segundo Lima & Pereira (2020, p. 90)

No Brasil, a produção de livros é classificada em quatro subsetores: obras didáticas (de caráter pedagógico), obras gerais (literatura adulta, juvenil e infantil), religiosos e CTP (científicos, técnicos e profissionais). Esses subsetores são divididos em áreas temáticas, porém, não existe um padrão de classificação.

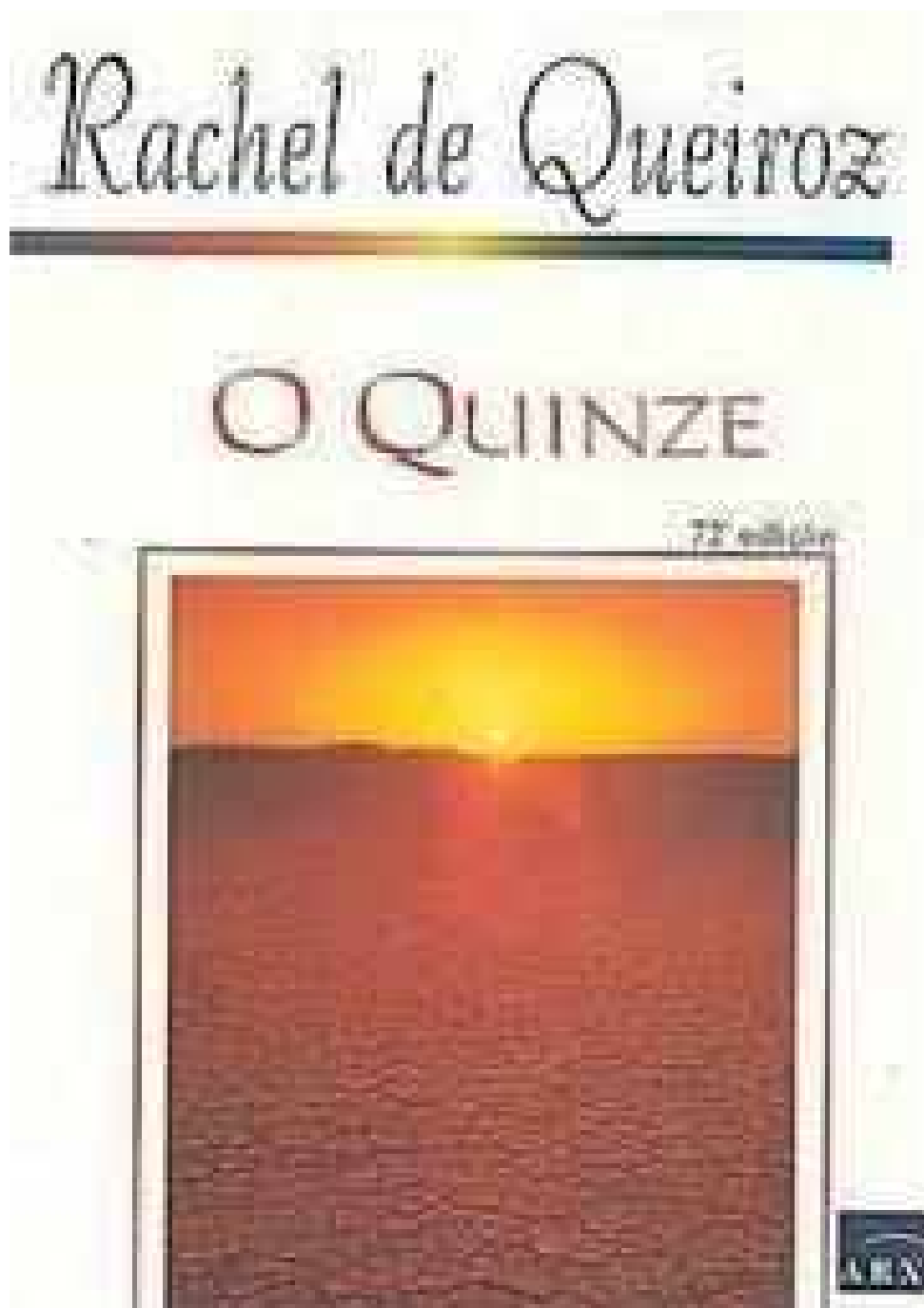
Figura 11 - 64ª Edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 1997), Editora Siciliano.



Fonte: Google (2023).

A Figura 10 apresenta cores características da natureza quente e seca, do Sertão, trazendo como único elemento da paisagem o mandacaru, sem flor, típico da região, sendo esta, uma planta solitária, de tronco mais grosso, e com a presença de espinhos, típica da vegetação nativa.

Figura 11: 72ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2002) Editora: José Olympio



Fonte: Google (2023).

A Figura 11 contempla um período do dia em que o sol está baixo no horizonte, em segundo plano, os raios solares refletem o solo seco, rachado no Sertão. O solo apresenta fissuras, características de um solo que outrora foi encharcado pela água. A paisagem remete ao lugar onde pode estar localizado um açude, que é um dos principais meios de armazenamento e abastecimento de água para a população vivente na região Nordeste do País.

Figura 12: 93ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2004) Editora: José Olympio.



Fonte: Google (2023).

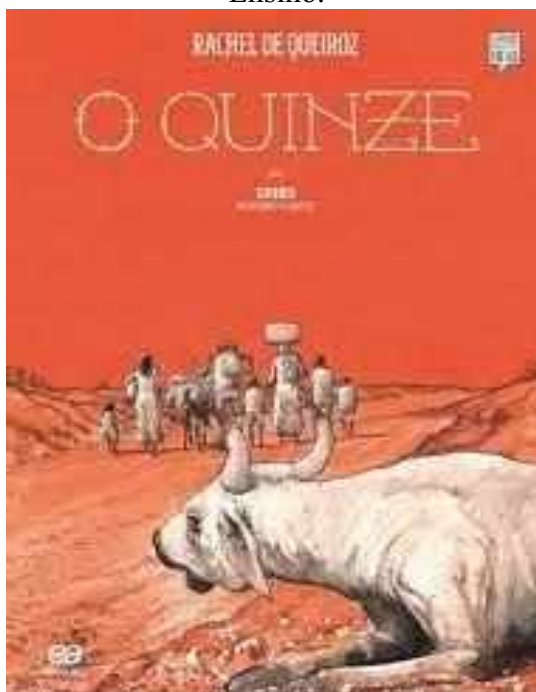
A Figura 12 apresenta as cores vibrantes e quentes, como na primeira edição. Traz ao fundo, o Sol no horizonte, como espaço de busca de oportunidades, lugar de luz, vegetação representada por minúsculos traços presentes, característico do bioma Caatinga presente no Semiárido, sem quaisquer indícios de chuvas.

Os agentes aparecem dessa vez, com toda a família de retirantes, em imagens abstratas, demonstrando a escassez a que são submetidos durante a migração de retirada, o que constitui um longo percurso de caminhada, sem destino certo, sem qualquer certeza, submetidos a todos os riscos possíveis. A representação dos únicos pertences da família remete a pobreza e extrema miséria a que são submetidos esses povos, os quais serviram a constituição da obra literária em estudo. Migram pela necessidade, por não haver mais condição de vida em seu lugar. Conforme Queiroz (2004, p. 104, “Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue”.

Outro aspecto que sobressai na imagem é a representação que lembra a xilogravura, prática artesanal típica, e que é característica da cultura dos povos da região, símbolo regionalista.

A Figura 13 apresenta elementos característicos dos longos períodos onde a seca e a fome se sobressaem na paisagem. A cor vermelha representa as altas temperaturas, o fervor que representa a dor das perdas, a dor da fome, a dor de deixar tudo para trás, o trabalho, a casa, as relações, o lugar.

Figura 13: 93ª edição do livro O Quinze (QUEIROZ: 2012) Editora Somos Sistema de Ensino.



Fonte: Google (2023).

Demonstra o solo desnudo, com ausência de vegetação verde, contendo indícios de vegetação típica que sobrevive às longas estiagens, como as cactáceas e plantas rasteiras, que possuem a capacidade de armazenar água em suas estruturas. Dessa forma, os condicionantes

migratórios dos povos do campo, ficam evidentes ao observar o grupo de migrantes a se perder de vista na paisagem, e o gado caído no solo, com aparente ausência de cuidados e meios de subsistência, sendo deixados para trás porque, se por um tempo lhes serviu com bens e como parte do modo de vida camponês, na hora da partida, nada mais podem levar, a não serem seus próprios corpos e, o mínimo necessário à vida, o alimento que lhes resta, quando os tem.

E apontava para uma vaca pintada de preto e branco, que, magra e quieta à beira da estrada, parecia esperar a família fugitiva para uma derradeira despedida.

Cordulina recomeçou a chorar; o próprio Chico Bento passou rapidamente a manga pelo rosto.

A Rendeira fitou em todos os seus grandes olhos dolorosos, donde escorria uma lista clara sobre o focinho escuro, como um caminho de lágrimas. Só Mocinha olhou a rês com indiferença, ajeitou na mão as chinelas, e continuou a andar no seu passo macio, tão rápido e leve que mal esmagava os torrões quebradiços do chão. (QUEIROZ, 1977, p. 30).

Figura 14: Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 2012) Editora José Olympio (3 março 2012).

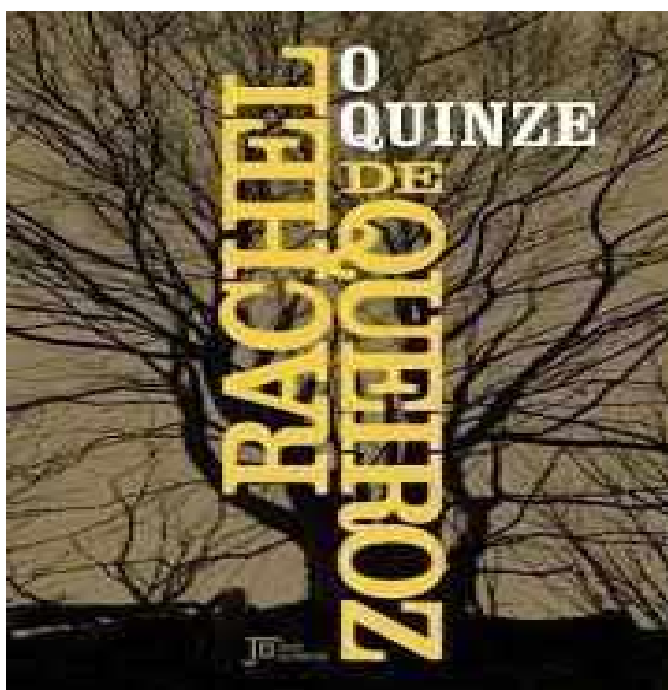


Fonte: Google (2023)

A Figura 14 retrata um cenário típico da Caatinga em período de estiagem, a vegetação rasteira formada por cactáceas e herbáceas. Esse bioma é um dos mais susceptíveis às mudanças, podendo se transformar rapidamente com a alteração do tempo climatológico, em poucos dias de chuvas.

Cabe enfatizar que a degradação desse bioma é recorrente em razão das queimadas, mau uso do solo, avanço das atividades de interesse do agronegócio, de perímetros irrigados, e mais recentemente, para a implantação de projetos de energias renováveis, requerendo maior atenção à preservação e aos modos de vida das populações locais, cujas vidas têm sofrido intensas violências que vão desde o aliciamento de uso da terra como a perda desta e de seus direitos, como está ocorrendo com frequência nas áreas de instalação desses projetos de energias renováveis, na Borborema e no Sertão da Paraíba. Isso remete a novas ações orquestradas entre o Estado e os interesses neoliberais no sentido de reapropriação e reconcentração fundiária no Brasil.

Figura 15: 117ª Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: 2016) Editora José Olympio (21 de novembro de 2016)



Fonte: Google (2023).

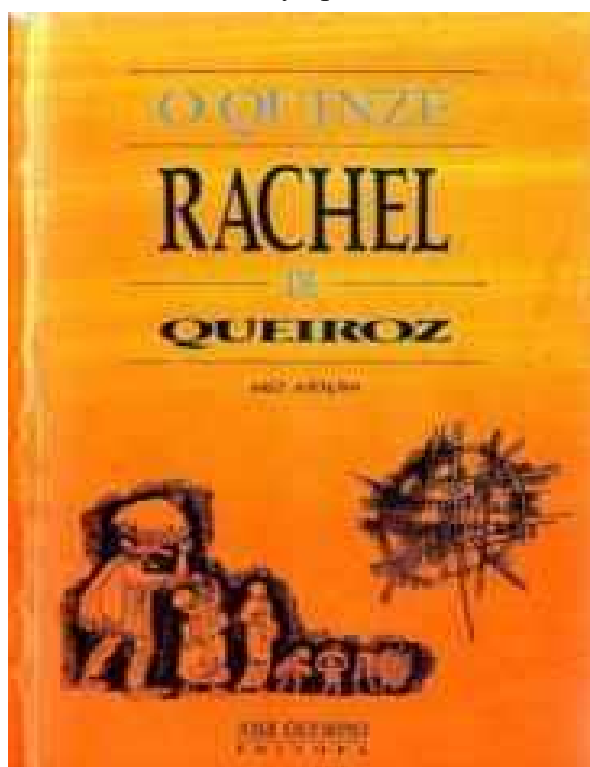
A Figura 15 retrata da flora típica da Caatinga no período de estiagem, os galhos secos, nenhuma folhagem, cores acinzentadas, que remetem à seca edáfica. Traz um contexto vazio, com aspectos de ausência de agentes do espaço, um espaço de abandono pelo Estado e de ausência humana. Por outro lado, a referência feita a vegetação como expressão da morte e, no entanto, a negativa de a própria característica do bioma Caatinga que nos períodos de estiagens, tem a peculiaridade de muitas de suas plantas terem a característica de perda de suas folhas para economia de energia e utilização de suas reservas. Trata-se do xeromorfismo e assim, algumas

plantas perdem suas folhas enquanto suas raízes mais desenvolvidas são capazes de captação de água que esteja armazenada no solo.

Conforme Studart & Campos (s.d., p. 3):

A seca edáfica tem como causas básicas a insuficiência ou distribuição irregular das chuvas e pode ser identificada como uma deficiência da umidade, em termos do sistema radicular das plantas, que resulta em considerável redução da produção agrícola. Esse tipo de seca, associado à agricultura de sequeiro, é a que maiores impactos causa no Nordeste Semi-Árido. Os efeitos são conhecidos: severas perdas econômicas e grandes transtornos sociais como fome, migração e desagregação familiar. É a seca social.

Figura 16: 46ª Edição não identificada do livro O Quinze (QUEIROZ: [s.d.]) Editora José Olympio



Fonte: Google (2023).

A Figura 16 remete às estratégias dos retirantes em busca de dias melhores, num lugar possível de se viver. A retirada implica no processo de desterritorialização, inicialmente de inter-regionalização no espaço de circulação, para posterior desterritorialização que pode se dá no contexto intra-regional. Fica subentendido no contexto da paisagem representada pela capa do livro à ênfase a migração regional dos povos do campo do Nordeste, pela ausência das forças produtivas e de políticas públicas de reconhecimento e valorização desses povos e da região. Nessa perspectiva, buscam-se outros lugares para estabelecer conexões e a busca por trabalho, ocupação e renda.

Assim como ocorre na escrita da obra literária, o desenho e a arte se reproduzem a ideia do autor na retratação do espaço romanesco da obra, a qual faz parte da teoria literária, onde tudo pode ocorrer e ser descrito, personagens e cenários são difundidos, podendo revelar-se com o espaço, isto é, reduz-se naquilo que é descrito. As obras podem ser fictícias ou não, dependendo do escritor e sua percepção sobre a história ou fato. No caso de “O Quinze”, a retratação dos campos e da vida dos retirantes flagelados torna-se muito próximo do que ocorreu no período histórico em questão, onde a autora QUEIROZ (1977) transmite na obra os percalços e desalentos.

O espaço tem como finalidade a caracterização de lugar em que está inserido o personagem ou mesmo para caracterizar o próprio personagem. Nesse sentido, buscamos analisar a partir do espaço romanesco a caracterização do espaço social da problemática observada na presente obra estudada. No trecho da obra em análise, percebe-se essa descrição de aspectos característicos da paisagem daquele espaço, quando Queiroz (1977, p. 15) narra: “calor e aspereza, folhas secas, céu limpo”; [...] “monotonia cinzenta da paisagem, galhos secos das árvores de juazeiro”. Esse período remete ao momento da ausência de chuvas na região, pois com a chegada dela a autora descreve:

Lá adiante, em plena estrada, o pasto se enramava, e uma pelúcia verde, verde e macia, se estendia no chão até perder de vista. A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauis esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido, onde as folhas verdes das pacaviras emergiam, e boiavam os verdes círculos de aguapé, enchiam os barreiros que marginavam os caminhos. Insetos cor de folha — esperanças — saltavam sobre a rama. E tudo era verde, e até no céu, periquitos verdes esvoaçavam gritando. O borralho cinzento do verão vestira-se todo de esperança. (QUEIROZ: 1977, p. 100-101).

A descrição da paisagem na obra remete a possibilidade de pensar o espaço em tempos distintos, nos quais a paisagem é lida, vista, observada, sentida de modos diferenciados, embora represente uma mesma porção espacial, na qual se faz presente as distintas formas como os sujeitos se relacionam naquele espaço construindo e transformando suas histórias e modos de viver.

O espaço romanesco na obra considerada retrata centenas, milhares de pessoas isoladas e deixadas a padecer nos currais humanos, consolidando uma espécie de eugenia e higienismo social, mas essencialmente funcionando como espaços de aprisionamento e controle de corpos (FOUCAULT: 2004a; 2004b), os quais foram criados estrategicamente, em determinadas porções do espaço, para que se pudesse controlar a rota de migrantes flagelados, da seca e não fosse permitida em sua chegada a dispersão na cidade de Fortaleza, um espaço de transição.

A construção social se materializa no espaço, graças à dinamicidade deste ao longo do tempo histórico. Assim, pensar o espaço permite acompanhar e compreender o sistema que viabiliza produzir a história, e fazer a Geografia. As relações sociais e a modificação do espaço assumem um papel importante de complementaridade para a construção da sociedade.

Interpretar o espaço geográfico romanesco a partir da literatura se constitui importante estratégia no ensino de Geografia, considerando que a partir da Geografia e de seu ensino se estuda o espaço e a realidade dos sujeitos. Além disso, a percepção do espaço possibilita desenvolver uma visão crítica nos sujeitos, tornando-os capazes de perceber a realidade que lhe é imposta, sua ação e participação dentro do espaço social, bem como seus deveres e direitos enquanto pessoa humana, dessa forma o próximo capítulo aborda acerca dos direitos inerentes à todos e os processos ocorridos na ausência desses.

3 DIREITOS HUMANOS, MIGRAÇÃO E OS PROCESSOS DE EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL

Na condição de ‘Retirantes da seca’, ‘famintos’, ‘desempregados’ e sem terras ou com pouca terra, tendo seus DH violados, milhares de camponeses nordestinos consolidaram o êxodo rural pela ausência de subsídios para as necessidades básicas, por conseguinte, da ausência da ação do Estado na mitigação dos problemas regionais. As consequências foram diversas, desde o agravamento da situação de pobreza e miséria, pois os retirantes eram atraídos para os currais, campos de concentração, presentes no Estado do Ceará, com o objetivo de redirecionamento desses povos, ocorrendo aí o controle de corpos (FOUCAULT: 2004a; 2004b), ao passo em que também se desvelam traços de eugenia e higienismo social.

Este capítulo será apresentado em três sub tópicos, contendo no primeiro a discussão sobre Direitos Humanos, Identidade e Regionalismo, o que remete ao leitor a necessidade de compreender esses conceitos a partir da percepção da identidade. O segundo contemplará os condicionantes dos ciclos migratórios e seus impactos. E o terceiro tratará do processo de eugenia e higienismo social presente na obra ‘O Quinze’.

3.1 DIREITOS HUMANOS, IDENTIDADE E REGIONALISMO

Os Direitos Humanos (DH) consistem em regras que estabelecem o que é inerente a toda pessoa humana, sem qualquer distinção de raças, etnias, classes sociais, gênero, ou demais natureza. E determina as obrigações do Estado com todas as pessoas, e dessa forma, cumprem o papel de moldar a forma como se organiza a relação da pessoa humana e do Estado dentro da sociedade.

Cabe destacar que, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, é datada em 10 de dezembro de 1948, e teve o seu surgimento após a Segunda Grande Guerra Mundial, em razão das atrocidades cometidas pelo nazismo na Alemanha de 1939 a 1945. Segundo Comparato (1998. p.11), “a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948, abre-se com a afirmação de que "todos os seres humanos nascem livres e iguais, em dignidade e direitos" (art. 1º).

Com o intuito de retratação e melhor condução da humanidade, países como o Brasil aderiram e aderem à Declaração, além disso, é membro do Conselho de Direitos Humanos. Neste sentido, é sabido que na época em que a obra foi escrita, ainda não havia garantias de

quaisquer direitos às vítimas da seca, o que nos leva a reflexão acerca da sociedade e seus deveres para com o cidadão da época.

No enredo da obra de QUEIROZ (1977), nota-se a ausência dos direitos humanos básicos, às vítimas do Estado, desse modo havendo uma negação da pessoa humana, e assim, a violação de múltiplos direitos, tornando os sujeitos figuras inumanas, desconstituídos do direito a dignidade humana e, por conseguinte de suas identidades negadas. Cabe salientar que o período trata de uma época, onde se haviam campanhas voltadas a favor da vida, e da natalidade.

No entanto, o modo como se conduziam os povos deixa a reflexão acerca da necessidade de fortalecer campanhas a favor da vida, se as vidas existentes sequer aparentam ter valor, num cenário que submete as crianças à vulnerabilidade, sem educação e alimentação básica. Igualmente, pensar a valorização da vida em quais espaços (campo ou cidade) e, em quais regiões, pois sabemos que a região Nordeste, em sua recente criação, nasce como espaço de subserviência, desde o processo colonizador, além de negar ou invisibilizar as identidades dos sujeitos. Segundo Albuquerque Júnior (2003, p. 152):

A construção da figura do nordestino é pensada como uma “reação viril” à passividade desta região e de suas elites. Ela é feita pelo discurso das elites regionais, na defesa de seus interesses, como as próprias palavras de Freyre [...]. Na elaboração deste tipo regional, saberes de matrizes diferentes e distintas estratégias políticas vão confluír. Para a construção desta figura regional única devem se agregar, em sua composição, elementos dos tipos regionais que o antecederam: o sertanejo, o praieiro, o brejeiro, ou mesmo traços de figuras sociais que não haviam chegado ainda a se construir em tipos como: o senhor de engenho, o cangaceiro, o coronel, o vaqueiro, o matuto, o jagunço, o retirante, o caboclo, dissolvendo a particularidade destes em seu interior. Como várias destas identidades haviam sido forjadas ao longo do século XIX, notadamente em sua segunda metade, ou mesmo no princípio do século XX, a influência de saberes de matriz naturalista, positivista ou social-darwinista era marcante em sua composição. Ao incorporar elementos dessas figuras regionais anteriores, o nordestino será descrito, muitas vezes, a partir desses mesmos pressupostos, embora contraditoriamente estivesse surgindo num momento em que se começava a fazer a crítica ao determinismo racial ou geográfico na definição dos traços físicos, psicológicos e sociais dos grupos humanos.

Segundo Albuquerque Júnior (2009) historiador e escritor, sobre o Nordeste do passado, na entrevista dada para o programa do YouTube “Entre um café, uma prosa”³ que é dividido em duas partes, o historiador fala da região Nordeste que tinha com a região Sudeste uma relação de domínio e dominado. Nas reflexões trazidas por Muniz, a região Nordeste é

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j74HtEJS48U>. Acesso em 13 de maio de 2023.

construída a partir da saudade da dominação da região Sudeste, assim o Nordeste é projetado no passado, como região do atraso, ao passo em que permanece como espaço de subordinação.

A região adquire essa visão em grande parte do território nacional, num ato de violência e xenofobia, ao passo em que o Nordeste é retratado e tido como desatualizado e atrasado. Contudo, o Nordeste detém cerca de 70% da população urbana, e de acordo com a Região de Influência das Cidades (REGIC) de 2018 (REGIÕES, 2020a), possui três das maiores metrópoles do Brasil que são, Fortaleza (CE), Recife (PE) e Salvador (BA).

O fenômeno urbano é ignorado na forma como é retratada a região nas mídias, literatura, no teatro e cinema. O discurso é um dos ‘meios’ de sustentar essa imagem. O Sertão está sempre no passado, como se não fizesse parte da globalização e do mundo contemporâneo industrial. Há uma riqueza histórica no Nordeste, contudo, a visão que se tem é descontextualizada do que de fato é. A ‘região problema’, apresenta o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) maior no Nordeste do que em todo o País.

Contudo, a região Nordeste, assim como as demais guardam a partir do PIB um registro de média que esconde as suas diferenças e discrepâncias, pois em 2023, no caso da região Nordeste, ao mesmo tempo em que o Nordeste tem 3º maior PIB do país, essa região concentra estados com a menor riqueza per capita (IBGE: 2020)⁴, portanto expressando a existência de desigualdades intra e inter-regional. O poder está concentrado, (centralização). Cidades com o percentual de zona rural somam o percentual de 30%, de acordo com as características estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE: 2020).

Ao analisarmos os dados de recursos destinados à indústria da seca no Nordeste do Brasil se percebe que os beneficiados com a seca são as elites, que mantêm uma estrutura a partir da seca, um discurso que mantém e reforça o poder a partir da reprodução de um discurso de uma região agrária, tradicional e manutenção do poder dessas elites (ALBUQUERQUE JÚNIOR: 2009).

De acordo com o autor (*ib. id.*) esse conceito de Nordeste como espaço da saudade, espaço do passado, uma imagem defasada do que é a Região, inclusive que a região é uma criação que pode desaparecer ou pode ser ressignificada e passar a ser vista como de fato ela o é, com seus sujeitos e realidades vistas e respeitadas a partir da visibilidade dos direitos humanos de seus sujeitos.

A região Nordeste, vista sob as lentes do passado representa a escassez e a miséria, traços de um espaço esquecido, deixado ao descaso. A cultura que se instalou em volta dessa

⁴ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em 14 de maio de 2023.

defasada imagem, resulta em repetidas propagações de uma identidade regional que não se perpetua no tempo, para a região Sul e Sudeste desconhecem o verdadeiro cenário da região atualmente. De acordo com Albuquerque Júnior (2003, p. 138):

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceu a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensificou entre as elites do norte do país, a partir do final do séc XIX, quando o declínio econômico e político dessa área levarão a uma progressiva subordinação desse espaço em relação ao sul do país, notadamente São Paulo. Foi na articulação regionalista das elites dos estados que viviam das atividades agrícolas, notadamente de açúcar e do algodão, preteridas pelo Estado Nacional, quanto a sua política fiscal, de créditos, de obras públicas, que favoreceriam principalmente a área cafeeira, - aliada às reivindicações no sentido de “solucionar o problema da seca”, principal argumento político de que estas elites dispunham para reivindicar obras públicas e investimentos, desde que a partir da seca de 1877-79 haviam descoberto o potencial político deste tema, que a ideia de Nordeste foi gestada.

Albuquerque Júnior (2003, p.140) ressalta que o “[...] regionalismo nordestino é que ele se caracteriza por uma ampla militância cultural e intelectual no sentido de definir região e seu habitante”. Assim, a identidade dos agentes espaciais está diretamente atrelada à região onde vive. Reafirmando, desse modo, as definições de identidade:

O regionalismo passa a ser apresentado como uma nova forma de pensar a realidade nacional como a nossa forma própria de produzir cultura e arte. Nossa própria história, pelo seu desenvolvimento em áreas apartadas do território nacional, pela própria ação regionalizadora da colonização portuguesa, que combatia a formação de uma consciência nacional na colônia, nos teria dado, muito cedo, uma consciência regional e formas regionais de expressão de cultura. À medida que, desde o séc anterior, a imigração estrangeira modifica profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste veio a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003. p. 142).

Pensar a identidade e reconhecê-la implica na valorização do sujeito a partir de sua realidade. Etimologicamente a palavra ‘identidade’ vem do latim e significa ‘idem’ o mesmo e, ‘dade’ que se diz do estado ou qualidade. Desse modo, é o que determina o ser, isto é, mostra o que é quem se é, é uma definição do que subsiste independente da mudança de ambiente ou de vivência, ter uma marca definida, saber quem ela é e isso traz segurança, há um sentimento. Possui um fim em si mesmo, afirmando-se no que corresponde a assegurar, por exemplo, o ‘ser nordestino’, ‘ser mulher’, ‘ser da terra da luz’, ‘ser agricultor’.

Desse modo, a definição da identidade não possui parâmetros, sendo completa em si mesma. Podemos afirmar também como sendo um processo de construção cultural, afetivo e social, levando os sujeitos a tornarem-se parte do meio que habitam. Nesse sentido, a percepção de território é em si a combinação de pertencimento, onde o humano e o natural produzem o espaço territorial, a identidade afirma-se na territorialidade, além disso, os direitos são garantidos.

O entendimento do conceito de identidade ultrapassa a caracterização pessoal da pessoa porque envolve subjetividades que vão desde os aspectos sociais, históricos e as ações que realiza no espaço enquanto sujeito que constrói e transforma o espaço geográfico. Conforme Delgado (2006, p.71) “[...] as identidades são constituídas por um mecanismo contrastante de afirmação das diferenças e de reconhecimento das similitudes”.

Para Ciampa (1987, p.64-65):

Dizer que a identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais [...] Com efeito, se estabelecermos uma distinção entre o objeto de nossa representação e a sua representação, veremos que ambos se apresentam como fenômenos sociais [...] Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação [...].

Segundo o autor (*ib. id.*), na formação da identidade estão juntos os aspectos biológicos, sociais e culturais, daí a importância do reconhecimento dos direitos humanos, pois no momento em que esses existem, a decisão de migrar por exemplo seria uma opção e não um mecanismo de obrigatoriedade, sobretudo em condições sub-humanas como ocorreu com os retirantes tratados na obra literária em estudo, e até mesmo os retirantes da atualidade que migram pela continuidade de falta de opções para permanecer em seus territórios, como citado por Silva (2018) ao se reportar em seu estudo de Dissertação acerca dos trabalhadores migrantes temporariamente permanente no município de São José de Piranhas-PB, em direção a região Sudeste e a porção sul do Estado da Bahia, no Brasil para o corte de cana-de-açúcar.

A identidade se constitui e consolida ao longo da vida, pelas ações que realiza o sujeito na construção/transformação do espaço geográfico, os papéis e as funções que exerce, portanto, uma constante transformação (CIAMPA: 1990) que está diretamente relacionada à constituição dos direitos humanos.

Os Direitos Humanos (DH) se constituem naquele que é inerente à pessoa humana em sua espécie peculiar e que se configuram como resultados de lutas e conquistas de grupos sociais organizados contra o desconhecimento, a negação desses direitos. Portanto, lutam contra a opressão, o autoritarismo, a discriminação, os abusos de poder, e para tanto dispõem de um aparato legal que defendam e garantam o funcionamento legal dos deveres do Estado na atenção a esses direitos inalienáveis, em condições de igualdade a toda a população.

A obra literária *O Quinze* (QUEIROZ: 1977), ao apresentar a trajetória dos ‘Retirantes da seca’, do Estado do Ceará, consolida o êxodo rural pela ausência de subsídios para as necessidades básicas, por conseguinte, da ausência do Estado na mitigação dos problemas regionais e na violação dos DH.

O aparelho estatal apresenta debilidades na atenção às necessidades e aos direitos da sociedade, praticando apenas o Estado Mínimo, o que resulta na abertura da iniciativa e dos interesses privados na produção e reprodução do espaço geográfico, via de regra se associando aos interesses do capital e da abertura de novas possibilidades de ampliação e produção de mais valia.

Essa forma de ação do Estado está diretamente relacionada à lógica e aos interesses do sistema de produção capitalista, cujos impactos gerados produzem um desenvolvimento desigual e combinado (LÖWY: 1998; KNEI-PAZ: 1985; e BIANCHI: 2001), o qual se presencia, por exemplo, a partir do desenvolvimento regional diferenciado.

Tais diferenças produzem processos e paisagens distintas. Sob a ótica do capitalismo, no que tange a pobreza e riqueza se presencia a desigualdade socioespacial visível em escala mundial como resultante das formas de relações que se dão na sociedade, mediadas pelos interesses neoliberais, via de regra, associados a ação presente do Estado. Para Lipietz (1988, p. 29), “não há ‘região pobre’, há apenas regiões de pobres, e, se há regiões de pobres, é porque há regiões de ricos e relações sociais que polarizam riqueza e pobreza e as dispõem diferentemente no espaço”.

Infere-se que riqueza e pobreza fazem parte desse mesmo processo de desenvolvimento desigual e combinado propiciado pelo capitalismo, o que se presencia no espaço regional do Nordeste do Brasil, especialmente se nos reportarmos ao campo e sua intrínseca relação com a cidade.

Para compreendermos como se dão esses processos partimos da busca na compreensão do espaço geográfico romanesco retratado na obra literária *O Quinze* e, a partir desta, o entendimento acerca do fenômeno da seca e da fome que assolou principalmente, as populações rurais no ano de 1915.

A situação apresentada pela obra, à vasta bibliografia e os documentos históricos, reportagens que se remetem à seca de 1915 desvelam esse fenômeno e suas correlações com a ação do Estado que, ora se mantém presente, ora ausente, ao passo em que promove o mínimo assistencialismo às populações desterritorializadas do campo e, o fortalecimento do êxodo direcionado a outros espaços pré-determinados relacionados aos interesses do capital.

O entendimento desses processos demonstra a ação de distintos atores na produção do espaço geográfico, categoria esta que possui distintas definições, a exemplo de Santos (2014, p. 63), que o denomina como sendo “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações (cada vez mais imbuídas de artificialidade)”. Desse modo, a transformação do espaço natural, por meio do sistema conjunto, dá funcionalidade ao meio, possibilitando a construção histórica, formando assim, o espaço geográfico (SANTOS: 2014).

Conforme Santos (2007, p. 24) “[...] nos países subdesenvolvidos, de um modo geral, há cidadãos de classes diversas; há os que são mais cidadãos, os que são menos cidadãos e os que nem mesmo ainda o são”. Sob essa perspectiva, o espaço sofre distorções e defasagens, aumentando as desigualdades sociais, tornando a vida dos “não cidadãos” mais difícil.

Segundo Santos (1996/1997, p. 133):

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado. O cidadão seria tão forte quanto o estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.

Como chamá-los de cidadãos quando destituídos de todos os direitos? Da terra, do alimento, da vida, da possibilidade de ficar em seu lugar de origem e onde possui relação com a terra e com os sujeitos do lugar, da educação, da saúde, da própria existência enquanto sujeito reconhecido oficialmente pelo Estado. Pois, que são controlados, fantoches nas mãos do latifúndio e do Estado.

Sem Direitos Humanos, sem a condição vista em seus próprios corpos de serem reconhecidos como seres humanos, os Retirantes da seca engrossaram as filas formando o fenômeno do êxodo rural e a aglomeração nos campos de concentração organizados para controlar o tráfego de migrantes, evitar que estes pudessem se dispersar pelo grande centro urbano, assim como planejar o momento apropriado de direcionar esses grupos em direção a

locais previamente planejados para servirem de atração de mão de obra disponível, via de regra desqualificada QUEIROZ: 1977).

A mão invisível do Estado deixa entrever a sua ausência presente na construção e moldagem do espaço e, na definição e criação de polos de atração e espaços de expulsão de populações (SMITH: 1983). Esses polos, ao mesmo tempo em desterritorializam, reterritorializam-nos em outras bases, inicialmente nos campos de concentração, os territórios móveis, e, posteriormente, nos grandes centros urbanos, os territórios fixos onde passam a residir, geralmente em áreas de comunidades de favelas, áreas estas de segregação em vários âmbitos. Isso para os que conseguem completar esse trajeto, pois os registros são de milhares de mortos no caminho e nos campos de concentração, conforme retrata a reportagem “A grande seca de 1915: mortos de fome no caminho para os campos de concentração no Ceará (maio 2017)⁵, a qual contém a Figura, a seguir.

Figura 18: Retirantes mortos pelos caminhos ao lado dos trilhos da ferrovia.



Fonte: Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/destaques/observa-fundaj-itens/observa-fundaj/documentarios-e-estudos-sobre-as-secas/a-grande-seca-de-1915-mortos-de-fome-no-caminho-para-os-campos-de-concentracao-no-ceara-maio-2017>. Acesso em 24 de maio de 2023.

⁵ O objetivo dos campos era evitar que os retirantes alcançassem Fortaleza, trazendo “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira”, como informavam os boletins do poder público à época. A razão para o uso desta estratégia foi os temores de invasões e saques dos flagelados da seca em Fortaleza — isso já acontecera na seca de 1877, quando sertanejos famintos invadiram a capital cearense, atemorizando a população urbana. Disponível em: <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/destaques/observa-fundaj-itens/observa-fundaj/documentarios-e-estudos-sobre-as-secas/a-grande-seca-de-1915-mortos-de-fome-no-caminho-para-os-campos-de-concentracao-no-ceara-maio-2017>. Acesso em 24 de maio de 2023.

Os registros estatísticos são diversos na vasta literatura existente, mas destaca-se altos níveis de mortalidade nos Campos de Concentração.

Figura 18: Obituário entre os retirantes em Fortaleza (Julho de 1915 – Junho de 1916).

Em Fortaleza o obituário entre os retirantes foi o seguinte;

1913	Mortos
Julho.....	4
Agosto.....	43
Setembro.....	72
Outubro.....	158
Novembro.....	317
Dezembro.....	717
1914	
Janeiro.....	491
Fevereiro.....	340
Março.....	610
Abril.....	153
Maió.....	43
Junho.....	6
Total.....	2.716

Fonte: ALBANO (1918, p. 68).

Enquanto a ocorrência de mortes se tornava uma realidade cotidiana, migrar e encontrar um novo território permanecia sendo o sonho. Dentre as alternativas possíveis, Albano (1918, p. 69) afirma o destaque para a migração intra-regional:

Ignora-se o numero de retirantes que sahiram pelas fronteiras para os Estados vizinhos; pelos portos de Fortaleza e Camocim emigraram de 28 de junho de 1913 a abril de 1916: Para o norte - 30.802 pessoas; Para o sul - 8.511 pessoas; total geral - 39.313 pessoas.

Pela estrada a fora em busca de um lugar para viver com dignidade, para os milhares de retirantes que seguiam a pé, a história da família de Chico Bento e Cordulina registra seu padecimento quando falece um dos filhos, e como uma expressão da cultura, o marco da morte expresso pela cruz em uma cova rasa, conforme afirma Queiroz (1977, p. 47):

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.
 Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz.
 Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros...
 E quando reencetou a marcha pela estrada infindável, chamejante e vermelha, Não cessava de passar pelos olhos a mão trêmula:
 — Pobre do meu bichinho!

Em um trecho da obra Queiroz (1977, p. 90) destaca o rito da ‘normalidade’ e ‘banalidade da morte’ vivida em meio aos retirantes que descartavam seus mortos no próprio Campo de Concentração:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. (QUEIROZ: 1977, p. 90)

No período da seca de 1915, no Estado do Ceará, ocorria o advento da cultura do algodão, e a sua capital Fortaleza possui um segmento representativo da elite de intelectuais e de grandes proprietários, evitando-se e controlando-se a instalação de espaços para a pobreza, pois a cidade era restrita a tal elite, portanto, não extensiva a todos. E represar essa população de retirantes era interesse do poder e das elites para evitar o contato com as áreas urbanas. O controle de corpos promovido nos campos de concentração desvela eugenia e higienismo social praticados pelo Estado, a expressão da barbárie e do desrespeito aos Direitos Humanos desses povos.

Na obra *O Quinze* é retratado a preocupação de Conceição ao querer levar Dona Inácia para a Fortaleza tendo em vista os riscos a que ela estava exposta, pois poderia haver saques, violências por parte dos despossuídos da terra e os famintos, flagelados. Mas, o apego, o amor à terra de morada, a identificação com o lugar por muitos momentos a fez resistir enquanto pode. Mas, Conceição insiste e afirma: “a perspectiva alarmante de um assalto, ali, naquele fim de mundo, quando a miséria da seca enlouquecesse as criaturas...” (QUEIROZ: 1977. p. 29).

No interior do sistema de desigualdades sociais se destaca a questão regional, o que merece ser discutido no sentido de se perceber a ação do Estado frente às distintas regiões do País, assim como em que contexto é criada a região Nordeste e, em como essa região é tratada, seja como problema seja como possibilidade. Independente da forma de tratamento registre-se

a abordagem secular dada a esse espaço como subserviente e onde continua demarcada fortemente a desigualdade social presente no interior dessa região, e no cenário nacional. Assim, é presente e visível a segregação que constitui um fator espacial provocado pelo próprio sistema de desenvolvimento das regiões ou de espaços de uma mesma região com mais recursos disponíveis e distribuídos. Estes espaços serviam como polos de atração para os Retirantes da seca.

A ausência e consequente presença do Estado no desvelo da diferenciação dos espaços regionais demonstram que há necessidade de cumprimento dos Direitos Humanos (DH) e, da promoção de políticas sociais voltadas à atenção desses direitos e, o consequente reconhecimento do direito de permanecer em seu lugar de morada.

Na atualidade ganha destaque a existência de uma Romaria que, no ano de 2018 se deu a 36ª Caminhada da Seca⁶, realizada em anos consecutivos, no segundo domingo de novembro, no município de Senador Pompeu, onde se construiu o campo de concentração de Patú. Nesse campo estima-se que 50% dos retirantes tenham falecido no local.

A missa foi concelebrada tendo à frente o Padre Anastácio Ferreira de Oliveira, pároco no município de Iguatu-CE e o mesmo estabelece correlações históricas numa relação espaço temporal que demarca as rugosidades do passado presentes na paisagem, mas as repetições no presente. A caminhada se dá com milhares de pessoas por um percurso de três quilômetros partindo da frente da Igreja matriz até o cemitério da Barragem, local onde estão enterrados quase todos os falecidos nesse Campo de Concentração.

Segundo o referido Padre:

[...] As leituras de hoje nos mostram a hospitalidade (...) virtude cristã. (...) lembrando ao povo de Deus que somos um povo de retirantes. Desde Abraão e Sara, povo de retirantes em busca de vida plena. O povo que, mesmo na sua pobreza, na sua dificuldade, é capaz de oferecer a hospitalidade, de oferecer a rede, o cafezinho, o abraço, a acolhida. Não vamos permitir que roubem de nós, do povo nordestino, do povo brasileiro a nossa capacidade de acolher, de abraçar, de ser irmão e ser irmã do outro [...].

[...] Vamos voltar para nossas comunidades, vamos pegar nossas vidas, vamos nos organizar. Valorizem seu sindicato, trabalhador e trabalhadora rural. Valorize as associações comunitárias. Não deixe os politiquieiros tomarem conta das associações comunitárias de vocês. A associação comunitária é do povo, para lutar pelo direito do povo. Com saúde para todos, com água, com vida, com dignidade. Esse momento aqui é para alimentar isso, o nosso sonho. O reino de Deus que não é só para depois do túmulo. O Reino de Deus começa aqui, nas viúvas, nas mulheres, nos homens de boa vontade que repartem a

1 ⁶ Ver: **36ª Caminhada da Seca - Justiça Social Onde Você Está?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I18PejymI10>. Acesso em 20 de maio de 2023.

cuia de farinha. Que repartem a dor e a alegria, e que celebram e fazem uma festa bonita destas [...].⁷

Figura 19: Caminhada em Memória das Vítimas da Seca.

4 JORNAL DO BRASIL • Conheça mais sobre www.jb.com.br Nacional Segunda-feira, 10 de setembro de 2013 Foto de Marcelo Auler

Caminhada em memória das vítimas da seca

Ato pelos mortos nos campos de concentração para retirantes reúne milhares no Ceará

MARCELO AULER
marcelo.auler@jb.com.br

SENADOR POMPEU (DB) - O ato começou a partir às 08h30 da madrugada de ontem e popular da cidade de Senador Pompeu, no sertão cearense, já terminou a prova da mara para, pelo 39º ano seguido, participar na Caminhada das Almas da Barragem do Pato. Um ato que reúne milhares de flagelados que acamparam em campos de concentrações criados no estado, em 1932, durante a seca, como o JORNAL DO BRASIL, mostram na edição de ontem.

Milhares de pessoas, de todas as idades, entre as quais Sebastião, com "mais de 80 anos", como ele mesmo balbucia, Sebastião mal nutrido e pouco falado, mas às vezes de palavras as suas palavras bem estruturadas, com ponto sistema de sem, providenciado pelo governo do Ceará. Também não faltou a presença do político Antônio Márcio Pinheiro (PT) (PDT).

A manifestação, porém, foi de povo e de sua solidariedade. Mesmo sendo de caso de multidão, para evitar o sol forte da região, onde há sete anos não chove, não houve demonstração de canção, nem de desfilado. Exemplo é o próprio Sebastião, que apesar da idade foi e voltou a pé, mesmo com a disponibilidade de alguns ônibus e carros para caronas.

Não faltaram, e ainda porque foi nos caminhões providenciados pelo dono da água mineral Parafuso. Presentemente, e com a participação de filhas pequenas, são distribuídas aos senhores mais de cinco mil garrafas de água gelada, que viraram com os veículos registrando "39º Ce-".

Esta história dos campos de concentração eu não estudei na minha época de escola, porque foi escondida dos

Milhares de pessoas participaram da Caminhada das Almas da Barragem do Pato, ontem




Fonte: Disponível em: <https://marceloauler.com.br/sem-o-estado-caminhada-lembra-mortos-no-campo-de-concentracao/>. Acesso em 13 de maio de 2023.

A migração aparece de distintas formas, mas no caso do período da obra em estudo, o abandono da terra e o conseqüente êxodo trazem profundas transformações nos modos de vida dessas populações e, na dinâmica do espaço, o que merece ser discutido e refletido na sociedade local, especialmente a partir dos espaços onde se promove a educação.

⁷ Disponível em: <https://marceloauler.com.br/sem-o-estado-caminhada-lembra-mortos-no-campo-de-concentracao/>. Acesso em 20 de maio de 2023.

3.2 MIGRAÇÃO, AÇÕES E PROCESSOS DE EXPULSÃO E ATRAÇÃO DE POPULAÇÕES

A Triste Partida

Luiz Gonzaga

Apela pra março
 Que é o mês preferido
 Do santo querido
 Senhor São José
 (Meu Deus, meu Deus)
 Mas nada de chuva
 Tá tudo sem jeito
 Lhe foge do peito
 O resto da fê
 (Ai, ai, ai, ai)

Agora pensando
 Ele segue outra tria
 Chamando a família
 Começa a dizer
 (Meu Deus, meu Deus)
 Eu vendo meu burro
 Meu jegue e o cavalo
 Nós vamo à São Paulo
 Viver ou morrer
 (Ai, ai, ai, ai)

Nóis vamo à São Paulo
 Que a coisa tá feia
 Por terras alheias
 Nóis vamo vagar
 (Meu Deus, meu Deus)

A Triste Partida remete a uma trágica partida, nem sempre acompanhada do retorno, a exemplo do que se observa na região Nordeste do Brasil, a partir dos registros das trajetórias de migrantes e do êxodo rural no País (SILVA: 2018; BAENINGER: 2012; MAGALHÃES: 2019; MELO: 2019; NUNES: 2015; OJIMA & FUSCO: 2015; PINHEIRO: 2013; SILVA: 2009). Contudo, registrem-se as migrações de retorno que tem sido identificadas em estudos científicos (LYRA: 2005; SOUZA: 2015).

Primeiramente, ressaltamos que os processos migratórios possuem classificações de acordo com o contexto dos migrantes, ou seja, existem tipos de migrações, definidos pelas características que levaram à mudança de espaço. Segundamente, as migrações podem ser definidas como espontâneas ou forçadas; permanentes ou temporárias. Vale destacar que

estamos tratando da migração forçada e permanente dentro do País, e trata-se dos fluxos dinâmicos internos, na mesma região já que grande quantitativo ou não chega ao Campo de concentração por morte ou falece naquele, e, podendo ser a migração entre diferentes regiões, caracterizadas pela ausência de desígnio de retorno.

A referida música reflete a trajetória da família de Chico Bento e Cordulina que teve que decidir por migrar e deixar para trás a casa, os animais, os objetos parcos que dispunham no ambiente familiar. No romance retrata Queiroz (1977, p. 22):

- Quantas reses vocêtem para o negócio?
- Um boiote, uma vaca solteira e um garrote. Tem mais a minha roupa de couro que eu queria que o compadre ficasse com ela. É toda de couro de capoeiro, sem um rasgo que seja...
- Quanto você quer por isso?
- Pela roupa o compadre podia me dar vinte mil-réis...
- E pelas reses?
- Pelas reses me dê, alto e mal, quarenta mil-réis por cabeça... É mesmo que lhe dar dado...

É a completa destituição do camponês de seus meios de produção, das forças produtivas tornando-o um trabalhador que dispõe apenas da força de trabalho sem ter a quem vendê-la porque as porteiras foram abertas e não há mais o que fazer onde não há água para viver. Assim, se caracteriza o espaço romanesco da obra, cujas populações estão largadas, abandonadas. Uma política de morte, a necropolítica (MBEMBE: 2018).

As migrações de populações de retirantes demonstram como os espaços se produzem e reproduzem de acordo com os interesses do capitalismo e, por conseguinte, pela ação do Estado, seja pela presença ou pela sua ausência. Podemos observar entre os aspectos da narrativa literária a formação de Currais Humanos, ou Campos de Concentração, que foram espaços criados para atrair, abrigar, concentrar e redistribuir as populações de retirantes, vítimas da ausência do Estado ao promover em espaços desassistidos a negação dos Direitos Humanos e, no caso específico da região Nordeste. Desse modo, trata-se no regionalismo a exacerbação na formação de espaços subalternos, configurando o Nordeste como região problema, o espaço do atraso, do passado, da miséria, da fome, retratando de tal modo, a seca como um fenômeno impossível de convivência.

E por não poder viver em seu espaço quando se faz presente à ausência da ação do Estado os sujeitos migram e se submetem a quaisquer adversidades, pois a decisão de migrar não está apenas relacionada a questões pessoais, mas ao ambiente geográfico, econômico e social, assim como a distintos fatores de atração e de expulsão. No caso em tela, a questão

central está relacionada inicialmente aos fatores de expulsão, e podemos citar a ausência de políticas públicas de convivência com o Semiárido, políticas para o campo, acesso em condições de igualdade a todos os direitos humanos e a forte estiagem que se desvelava naquele momento onde se entrelaçavam todos os tipos de seca (edáfica, hidrológica, social e climatológica), fatores esses que culminaram na impossibilidade de permanência da família de Chico Bento e Cordulina, bem como dos milhares de Nordestinos que submeteram ao ato forçado de migrar.

Destacamos que em meio à decisão de migrar e, no ato da árdua caminhada se pode identificar que, mesmo na ausência e escassez absoluta de recursos, percebem-se elementos da solidariedade e reciprocidade camponesa, o que pode ser observado quando Queiroz (1977, p. 32-33) afirma que a morte de uns é vida para outros, mesmo na completa desumanização, quando se precisa garantir a própria vida.

Os meninos choramingavam, pedindo de comer. [...]

E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta.

Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

— De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

— De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus.

Chico Bento cuspiu longe, enojado:

— E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... O outro explicou calmamente:

— Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca... Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:

— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós.

Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!

Realmente a vaca já fedia, por causa da doença.

Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubus vê-la, lá de cima, lá da frieza mesquinha das nuvens. E para comemorar o achado executavam no ar grandes rondas festivas, negrejando as asas pretas em espirais descendentes.

E o bode sumiu-se todo...

Cordulina assustou-se:

— Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo Singelo do vaqueiro, não se perturbou:

— Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não haverá de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (QUEIROZ: 1977, p. 32-33)

A citação anteriormente mencionada remete ao período da caminhada, retratada pela autora da obra e reflete o processo de migração forçada como movimento de fuga. O termo ‘migração’ significa o movimento de uma região para a outra. O desencadeamento da necessidade de fuga está diretamente relacionado aos problemas naturais, políticos e sociais, quando em crise, estes tornam-se os motores que originam e impulsionam as migrações, assim constitui-se como estrutural; trata-se de uma construção.

Os condicionantes migratórios são evidenciados na literatura, pelo sistema de ações analisadas através dos agentes. No trecho do livro *O Quinze*, onde se demonstra por meio da narrativa a necessidade que obriga os retirantes a buscar novos espaços, nas piores condições possíveis, enfrentando longas jornadas de caminhada, deslocando-se por longas distâncias. Igualmente se demonstra a ação presente e ausente do Estado, assim como a ação de seus agentes que corroboram para maiores formas de irregularidades e atitudes desumanas e criminosas quando põe o Estado ao seu favor: “Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos. O homem não atendia”. (QUEIROZ: 1977 p. 26).

Há no registro mencionado um reconhecimento da existência do governo, mesmo que de modo de extrema precariedade e injustiça, e a percepção de que há corrupção por parte de agentes responsáveis pela programação de condução dos retirantes a outras localidades, mas que o Estado tem o poder de decisão a quem ceder as passagens, viabilizando, desse modo a necropolítica. Assim, para os retirantes, ficar seria a morte. Teria que seguir viagem, conforme o desenrolar da trama contida no texto literário.

Tendo em vista que a região Nordeste é caracteristicamente marcada pelas crises hídricas é recorrente na obra literária *O Quinze*, especialmente quando se reportam aos períodos de grandes estiagens de seus povos serem obrigados a deixar seu lugar de origem para garantir a própria existência. O fenômeno da seca ao ser utilizado pelo Estado como mecanismo de opressão e negação de direitos, quando somado à escassez de água são os motores para a recriação de novos locais de moradia, sendo recorrentes as dificuldades de adaptação, e prestação de assistências para os povos padecentes, que buscam outras regiões, e em maior escala detinham-se a migrar para o Sudeste ou o Norte do Brasil.

Nesse contexto, cabe ressaltar a construção das imagens literárias, romanescas, que corroboram como os estereótipos criados a fim de representar a região Nordeste. Os cenários que retratam o Sertão apresentam o local como caracterizado pela seca, a fome e miséria, onde criaturas sem perspectivas, esqueléticas e indiferentes, fazem parte da paisagem árida e hostil, sendo retrato perpetuado do homem nordestino.

Pensar o espaço é um exercício amplo, que envolve diversas vertentes, sendo as cidades, polos dinâmicos de atração em razão dos bens, serviços e produtos ofertados. Há buscas da população pelos centros urbanos para usufruir desses meios de existência. As redes informacionais e conexões entre os espaços interligam os grandes centros urbanos ao campo, contudo, é indissociável a ideia de separar campo da cidade como espaços independentes, quando possuem conexões e interdependências.

As forças ‘centrípetas’ que atraem os Campos de Concentração, o ciclo da borracha, entre outras, e as ‘centrífugas’, a seca, a ausência de políticas e programas públicos, que expulsam os corpos, podem ser definidas como vetores de geração de trabalho e renda, meios de existência, qualidade de vida, direitos humanos e segurança alimentar, por exemplo. No arcabouço do capitalismo feroz e algoz, os cidadãos buscam adaptar-se às mudanças e as condições, em geral precárias, para sobreviver no espaço em que residem. A hierarquia das cidades funciona com a seguinte lógica: a oferta de meios e recursos como força atrativa, onde há o deslocamento das regiões de pobres, para as regiões de ricos. A busca por emprego, saúde, educação, comércio, atividades culturais, etc. são as razões pelas quais há migrações.

A engrenagem que movimenta o sistema capitalista de produção entrelaça as realidades, fazendo-as opostas, como dois extremos. Contudo, o espectro entre a pobreza e a riqueza é fator essencial. Pensar nos lugares onde há escassez e miséria como atrasados e desatualizados do mundo moderno é uma ideia errônea, pois estes são parte do sistema, essa diferenciação dos espaços, lugares e das paisagens, visto que para existir a riqueza faz-se necessário existir a pobreza. Eis o motor do capitalismo cuja lógica é incorrigível (MÈSZÁROS: 1995).

O capitalismo desumano e desenfreado engloba os lugares de interesse, onde há recursos ou projetos de desenvolvimento, existe uma mão invisível que define a onde terá investimentos econômicos em meios e subsídios. O mundo globalizado significa que existe uma conectividade entre todos os espaços, e a informação está em todo lugar. As regiões onde há um índice de desenvolvimento humano superior tornam-se polos de atração, em virtude das oportunidades e possibilidades que garantem melhor qualidade de vida.

Quando ocorre a migração ocorrem pelos menos três processos: Territorialização; Desterritorialização; e Reterritorialização (T-D-R). O primeiro traduz-se no pertencimento. O segundo traduz-se na fuga do lugar de pertencimento. O terceiro traduz-se em ocupar um novo espaço, recriar-se, refazer-se, encontrar um novo significado e identidade, e assim, pertencimento. Em suma, define-se como o processo de mudança do antigo para o novo, muito embora sejam processos recorrentes, e que em geral não são passivos, e sim marcados pela necessidade ou por meio da força, contra a vontade dos sujeitos. São reproduzidos em diversos

tempos e épocas. Nesse contexto, territórios deixam de existir, e outros se modificam, configurando-se de acordo com os interesses políticos, econômicos, dentre outros.

A desterritorialização se refere à retirada dos sujeitos de seu local de origem ou onde se encontra territorialização, isto é o lugar onde vive e construiu relações e memórias afetivas, onde há um sentimento de pertencimento, seja por meio de sua identidade ou em caráter de direito sobre o bem. A desterritorialização ocorre por distintas causas, seja quando ocorrem projetos voltados para a construção de grandes obras, em geral do governo, tendo por finalidade a melhoria da qualidade de vida e acesso a serviços da população circunvizinha ou da região, e, no caso específico retratado neste trabalho monográfico, pela migração forçada em momento de grande estiagem e ausência de políticas públicas para convivência com o Semiárido. De certo modo, é um processo de destruição em que submetem o apagamento dos processos históricos e das memórias, podendo comprometer a identidade dos sujeitos, uma vez que o lugar de vivências caracteriza o homem.

No espaço social, os cidadãos constroem suas relações com a natureza e entre si, e se caracterizam como sujeitos, detentores de razão e emoção. A submissão do cidadão que é obrigado a abandonar as suas raízes traz embates e desequilíbrio social, uma vez que os sujeitos se adequam aos espaços de acordo com sua cultura, o novo habitat produz incertezas e consequências negativas, como por exemplo, a xenofobia, ou seja, a inversão ao estrangeiro, a repulsa e a inaceitação dos sujeitos que podem ser vistos como invasores, a fim de ocupar lugares de outrem, e o temor de haver com os recém-chegados a introdução de enfermidades para os centros. Conforme Rios (2014, p. 10) ao se reportar a seca de 1932, assim como nesse momento, pode-se afirmar em relação a seca de 1925 quando da formação pelo Estado dos Campos de Concentração:

Em 1932, a prática de manter a cidade dos ricos afastada (ou parcialmente afastada) da miséria concretizou-se na construção de locais para o aprisionamento dos flagelados, bem como em frentes de trabalho e em políticas de emigração forçada para outros Estados. Nesta seca, o poder público isolou parte dos sertanejos em sete Campos de Concentração, distribuídos em lugares estratégicos para garantir o encurralamento de um maior número de retirantes no Sertão do Ceará. Esses Campos de Concentração apresentavam-se como espaços privilegiados para um estudo sobre a construção dos lugares de isolamento da pobreza em face do medo que a multidão faminta causava em Fortaleza durante as secas. (RIOS: 2014, p.10).

A dinâmica dos deslocamentos acarreta na expansão populacional, dessa maneira a demografia aumenta consideravelmente, implicando em apresentação de soluções e providências a serem tomadas pelos governos, voltadas para políticas públicas. Nesse caso

estudado, a intenção, segundo Rios (2014) se voltaram ao controle de população, vigilância severa e mecanismos de destinação desses povos para outras regiões ou, pela atenção mínima dada aos sujeitos, o condicionamento dos mesmos à morte.

O território detém vertentes que o caracterizam e funcionam como bases para a organização e soberania, entre elas estão: economia, como meio de produção, bens e recursos; política, que delimita para execução de leis e exercício dos poderes; e cultura, construção social e afetiva, sobretudo a materialidade, isto é, a delimitação da sociedade e da natureza. Posto isso, o território pode ser definido como uma parcela do espaço geográfico delimitada estrategicamente.

O processo de territorialização é antecedido pelo espaço, sendo definido pelo pertencimento e apropriação do espaço, onde os sujeitos firmando relações e produzindo fluxos, escalas, ligações e relações espaciais, produzem e se reproduzem. Pensar o território sugere refletir acerca das conexões, trânsito de dados e/ou mercadorias, em todas as esferas políticas, sociais e comerciais. São reafirmadas a partir das relações, do cotidiano, do que se é vivido. O novo território temporário, o ‘Curral Humano’ servia de base para a contenção dos retirantes para que não ocupassem a cidade, bem como a destinação destes para outros espaços de reterritorialização.

A atividade de desterritorialização é a base para a gênese da reterritorialização, que consiste na ocupação de um novo espaço, uma vez que os sujeitos são induzidos a se retirar do lugar onde vivem e constroem suas memórias afetivas e relações sociais. Neste ponto, o espaço passa a ser uma construção, a reconfiguração que receberá uma nova função, uma nova significância e uma nova identidade. Dessa forma, infere-se que são sistemas indissociáveis, pois um acarreta no outro, isto é, um processo fomenta o outro. O desejo da família de Chico Bento representa a gênese representada na sigla D-T-R, mas sem qualquer certeza do destino e do caminho a fazer porque inteiramente dependentes da ação externa.

As noções de desterritorialização/reterritorialização definem as vivências no espaço social, as relações de trabalho na locomoção e mudança de território, desse modo às movimentações migratórias constituem uma estrutura do sistema governamental, que determinava pela ação de designar novos espaços, ou pela inação de promover a necropolítica.

1.1 BIOPOLÍTICA, EUGENIA E HIGIENISMO SOCIAL PRESENTES EM *O QUINZE*

Fatores que explicam a violação de Direitos Humanos (DH), como a eugenia e o higienismo social ocorridos no período retratado na obra literária apresentada, vão além dos

aspectos físicos relativos ao clima Semiárido e ao fenômeno da seca. Diz respeito à biopolítica, a omissão do poder público e a ausência de políticas sociais direcionadas e construídas no País, especialmente se considerar a mitigação das diferenças regionais.

Entre os elos que a ciência geográfica discute, existem diversas áreas de estudo, entre elas há a Geografia da Saúde ou Geografia Medicinal que busca compreender e explicar as ações que moldam os lugares e diferenciam os espaços a partir de epidemias, ou surtos. Deste modo, alicerçada na medicina urbana, onde está possui o caráter de conter as epidemias que acreditam estarem atreladas a determinados sujeitos, em geral aos povos migrantes, podemos citar como sendo os ‘indesejáveis’, estes pertencentes aos grupos de excluídos. Em geral, há uma população específica a qual, o Estado busca controlar. O controle é justificado pela máxima de prevenir surtos e colapsos da saúde pública, por meio da gestão do *habitat* e do espaço ocupado.

Outra óptica trazida por Achille Mbemb (2018), um filósofo, da República de Camarões, relaciona-se à necropolítica promovida pelo Estado e diz respeito à determinação de quem deve viver e quem deve morrer no espaço territorial. De acordo com os princípios adotados pela necropolítica, populações inteiras podem ser dizimadas, uma vez que sejam consideradas ‘indigentes’, ou ‘não humanas’, podendo ser intitulado de genocídio.

Recentemente, no ano de 2020, o mundo viveu uma grande crise de saúde, a pandemia da COVID-19. No Brasil, o cenário tornou-se devastador, o número de mortes passou da marca de 600 mil vítimas, considerado calamidade pública, o país virou palco para o mundo, com a negação da ciência por parte do Presidente da República, atraso na compra de vacinas, com a justificativa de não ter tido aprovação dos órgãos de vigilância, e descaso com as vítimas, tratados como “corpos descartáveis”, este é um exemplo de genocídio. Esta breve reflexão serve para pensar sobre as questões do passado que ainda atualmente se repetem como descaso, mas perceptível como uma política intencional da morte. Fazendo uma analogia com o retratado na obra O Quinze, a negligência e omissão em promover políticas públicas de fortalecimento do campo, do campesinato e de permanência em seus espaços de origem e de vida é política de morte.

Os estudos sobre população são um caminho para compreensão das ideias defendidas por Foucault (1999), quando abordam as bases do biopoder e da biopolítica. Ambos os pensamentos se alicerçam nas premissas de exclusão, do que pode ser considerado como problema, e seleção do que está em ‘equilíbrio’, dentro das relações sociais. As superpopulações dos centros urbanos geravam riscos para as classes superiores, dessa forma a demografia surge

como um fenômeno a ser estudado e gerenciado. O biopoder objetiva estabelecer uma relação de controle sobre os corpos, e assim, extrair a força produtiva, através do espaço e tempo.

As noções de biopoder podem ser interpretadas por meio do trecho da obra ‘O Quinze’, quando o personagem Chico Bento pede à Conceição para conseguir uma carta do Bispo, pedindo que lhe arranjam emprego, e relata: “Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.” (QUEIROZ, 1977. p. 72). Mas, não implicava em segurança para ele e sua família. Uma ação pontual e assistencialista que não solucionaria a segurança alimentar, conforme se depreende na cena em que se percebe a noção de biopoder, mediante a obtenção da força de trabalho pelo agente, voltada para a produção, momento em que se misturam a necessidade de se alimentar e, a responsabilidade e solidariedade com o restante da família, que ausente do local de trabalho, certamente não teria o alimento do qual o mesmo poderia utilizar:

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe em longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. E o almoço, ao meio-dia, onde, junto ao pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e animou. Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira lasca de carne!... E até lhe amargou o gosto daquela carne, lembrando-se de que Cordulina, a essa hora, engolia talvez um triste resto de farinha, e junto dela, devorada a magra ração, os meninos choravam... (QUEIROZ, 1977. p. 72)

Aparecem como “vítimas da seca”, conforme situa o recorte de reportagem, a seguir. São vítimas da ação e ausência do Estado. A reportagem apresenta os níveis de fragilidades às quais estavam expostas essas populações, desde a insegurança alimentar em seu mais alto grau, assim como outros riscos que as mulheres se expunham enquanto se higienizavam no Lago do Tauápe.

Figura 20: Reportagem acerca dos flagelados retirantes concentrados em Tauápe-Ceará.



Fonte: Extraído pela Autora: maio de 2023⁸.

⁸ <https://www.hypeness.com.br/2020/03/a-historia-pouco-contada-dos-campos-de-concentracao-da-seca-no-nordeste/>

A biopolítica ocupa-se de exercer o controle das massas por meio dos fluxos migratórios, pela demografia por meio da taxa de fertilidade, natalidade, entre outras ferramentas que visam controlar a sociedade. Realizar a construção de campos de concentração é estratégia biopolítica.

Figura 21: Reportagem acerca do Efetivo dos Campos de Concentração dos Flagelados no Ceará.

O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS	
Pelos últimos dados recebidos oficialmente, o efetivo de flagelados nos diversos campos de concentração deste Estado conta-se da seguinte maneira :	
Ipú	6 507
Fortaleza	1 800
Quixeramobim	4 542
<u>Senador Pompeu</u>	16 221
Cariús	28 648
Buriti	16 200

Total	73.918

Fonte: Extraído pela Autora: maio de 2023⁹

⁹ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/a-historia-pouco-contada-dos-campos-de-concentracao-da-seca-no-nordeste/>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

Essas ações de encurralar pessoas se assemelham as estratégias do nazifascismo, onde os considerados mais puros são superiores aos impuros, sendo a raça ariana uma ideia de que a sociedade deveria passar por uma espécie de ‘purificação’, para que se torne ‘equilibrada’. O Estado assume o poder, o biopoder, de qualificar os sujeitos tornando-os parte do sistema que manipula de acordo com os próprios interesses, onde o mesmo possui o direito de matar, excluindo suas identidades e tornando-os objetos.

As noções de biopoder de Foucault (1999) e da necropolítica de Achille Mbembe (2018), são reflexões para se pensar não só os embates do passado, mas a sociedade moderna. Assim como o Holocausto e fascismo, voltados para extermínios populacionais, o extermínio em massa dos retirantes da seca são um reflexo de um sistema governamental voltado para servir uma única classe, postergando questões voltadas para o bem social, e a população em geral, sem distinção.

Neste sentido, abordar as ideias desses pensadores nos faz refletir sobre o passado, e pensar o presente, pois ainda que mudem a roupagem, a política possui suas raízes e se (re)produz ciclicamente conforme constata a história e as marcas presentes na paisagem do espaço geográfico.

Essas reflexões nos remetem a interpretar O Quinze a luz dos Direitos Humanos (DH). Tais situações desvelam por meio da literatura, a infração dos Direitos Humanos (DH) (LEÃO e RECINE: 2010; 2011), seja pela ausência do Estado e a negação desses direitos, seja pela promoção de processos de eugenia e higienismo social, traduzidos em práticas de desterritorialização e reterritorialização em territórios temporários, os campos de concentração, que funcionaram como currais humanos, onde se dava o controle de corpos, a dizimação de considerável parcela da população retirante, retratando assim, espaços de controle estatal, da fome e miséria. São retratadas as relações sociais e a modificação dos espaços a partir das trajetórias de migrantes, do fenômeno da seca e da fome (MELO NETO: 1994), assim como da presença e ausência simultânea do Estado pela violação dos DH dos povos do campo.

Nesses espaços eram prometidos empregos, passagens para deslocamentos daqueles advindos do campo por meio do êxodo rural forçado e, de práticas assistencialistas por parte do Estado, cuja ausência, remete também a sua presença por meio de sua mão invisível (MÈSZÁROS: 2005), esta que forçava aos flagelados retirantes a trabalhos degradantes em troca de comida, e da falta de assistência alimentar e de saúde (RIOS: 2014).

Partindo desses pressupostos, procuraremos discorrer acerca das teorias sanitaristas e de evolução social, onde buscamos abordar a historicidade das ideologias que serviram de base para a configuração de cenários como o que está retratado na obra literária procurando

estabelecer conexões entre os processos de eugenia e higienismo no Brasil, considerando a intrínseca relação destes com os direitos humanos. Segundo Coelho (2019, p. 9):

Foi na seca de 1915, porém, que o tratamento da questão da assistência aos desvalidos da seca apresentou um caráter mais organizado, pautado no desenvolvimento dos saberes médico-sanitaristas, que pregavam a assepsia urbana, e nas técnicas urbanísticas. Nessa ocasião foi criado o primeiro Campo de Concentração da história do Ceará.

Pautada na teoria da evolução de Charles Darwin, um dos principais estudiosos da ciência biológica, o qual deu vida à teoria da evolução que consiste na ideologia de que as espécies mais fortes sobressaem pela ‘seleção natural’. A ciência eugênica teve seu início no século XIX, defendida por Francis Galton (1822-1911), que era um Antropólogo e Matemático, além disso, era primo de Darwin. Galton, que tinha sua linha de pesquisa voltada para a evolução, buscava comprovar que as características humanas socialmente inaceitáveis poderiam ser ‘previstas’ e evitadas, como por exemplo, o alcoolismo, problemas psíquicos e, até mesmo, pertencentes à classe social baixa. Dessa forma, acreditava-se que poderia haver o manipulação dos cruzamentos entre os seres humanos para que fosse evitado o nascimento de pessoas ‘mal nascidas’. Essa ideia reforçava a crença de que a sociedade deveria ser ‘purificada’, a partir do controle de natalidade das gerações.

No Brasil, o surgimento de movimentos e correntes de pensamentos eugenistas tiveram início no século XIX. Já havia na América do Norte um forte crescimento desses ideais, advindos da Europa. A palavra possui origem grega e se traduz em ‘bem nascido’. Para as classes dominantes, as migrações representavam uma preocupação para o espaço em que ocupavam, pois seriam como uma ‘mancha’ para as cidades. Nesse sentido, buscavam a todo custo exercer controle sobre as populações ‘inferiores’ e de ‘origens ruins’.

De acordo com TEIXEIRA (2017), “[...] no Brasil, os movimentos eugênicos começaram a se formar a partir de 1910”, período que marcava o fim da escravatura, as classes dominantes não queriam misturar-se, assim, a segregação racial se torna uma marca na história da formação do país enquanto república. Em outros países da América Latina, as práticas eugênicas foram extremas, envolvendo a esterilização das populações excluídas, com a finalidade de barrar a reprodução de tendências indesejáveis, e que acreditavam serem repassadas de genitores para seus descendentes.

Segundo Boarini & Yamamoto (2004, p.9) “a Eugenia tinha como meta a melhoria e a regeneração racial ou higiene da semente germinal”. Nesse sentido, há uma indissociabilidade

entre higienismo e eugenia social, onde a gênese sugere a assepsia ou purificação social, por meio da ciência.

Na problemática do presente trabalho, abordamos sobre a ausência e presença do Estado nos processos de separação das classes mais pobres das mais ricas e, por vezes o extermínio da primeira. O Campo de Concentração encurralava as populações de retirantes separando-as da cidade, impedindo ou dificultando que se espalhassem pela cidade, esta que temia os retirantes por distintos motivos.

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.

Às vezes uma voz atalhava:

— Dona, uma esmolinha...

Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.

Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ: 1977, p. 43).

Entendemos que há particularidades similares existentes entre a ciência eugênica no âmbito social, e os acontecimentos ocorridos nos Campos da Concentração no Ceará, isto é, a partir dos princípios da eugenia sendo aplicados ao contexto dos retirantes aos quais nos remetemos neste trabalho.

Enquanto locais de confinamento, ganharam significativa relevância nas páginas dos jornais da cidade. Além disso, a seca era diariamente relatada nas matérias desses periódicos. Examinando esses jornais, tornou-se possível perseguir o rastro das tensões produzidas neste momento de confronto entre pobres e ricos.

As matérias jornalísticas publicavam, com detalhes, artigos que enfocavam a seca sob diversos aspectos: a chegada dos retirantes; a situação no Sertão; o número de sertanejos que se deslocavam rumo à cidade; o pânico dos ricos diante do flagelo que se aproximava; as medidas do Governo para conter ou amparar o flagelado; as obras em andamento na cidade; o emprego dos flagelados nessas obras; os diferentes discursos sobre a necessidade de controle dos pobres; a estrutura dos Campos de Concentração; os conflitos entre administradores e concentrados e todas as notas oficiais do poder público. (RIOS: 2014, p. 9-10).

No século XIX, surge o higienismo, pautada no liberalismo, e tida como doutrinação, ganhou força e adeptos ao longo do século XX, esse movimento sanitarista originou-se a partir de trabalhos teóricos de Hipócrates em seu tratado “Dos ares, das águas e dos lugares” (LEÃO, 2010). As ideias foram disseminadas da Europa para a América Latina, tendo grandes manifestações de aderentes ao movimento, então foi perpetuando-se no continente chegando ao Brasil, que no momento encontrava-se com as correntes liberais.

Embasada em políticas sanitárias, a doutrina preocupava-se com a saúde, nesse aspecto buscava promover a limpeza de espaços tidos como causadores de doença e ameaça para o meio social, dessa maneira, no continente europeu, segundo Ferreira (2001, p. 3):

[...] idealizou-se a criação de uma imensa rede de agentes capazes de informar e intervir sobre o comportamento demográfico da população (nascimento, morte, casamento, migração, raça) e suas condições de trabalho, habitação, alimentação e saúde; estudou sistematicamente o clima e a geografia das diferentes regiões [...] (FERREIRA, 2001, p.: 3).

Os movimentos higienista e eugenista no Brasil, segundo Boarini & Yamamoto (2004, p. 4) representava “um pequeno grupo, em termos numéricos, formado por médicos em sua maioria e, a considerar os padrões da época, com grandes eruditos dentre eles”.

Nesse sentido, infere-se a elitização do interesse em uma classe sobrepor a outra, num processo de selecionar e modificar socialmente os indivíduos, objetificando os homens e mulheres em prol de uma ascensão fundamentada em princípios científicos que, os resultados dos estudos em si, não representam consistência cabíveis à raça humana, nesse processo de ‘seleção natural’ ou ‘seleção social’. Desse modo, Boarini & Yamamoto (2004: p. 5) afirmam que “[...] as ideias higienistas e eugenistas sobrepuseram-se em grande medida, o que dificulta análises em separado.”, assim tornam-se indissociáveis para compreensão e fundamentação dos ideais defendidos por ambos os pensamentos.

São muitos os modos de configuração social, que partem do controle das massas e assepsia do que não se enquadra aos "padrões" estabelecidos pelas classes dominantes. Assim, não foi diferente aos episódios retratados na nossa literatura, onde os homens eram tidos como não pertencentes a Terra, o telúrico fora negado a uma grande maioria de pessoas pobres, denominadas retirantes, que fugiam das suas raízes, da seca e da miséria, em busca de novas rotas que oferecessem recursos de subsistência.

As motivações de incentivo às migrações eram efetuadas por meio de propagandas inverídicas, que se resumiam em garantir, aos retirantes flagelados, haver oportunidades de emprego e moradia. No entanto, eram traçadas rotas para a concretização de um verdadeiro plano higienista governamental, nascido da ideia de redesenhar a face brasileira, diante da nova visão que se tinha diante do cenário mundial.

Após o filho, Pedro, sumir, Chico Bento ganhou passagens de Luís Bezerra, seu compadre e Delegado do Acarape e segue em viagem diretamente para o Campo de Concentração com todas as incertezas e o desconhecimento sobre o que estaria por vir:

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo. (QUEIROZ, 1977, p. 63).

O desconhecido, incerto, a fome, as doenças que rapidamente se proliferavam culminaram em cenários de desumanidade e altos níveis de insalubridade, insegurança alimentar e nutricional e morte. Nesse sentido, a Geografia Médica serviu de base para a construção da Geografia da Saúde, que exerce uma ampla contribuição nos estudos voltados para detalhar os objetivos e delineamentos que ocorreram nos processos sanitários que moldaram o espaço e estão impressos na paisagem por meio das rugosidades de uma época de descaso e negligência, sendo também um período esquecido, ou apagado, dos registros históricos, grosso modo, omitindo-se ou apagando os rastros de uma marca que está enraizada na constituição histórica e social da região Nordeste.

Pelo exposto, cabe a análise acerca da participação e/ou influência do estado na consolidação de criação dos currais humanos, e as ações exercidas para concentração dos povos do campo.

4 A AÇÃO DO ESTADO E A FORMAÇÃO DE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO OU CURRAIS HUMANOS

Este capítulo, por meio da Geografia Literária, remete-se à reflexão acerca da ação do Estado frente aos processos de controle de retirantes Nordestinos recebidos e aprisionados nos Campos de Concentração, localizados no estado do Ceará, detalhando mais precisamente o Centro Administrativo tombado no município de Senador Pompeu-CE.

A formação de Campos de Concentração ou Currais Humanos se constituiu com uma estratégia de ação ao mesmo tempo em que revela a ausência do Estado, pela falta de políticas públicas voltadas para o campo. O capítulo será dividido em dois subtópicos, onde são abordadas a discussão pertinente ao Estado e suas ações e a formação dos campos de concentração, bem como os processos de reterritorialização.

4.1 A AÇÃO DO ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO CAMPO

A aparente ausência do Estado se configura também como presença deste aparelho na construção do espaço geográfico. No caso do Brasil, é facilmente observável a sua associação aos interesses neoliberais, promovendo iniciativas como a privatização do público, ao passo em que subordina alguns espaços a outros espaços em processos como a migração de população com a abertura de fronteiras, exercendo o controle de corpos, agindo como Estado Mínimo e gerando conseqüentemente, um quadro de desigualdade social que se dá diferenciado regionalmente. Assim, desresponsabiliza-se da ação de gestão de porções do espaço geográfico, o que pode ser constatado a partir da obra *O Quinze*, a qual se reporta a migração de retirantes da região Nordeste. Conforme Coelho (2019, p. 9):

O medo de saques e da violência gerada pela fome, e a propagação de doenças, eram fatores que pressionavam o poder público a buscar medidas extremas para conter a leva de famintos que ocupava a cidade. O terror coletivo da população encontrou em seu governo respostas em forma de saberes e experiências de controle social que apontavam para técnicas de isolamento e concentração. A criação do Campo de Concentração foi assim uma tentativa do governo para controlar os retirantes e impedir que estes chegassem ao centro de Fortaleza.

No enredo da obra em estudo, o personagem principal, Chico Bento, luta pela permanência no campo e, na impossibilidade de continuar em seu espaço de morada passa a

buscar a colaboração do governo, que ausente, promove a criação de espaços que culminam na morte, na inanição, na proliferação de doenças e calamidades e, por sua vez, forçava os processos migratórios por não haver alternativas locais de permanência das famílias e passava a conceder passagens de trem para as populações de baixa renda. As preocupações aumentavam em torno dos possíveis riscos vistos pelos olhos dos governantes e proprietários de terra que reforçavam a oposição entre esses dois espaços: o campo e a cidade:

A grande estiagem que se iniciou em 1913 trouxe a tona os mesmos problemas enfrentados na seca de 1879. Fortaleza mais uma vez foi invadida por uma onda de flagelados, que ocupavam os espaços urbanos e traziam o caos e a desordem para a modernizada capital. O centro a cada dia recebia novos integrantes, que vinham em busca de auxílio e frentes de trabalho. Proprietários de terra, políticos, membros ilustres da sociedade, jornalistas e médicos traziam debates sobre a seca, exigindo uma atitude capaz de manter a ordem e de afastar os retirantes das principais áreas de contato com a população citadina. (COELHO: 2019, p. 9).

O cenário era de seca e desalento, o vaqueiro observando o gado marchar:

Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. O próprio leito das lagoas vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas”. (QUEIROZ: 1977, p. 19-20).

Ao buscar e não encontrar passagens para a migração que faria inicialmente, até Fortaleza, Chico Bento negociou sua roupa de vaqueiro com Vicente, que em troca lhe arranhou uma burrinha. Assim, seria esse o meio de transporte do vaqueiro: “O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha. Iria nele até o Quixadá, ver se arranjava as passagens de graça que o governo estava dando”. (QUEIROZ: 1977, p. 24). Sua procura por recursos e passagens para seguir adiante gerou um diálogo de descontentamento e revolta, pois havia predileções e acordos escusos para a concessão de passagens, além de que o fator geração era um elemento essencial na concessão direta para o Estado do Acre para o acesso de juventudes, conforme explicita Queiroz (1977, p. 26):

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

— Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte!

O homem sacudiu os ombros:

— Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...

Chico Bento foi saindo.

Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!”

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

—Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno...

Anda vendendo as passagens a quem der mais...

Conforme Pompeu Sobrinho (1893, p. 32):

Tratava-se de uma densa concentração humana em promiscuidade, que o governo não podia manter em boas condições de higiene e moralidade por falta de recursos financeiros e pessoal competente e honesto que o administrasse (SOBRINHO, 1893, p.: 32).

As preocupações em torno da chegada cada vez maior de um quantitativo de retirantes à cidade de Fortaleza preocupavam a burguesia e o governo diante da necessidade de tomada de atitudes imediatas seja para conter, controlar e assistir a essas populações. De acordo com Coelho (2019, p. 11):

Esse cenário de terror que se criou em cima da vinda dos flagelados para a capital e a pretensa preocupação com o destino desses indivíduos deram respaldo e legitimidade aos projetos da elite de controle da situação. O poder público e a burguesia entendiam que era urgente conter a força demolidora da multidão que chegava de todas as partes do estado e promover assistência a essas famílias que se encontravam em situação de extrema miséria.

Essa descrição do autor (*ib. id.*) remete à reflexão de Josué de Castro (1980, p. 22) ao afirmar: "Metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come". O cenário de desigualdades se exacerba no momento em que podemos refletir sobre o campo e a cidade, assim como na dimensão intra e inter-regional. Portanto, conhecer o espaço geográfico local é elemento indispensável na gestão de políticas públicas, pois se nos remetermos ao Semiárido, quando neste existe a ausência do Estado e, as condições e direitos humanos mínimos à vida, a exemplo de água e alimento para humanos, plantações e animais de criação, significa dizer que é impossível permanecer. Portanto, nesse cenário, um mês de espera pelas passagens significaria a morte.

As políticas voltadas para assistência aos retirantes, não para todos, implicavam primeiramente no não reconhecimento das condições de permanência na terra, na invisibilidade da identidade camponesa, na não existência de políticas de fortalecimento de permanência no

campo como ênfase ao respeito aos direitos humanos aos povos do campo e do Semiárido brasileiro, ocasionando, portanto, o desenraizamento de suas origens, de sua terra de vida e de morada, a desterritorialização.

A migração forçada foi provocada e os polos de atração se deram pelos caminhos em direção a Fortaleza-CE e, de lá em direção a outros centros das regiões Norte e Sudeste, como polos de atração. A concessão de passagens para uma parcela menor do que o quantitativo de pessoas atingidas na região retrata as dificuldades para conseguirem se utilizar dessa assistência, conforme se presenciou na citação anterior quando Chico Bento se revolta e percebe que há preferências e critérios particulares dos prepostos do Estado na concessão de passagens.

Nesse aspecto, destaca-se a falta de controle e investigação de possíveis desvios, ou ações incoerentes por parte dos servidores (prepostos), fato este que deveria partir do poder público. A falta de assistência do Estado e do poder público reafirmou a condição de graves violações aos direitos humanos desses sujeitos configurando crime, ora porque os privou do direito de permanecer em suas terras ou locais de trabalho, ora pela presença da Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN), mas de um modo geral, a negação do direito à vida em toda a sua extensão.

A decisão de migrar como ato de expulsão se torna a única alternativa de seguir estrada a fora para sobreviverem. Ao migrarem são desterritorializados sem qualquer certeza de seus destinos, pois a utopia ainda era o que os movia, o desejo de ter dignidade para a sua família em algum lugar incerto e não sabido, mas com o sonho de chegar à terra prometida. Nos primeiros lampejos acerca da necessidade de migrar Vicente reflete acerca da situação do gado e das famílias de trabalhadores, quando se refere a Chico Bento e sua família: “— Do que tenho pena é do vaqueiro dela... Pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com tanta Família!... — Ele já está fazendo a trouxa. Diz que vai pro Ceará e de lá embora pro Norte...” (QUEIROZ (1977, p. 14).

Chegando ao Campo de Concentração, o território provisório, local onde estavam sob a vigilância e o controle do Estado, havia as estratégias de redefinição dos novos locais de migração para as famílias de retirantes, também chamados de flagelados.

Figura 22: Família de Salustiano Alves Bezerra no Campo de Concentração do Alagadiço.



Fonte: Disponível em: <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/347-campos-de-concentracao-no-brasil-os-campos-da-fome.html>. Acesso em 30 de maio de 2023.

Estar no Campo de Concentração seria um espaço transitório e, ali estavam apenas num espaço de parada para continuar a trajetória de migrantes aguardando determinações do Estado como aparelho de controle e de vigilância, mas como espaço possível de socorrê-los diante da situação de miséria, pobreza e fome que os assolavam. Para Coelho (2019, p. 9):

Inicialmente apenas um local cercado por arame farpado, com algumas poucas árvores, o Campo recebia os retirantes que chegavam a Fortaleza, e lá estes construía seus barracos com material que dispusessem ou encontrassem. Havia um interventor, cujo papel era gerir o Campo, organizar aqueles que iriam para as frentes de trabalho, distribuir a ração e manter a ordem e a moral no acampamento. A vida desses concentrados era totalmente controlada pelos

inspetores, eles tinham que seguir as regras de convivência, de alimentação e higiene. A distribuição dos remédios aos doentes também era da alçada dos inspetores.

Dentre as possibilidades de migrar intra ou inter-regionalmente, Conceição sugere a Chico Bento a viajarem em direção ao Sudeste. Segundo Queiroz (1977, p. 77):

Subitamente, Conceição teve uma ideia:

— Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...

O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

— É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro Norte ou pro Sul...

Timidamente, Cordulina perguntou:

— E é muito longe, o São Paulo? Mais longe do que o Amazonas?

— Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem jacaré... É uma terra rica, sadia...

Chico Bento ajuntou:

— Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro...

Conceição levantou-se, rebatendo o vestido:

— Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Querover se daqui a alguns anos voltam ricos...

Cabe uma ressalva acerca da retratação da presente região no passado e os reflexos dos estereótipos criados e idealizados que perduram até os dias atuais, que são fortalecidos por meio de discursos e, até pela invisibilidade do tema, como pauta a ser tratada com a devida relevância.

4.2 A FORMAÇÃO DE CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO ESTADO DO CEARÁ E A VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS: DE TERRITÓRIOS TRANSITÓRIOS AOS POLOS DE ATRAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Os Currais Humanos, ou Campos de Concentração atraíam e acolhiam os Retirantes com o objetivo de assistência, mas principalmente como controle de corpos (COELHO: 2019; ALBANO: 1918; FOUCAULT: 2004a; 2004b), como uma expressão de eugenia e higienismo social. Portanto, os Currais serviram como controle e vigilância dessas populações, ao passo em que a direcionavam a outros polos de atração viabilizados pela expansão do capitalismo e de abertura de fronteiras no País, consolidando a desterritorialização permanente desses povos.

O fenômeno de formação de Currais Humanos foi retratado na literatura, mas também no cinema (AGUIAR & COLARES: 2019).

Figura 23: Ilustração do Documentário Currais (2019).



Fonte: Disponível em: <https://www.filmelir.com/br/film/14388/currais>. Acesso em 13 de maio de 2023.

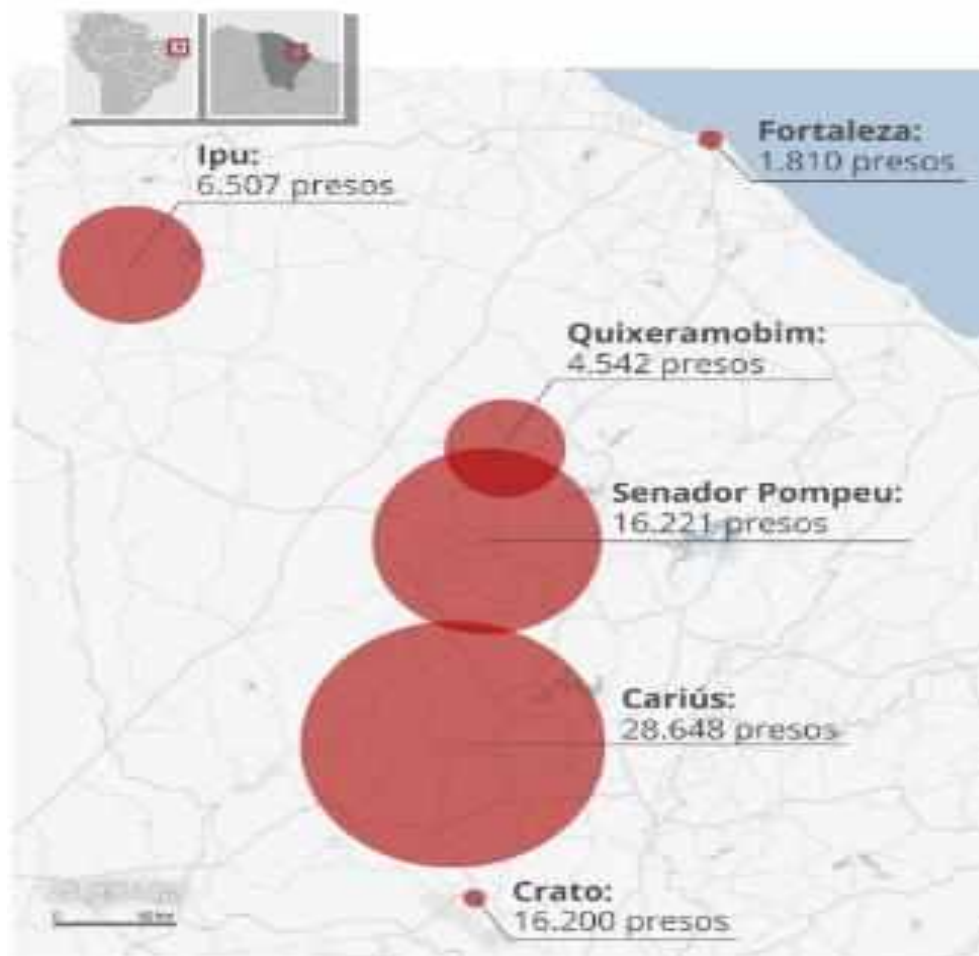
Quadro 01 - Ficha técnica do Documentário Currais: 2019.

Ficha técnica do Documentário
<p align="center">CURRAIS (2019)</p> <p align="center">Direção: Sabina Colares, David Aguiar</p> <p align="center">Roteiro Sabina Colares, David Aguiar</p> <p align="center">Elenco: Rômulo Braga, Zezita Matos, Vitor Colares</p> <p align="center">Disponível em: Youtube, Globo Play e Apple Play, todos em versões pagas.</p>

Fonte: Organizado pela Autora: 2023.

No estado do Ceará, foram construídos Currais Humanos ou Campos de Concentração localizados nos municípios de Fortaleza com três campos de concentração (Alagadiço -1915, Matadouro e Urubu - 1932) e, Crato (Cariri), Cariús, Ipu, Senador Pompeu e Quixeramobim.

Figura 24: Campos de Concentração ou Currais Humanos construídos no Ceará.



Fonte: Dados referentes ao ano de 1932. In.: Relatório da Universidade Regional do Cariri (URCA): 2017.¹⁰

Conforme Coelho (2019, p. 9):

No ano de 1915 criou-se o Campo de Concentração do Alagadiço, na periferia oeste da capital cearense. A ideia era facilitar a distribuição de socorros e permitir um tratamento melhor e mais humano aos atingidos pela seca, que encontrariam no Campo trabalho e serviços organizados pelo governo, tendo por compensação o alimento. Frederico de Castro (1995, p. 97) aponta que “o Campo tornara-se uma importante referência para aqueles que viam suas parcas condições de existência dissiparem-se rapidamente em função da seca [...]” (COELHO, p.: 9).

Os currais serviram como controle de população, ao passo em que a direcionavam a outros polos de atração viabilizados pela expansão do capitalismo e de abertura de fronteiras no País.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml>. Acesso em 14 de maio de 2023.

O Estado, por meio de seu poder e atribuições, desenha o espaço e os lugares, com demarcação territorial e implementação de políticas para gestão e configuração dos seus limites, e ainda que indiretamente, apresenta-se em todas as esferas sociais, sendo estas a saúde, educação, segurança, bem estar, lazer, dentre outras. Dessa maneira, há o controle das massas, isto é, controle dos corpos.

Os Campos de Concentração ou Currais do governo no Ceará foram espaços destinados para a recepção e controle dos retirantes que ao chegarem eram impedidos de se dispersar. Após chegarem, eram mantidos sob vigilância, sendo convocados para construções de obras do governo. O lugar possuía condições insalubres de sobrevivência. No trecho a seguir da Obra, Queiroz (1977) busca pontuar os aspectos desse espaço:

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.
 Às vezes uma voz atalhava:
 — Dona, uma esmolinha...
 Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.
 Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos!" (QUEIROZ, 1977.p. 43)

O Campo de Alagadiço é onde ocorre o cenário da obra supracitada, tendo como personagem de atuação cotidiana na assistência aos flagelados, a jovem Conceição, que trabalhava em uma escola, além disso, ajudava no Campo de Concentração. A personagem em questão é uma figura que sinaliza a administração e a política empregada para concentrar essa população e evitar que saíssem para a capital, Fortaleza (CE), como pode ser evidenciado na passagem literária a seguir:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo o imundo ambiente onde jazia". (QUEIROZ, 1977. p. 90)

De acordo com a reportagem encontrada na página do website G1 (2019), o campo de concentração do Alagadiço (Figura 25), localizado no Estado do Ceará (CE) foi destinado a receber os retirantes, segundo a notícia:

Apoiado na noção de ordenamento, um terreno no Alagadiço concentrou retirantes. O local chegou a abrigar cerca de oito mil pessoas. Findado o período de estiagem, em 1916, o campo foi desfeito. Já em 1932, o inverno era esperado com ansiedade, mas um novo ciclo de secas fez o estado, retornar a cruel ideia de confinar retirantes. A experiência se repetiria desta vez além

de Fortaleza em outros cinco municípios. Crato, Senador Pompeu, Quixeramobim, Cariús e Ipu.

Figura 25: Barracos na concentração do Alagadiço.



Fonte: Coelho (2019, p. 19).

Um retrato das condições inóspitas a que as vítimas da seca eram submetidas é apresentado no trecho após a personagem Conceição conversar com Chiquinha Boa, personagem da trama que aparece como ex-moradora de Vicente. Chiquinha explica os condicionantes para sua migração e chegada ao Curral humano, afirmando: “— A gente viúva... Sem homem que me sustentasse... Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar...” (QUEIROZ: 1977, p. 43).

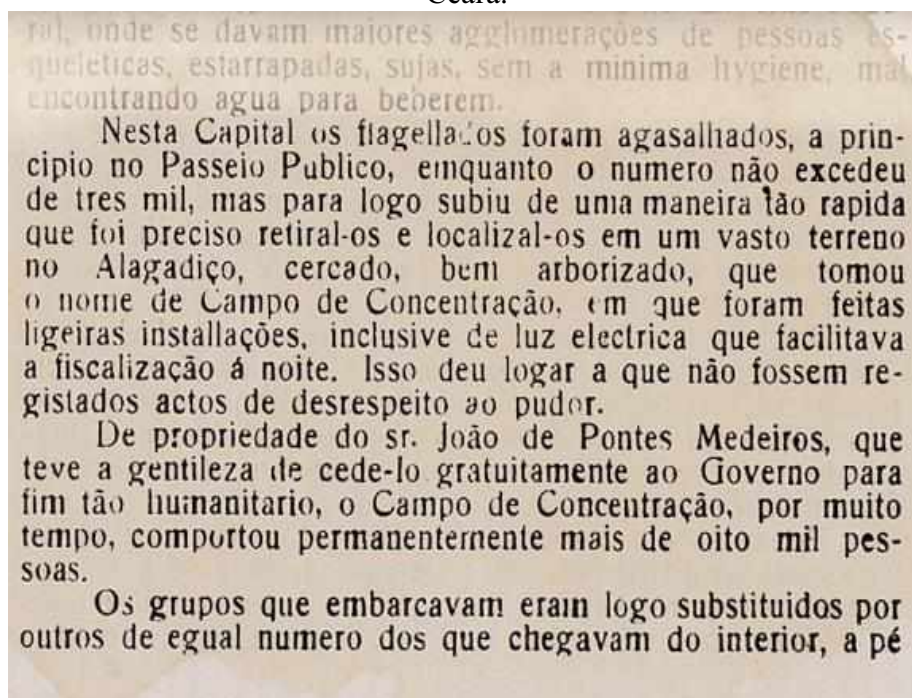
As condições insalubres são expostas na obra quando a autora (*ib. id.*) afirma que Conceição atravessa o Campo, o qual possui sua paisagem marcada pelo mau cheiro, consequência das condições insalubres às quais era submetida às vítimas, os flagelados retirantes: “Quando transpôs o portão do Campo, e se encostou a um poste, respirou mais aliviada. Mas, mesmo de fora, que mau cheiro se sentia!” (QUEIROZ, 1977. p. 44).

Na passagem a seguinte, há o indicativo que mostra as condições de precariedade às quais essas pessoas eram atraídas, onde uma retirante aparece na casa de dona inácia, onde a mesma a pede para entrar com o menino que traz junto de si: “— E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome! — Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha!” (QUEIROZ, 1977. p. 91).

As condições inumanas e inóspitas retratadas em *O Quinze* (*ib. id.*), nos remete a indagações pertinentes acerca dos tipos de políticas que foram adotadas naquela época. Segundo dados oficiais, a falta de alimentos foi um fato vivido dentro dos Currais Humanos, não tinha estruturas para comportar as centenas de pessoas que fugiam da fome e da miséria.

Dado o exposto, infere-se que havia uma política indireta por parte do Estado, pois existia o monitoramento dos campos de concentração (Figura 26), havia pessoas que trabalhavam assistindo os retirantes ali instalados, e se tinha uma administração do lugar, do espaço no qual estavam inseridos.

Figura 26: Fragmento de Reportagem sobre a formação de campos de concentração no Ceará.



Fonte: NASCIMENTO, Tatiani (2019).

Os deslocamentos dessas populações constantemente vigiadas se davam para os trabalhos escassos orientados por pessoas do governo ou diretamente para novas rotas migratórias. Podemos enfatizar que os condicionantes migratórios, que causam grande movimentação de massas, modificando os espaços ocupados, aumentando o volume populacional, em muitos casos, tornando-os desproporcionais ao número de habitantes.

No que tange às questões da valorização do espaço, desnaturalização e obtenção de valor a Amazônia no período da borracha, na obra em estudo QUEIROZ (1977) destaca a busca dos retirantes por emprego e lugares onde houvesse oferta de trabalho e atividades produtivas. Assim, menciona a Amazônia que funciona como um polo atrativo, causando um movimento migratório da região Nordeste para o Norte, dessa maneira, há um ‘boom’ demográfico na

região, alterando os números populacionais, e ocasionando uma concentração dessa população vulnerável em centros, vivendo em condições insalubres e desumanas, com subempregos e baixa qualidade de vida.

No romance, Queiroz (1977, p. 24) narra um trecho que reafirma a região Norte como polo de atração, de acordo com o trecho seguinte:

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... (QUEIROZ, 1977, p.: 24).

Assim como na seca de 1915, outros períodos como em 1932 sucedeu a criação de novos campos de concentração no Estado do Ceará, conforme registros, a seguir tendo se registrado nas estações ferroviárias a concentração de grandes levas de migrantes em busca de novos territórios passando pelos campos de concentração para fugir da fome que os assolava.

Figura 27: Os flagelados na estação de Iguatú-CE, fugindo da seca, em 1877.



Fonte: Arquivo Abner Ismael Bento. Reportagem do G1 Ceará, ano de 2019.¹¹

¹¹ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/a-historia-pouco-contada-dos-campos-de-concentracao-da-seca-no-nordeste/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

Figura 28: Os prisioneiros nos campos de concentração de 1932, Ipú-CE.



Fonte: Arquivo Professor Mello.¹²

Apesar dos poucos registros encontrados, e da escassez de informações propagadas no ciberespaço, é possível localizar algumas notícias que evidenciam com maior precisão, os registros dos números de retirantes que estiveram nos campos de concentração, além disso, registram a violação aos direitos humanos e ao direito de liberdade de ir e vir, instituído a toda pessoa humana. O recorte da reportagem a seguir trata-se do período de 1932.

¹² Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/a-historia-pouco-contada-dos-campos-de-concentracao-da-seca-no-nordeste/>. Acesso em 24 de maio de 2023.

Figura 29: Reportagem do site ArchDaily, 2020.

archdaily.com.br/br/01-90654/hotel-refugia-slash-mobil-arquitectos?ad_medium=widget&ad_name=navigation-next

ArchDaily

Buscar no ArchDaily

Projetos Imagens Produtos & BIM Notícias

Iniciar sessão Criar conta

Conheça os campos de concentração brasileiros que aprisionavam vítimas da seca

f t in e p Guardar

Ruínas do campo de concentração em Senador Pompeu marcam a luta contra a fome e a seca de 1932. Foto: Gustavo Gomes/EBC, Image via Haus

Escrito por Aléxia Saraiva Publicado em 22 de Agosto de 2020

O ano de 1932 é um marco na história do Ceará. Uma das piores secas já vistas assolou o sertão e levou a uma cena já descrita em clássicos da literatura brasileira — tais como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz: retirantes que se veem obrigados a deixar suas

Ceará terá a primeira "cidade inteligente" para populações de baixa renda no Brasil

I Conferência Nacional de Arquitetura e Urbanismo em Fortaleza
Março 21, 2014

MAIS ARTIGOS

12 Espaços culturais projetados a partir da reutilização adaptativa

Aprendizagem de arquitetura por meio da competição: uma experiência acadêmica em concursos de projeto

Aguardando ttontheio...

Pesquisar

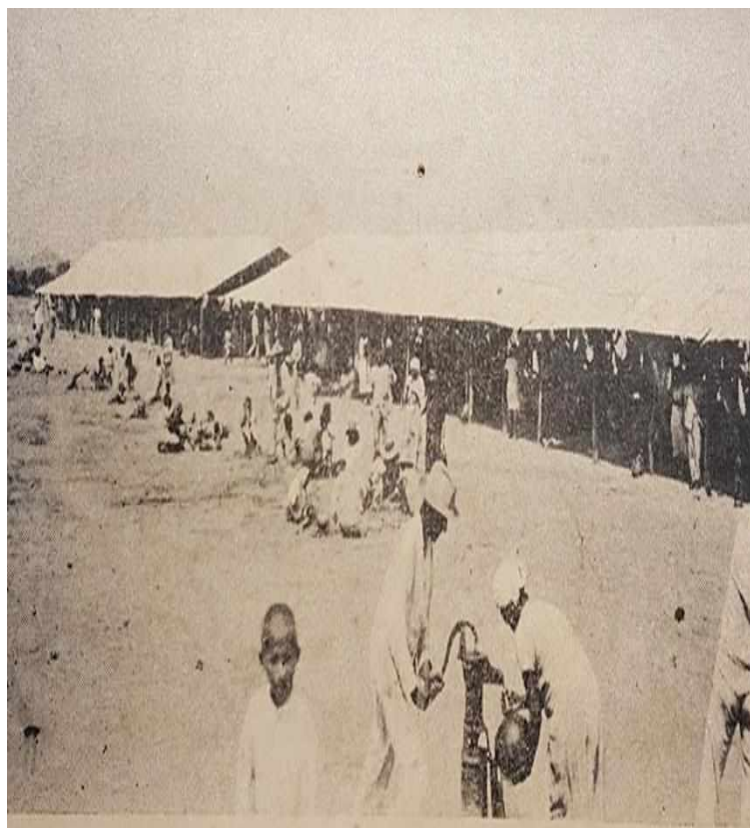
25°C Limpo

POR 23:16
PTB 07/05/2023

Fonte: Google, 2023.

De acordo com as informações encontradas ainda na reportagem registros do website ArchDaily (2020), os retirantes que eram atraídos para os campos não tinham permissão para deslocar-se, após a chegada, havia um controle pela polícia e monitoramento dos corpos. Nesse sentido, havia a negação e violação do direito de ir e vir, que é instituído a toda pessoa humana.

Figura 30: Campo de Concentração Patú em Senador Pompeu-CE.



Fonte: Google, 2023. Foto: José Bonifácio Costa. Arquivo Nacional/Imagem via Haus.¹³

De acordo com os dados oficiais, informados pelo website ArchDaily (2020), Senador Pompeu é o único campo de concentração da seca que ainda mantém a estrutura utilizada na época. “Dados oficiais estimam que 73,9 mil pessoas passaram por esses campos, sendo 16,2 mil só em Senador Pompeu”.

Como outrora descrito, os campos de concentração foram pontos geograficamente estratégicos para a organização administrativa nesse controle de massas populacionais, criados pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), antigo Instituto de Obras Contra as Secas (IOCS). Partimos da hipótese de que houve uma política voltada para exterminar essa população afetada pela seca, onde mesmo sendo um ‘evento’ natural do Semiárido, há parte de descaso do Estado mediante a criação de políticas voltadas para atender a população da região, e a efetuação do gerenciamento hídrico, e conseqüentemente o abastecimento dos espaços ‘esquecidos’.

¹³ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/922979/conheca-os-campos-de-concentracao-brasileiros-que-aprisonavam-vitimas-da-seca>. Acesso em 12 de maio de 2023.

Dessa forma, o descaso ocasionou a fome, doenças e, por conseguinte diversas mortes dos povos nordestinos, que eram atraídos para polos de extermínio como o campo de concentração de Senador Pompeu - CE.

Figuras 31 e 32: Corredor da Casa do Engenheiro-Mor (à esquerda) fachadas do Casarão do Campo de Concentração Patú, Senador Pompeu - CE (à direita)



Fonte: Acervo Luiz Figueiredo. In.: (COELHO, p. 31 e 69, respectivamente).

As ruínas dos Campos apresentam estruturas arquitetônicas projetadas para resistirem ao tempo, compondo a paisagem, as construções destacam-se por serem amplos os espaços projetados, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figuras 33, 34, 35: Exterior das ruínas do centro administrativo Patú, Senador Pompeu-CE.





Fonte: Registros de 26 de Outubro de 2022. Autoria: Cibeles.

Mais recentemente, no ano de 2021, foi realizado o tombamento do Centro Administrativo dos Currais, localizado no município de Senador Pompeu-CE, que teve sua função de concentração de retirantes humanos, entre os anos de 1932 e 1933. Conforme Coelho (2019, p. 40):

Pierre Nora (1932) fala sobre a necessidade da ritualização de uma memória e como este processo necessita de um espaço físico como âncora na formação de um tipo de memória exigida na sociedade contemporânea: a coletiva, que permite ao indivíduo ter acesso a um processo de identificação (COELHO, p.: 40).

A estrutura do Campo de Patú era composta de 12 casarões, a Vila Operária e as três casas de pólvora em Senador Pompeu-CE. Segundo Coelho (2019, p. 40);

Michael Pollak (1989, p.4) aponta que “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória oficial [...]”. Hugo Vezzetti (2009, 6 p.37) exalta que a memória é uma forma de trazer, até o presente, o que já foi vivido, sendo possível, entretanto, recuperar o que foi vivenciado sem que as ações do passado tenham que ser repetidas, como se houvesse a criação de um novo elemento, uma nova acepção, a partir da pré-existência do fato. Evidencia-se assim uma obrigação de prestar contas ao passado, principalmente através de uma necessidade de marcar a época com a criação de lugares de memória. Esses espaços diversificados comumente constituem-se com o intuito de que as gerações futuras conheçam e não permitam que violações com o mesmo cunho voltem a ocorrer, além de compor um dos eixos estruturantes da reparação moral às vítimas da violência de Estado outrora sofrida. Geralmente tais lugares de memória surgem a partir de movimentos

sociais e políticos, na defesa de suas memórias. Instituem-se para evitar o esquecimento.

Os espaços de concentração das vítimas dos longos períodos de estiagem constituem formas, elementos da paisagem que, segundo SANTOS (2012), representam as rugosidades, isto é, as ruínas que marcam o passado, dessa maneira:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos.

A imagem a seguir mostra um aspecto que remete à identidade e regionalismo, onde há o simbolismo da religião, caracterizado pela cruz, além disso, o ato de arranjar o espaço e adaptá-lo com elementos que despertem o sentimento de pertencimento e da memória acerca da história presente no cotidiano do lugar, demonstrando como a política e os regionalismos imprimem suas marcas na paisagem.

Figura 36: Cemitério de Patú com a Presença da Capela.



Fonte: Registros de 26 de Outubro de 2022. Autoria: Cibele.

Como descrito no início deste trabalho, o processo de tombamento, que ocorreu em Senador Pompeu, no ano de 2021, é um registro da historicidade que envolve esses espaços, nesse sentido, é uma rugosidade, e corrobora com a existência dos campos no passado.

Por outro lado, na capital Fortaleza (CE), os vestígios do passado são poucos, tornando a memória cada vez mais esquecida. Como retrata o título das reportagens, a seguir:

Figura 37: Recorte da reportagem do G1 (2019).



Fonte: arquivo da galeria 2020 (Karina Caldas).

Figura 38: Reportagem sobre ausência de símbolos de Campo de concentração em Fortaleza

Ausência de símbolos 'apaga' existência de campos de concentração em Fortaleza

A falta de vestígios físicos em Fortaleza dissimula os horrores de um tempo em que retirantes da seca foram confinados em terrenos próximos à via férrea na Capital para evitar que espalhassem a miséria e o flagelo pela cidade

Escrito por **Thatiany Nascimento**, thatiany.nascimento@diariodonordeste.com.br 00:00 - 20 de Julho de 2019.

Fonte: Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ausencia-de-simbolos-apaga-existencia-de-campos-de-concentracao-em-fortaleza-1.2125438>. Acesso em 12 de maio de 2023.

Segundo a reportagem (NASCIMENTO: 2019, [s.d.]) há que se compreenderem os Campos de Concentração do Ceará como distintos dos Campos de Concentração Nazistas, estes últimos como sendo de extermínio. Contudo, enaltece a similaridade quanto a função de controle de corpos, além dos riscos de insalubridade e periculosidade aos quais estavam expostos os retirantes.

Não há ruínas. Também não há referências que indiquem o que ali aconteceu. Não há orientação, monumentos. O chão pisado nos bairros que abrigaram os campos de concentração da seca em Fortaleza parece comum a tantos outros da cidade. A ausência de marcas dissimula os horrores de um tempo em que, por iniciativa do poder público, retirantes eram concentrados em terrenos cercados.

A intenção era evitar que os migrantes se espalhassem pela Capital. Advindos do interior, penavam a miséria aglomerados. Em estruturas precárias, sobreviviam submetidos à vigilância do Estado. Se em Senador Pompeu, a 273 km de Fortaleza, as ruínas a serem tombadas oficialmente hoje reafirmam a existência dos campos de concentração no Ceará, na década de 1930, na Capital, a ausência de vestígios físicos relega ao esquecimento esse capítulo cruel da história.

Os registros oficiais apontam a existência de três campos de concentração em Fortaleza, em períodos distintos. Estas áreas, ressaltam historiadores, embora tenham recebido este nome, não podem ser “confundidas” com os campos de extermínio da Alemanha, no regime nazista.

A semelhança enfatiza o historiador Airton de Farias, está ligada à ideia de controle sobre uma determinada população. No mais, os campos de concentração do Ceará não tinham a finalidade de exterminar a população abrigada, apesar de as condições sanitárias desses locais configurarem riscos profundos aos retirantes.

O primeiro campo de concentração na Capital, registram os documentos oficiais, nasceu em decorrência da seca de 1915, quando os chamados abarracamentos – barracas espalhadas pela cidade –, deram lugar a áreas de concentração dos migrantes. Os retirantes que chegavam, sobretudo, pela via férrea, eram contidos nesses grandes terrenos para evitar, dentre outras coisas, que passassem a vagar pela cidade ampliando cenários de pobreza.

A ideia do primeiro campo de concentração partiu do governador do Estado, coronel Benjamin Liberato Barroso. Em mensagem enviada à Assembleia Legislativa em 1916, Liberato descreveu a criação do Campo do Alagadiço, que conforme o documento, perdurou de agosto de 1915 a abril de 1916. A concepção de uma área para concentrar migrantes veio após o acolhimento no Passeio Público, no Centro, exceder os três mil retirantes, registra o documento. (NASCIMENTO: 2019, [s.d.])¹⁴

A memória de uma sociedade é relevante para a identidade de um povo, sendo a partir da historicidade que se há as respostas para o presente e a construção do futuro. Fortalecer os indícios que comprovam os Campos de Concentração da seca ou Currais Humanos equivale a legitimar as lutas enfrentadas pelos povos do campo, e reafirmar a importância de haver o desenvolvimento de políticas voltadas para contribuir com o campo e fornecer subsídios para as atividades que possam reconhecer suas identidades e valorizar as suas culturas e identidades.

A busca pela compreensão dessas realidades é ampla. Se por um lado há a extrema pobreza, noutra encontra-se a elite e a riqueza, fazendo um contraste na mesma região e entre

¹⁴ NASCIMENTO, Tatiani (2019). Ausência de símbolos ‘apaga’ existência de campos de concentração em Fortaleza. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ausencia-de-simbolos-apaga-existencia-de-campos-de-concentracao-em-fortaleza-1.2125438>. Acesso em 14 de maio de 2023.

distintas regiões, as quais possuem potenciais e culturas distintas, as quais devem ser reconhecidas e valorizadas. A negação dos direitos humanos trouxe, a partir do que foi demonstrado na obra *O Quinze*, a dizimação de populações numa região de grande potencial produtivo, mas carente de políticas e da ação do Estado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou analisar o espaço romanesco da obra *O Quinze*, e as práticas de eugenia e higienismo retratadas na narrativa. A ciência geográfica possui extrema relevância para a sociedade em geral, ao assumir diálogos com outras ciências, amplia o aporte e colaboração para a construção política social, por esse viés, buscamos as contribuições da Literatura para analisar o espaço de uma visão dialética, assim a relação da Geografia e Literatura foram os alicerces do presente estudo.

Em sua obra, a autora Raquel de Queiroz trabalha e projeta, na escrita, diversos aspectos telúricos, marcadamente geográficos, apresentando elementos que traduzem as categorias do espaço geográfico e que possibilitam a identificação dos processos que configuram o lugar. O estado do Ceará é o lugar onde ocorre a história, foi possível identificar entre eixos de debate o processo de T-D-R vivido pela população afetada pela crise hídrica na região na década de 1915 e a ausência de políticas públicas para as populações do campo e de visibilidade das diferenças regionais.

A territorialização traduz-se como o processo de pertencimento, onde o agente se identifica e reconhece a si mesmo como parte do lugar. A desterritorialização, que se resume ao ato de retirada da identidade do sujeito, partindo do pressuposto de que há uma mudança, destituindo o agente de suas origens. Por fim, a reterritorialização, submetendo o agente a se inserir numa nova cultura, tendo este a tarefa de reconstruir a sua identidade no novo espaço a ser habitado.

Esse processo além de modelar o espaço, assume o papel de modificar os sujeitos, nesse sentido, muda-se o cenário dando lugar para uma nova configuração. Assim, é notório o reflexo desse processo, como o volume demasiado dos centros urbano gerando ‘anomalias’, como exemplo as favelas, sendo definidas pelo IBGE como ‘aglomerados sub-normais’, espaços irregulares urbanos, com padrões anormais de crescimento, além disso, o impacto do processo de T-D-R ocasiona a segregação dos povos do campo.

Ao nos debruçarmos sobre a pesquisa, reconhecemos aspectos do espaço romanesco que não seriam passíveis de compreensão sem que houvesse uma análise específica e minuciosa da narrativa, pois, faz-se necessário compreender e interpretar a obra relacionando com o tempo e período histórico, e assim identificar os eventos que moldaram o espaço social, por meio da sua dinâmica singular, transformando-o e reconfigurando de acordo com interesses políticos.

No que tange às migrações, é possível identificar predominantemente como fatores por aspectos naturais, sociais e/ou econômicos, assim os retirantes (vítimas dos períodos de longas estiagens) se deslocam para outra região sem conhecimento prévio da organização desses espaços, em busca de garantias e meios de subsistência, por sua vez, as migrações permanentes são um fator da ocorrência desse fenômeno urbano. As motivações das migrações se dão predominantemente por fatores naturais, econômicos ou sociais, quando as populações são submetidas aos impactos naturais ou problemas políticos, nesse viés, constatamos que entre as motivações a busca por segurança (econômica e social) são fortes agravantes, em razão de precariedades e busca de meio de subsistência.

Os retirantes eram considerados “indigentes”, tendo seus direitos negados. Cabe salientar, que a constituição dos Direitos Humanos surge posteriormente à Segunda Guerra Mundial, em 1948. No entanto, os campos de contração do estado do Ceará, assemelham-se aos campos criados pelos nazistas, tendo como princípio a separação de pessoas, das raças, para que tivessem uma sociedade mais bem vista, enquanto ocorria os avanços e, o bem estar econômico e social na grande capital de Fortaleza, onde a elite e pensadores encontravam-se nesse espaço. Desse modo, agentes que representassem a pobreza e a escassez seria ruim para a imagem da sociedade e dos interesses políticos.

Atrelado ao aumento demográfico das regiões, as ideologias eugênicas e higienistas apresentam-se como política com fins de controle dos corpos, isto é, uma forma de organizar espacialmente e separar os povos. O DNOCS é o órgão responsável pelo gerenciamento dos Campos de Concentração, servidores do governo.

A localização dos campos de concentração foi estrategicamente pensada, sendo estes espaços alocados e projetados próximos às áreas de ferrovias, locais de destino e grande busca de transporte. Os retirantes atraídos para os currais eram vigiados por guardas que trabalhavam no controle da circulação, assim, estabeleciam, dessa maneira, o controle de corpos.

O Estado detém grande força para formação e transformação dos lugares, bem como suas ações podem afetar a vida da sociedade em geral. Quando se trata de assistência, é imprescindível a participação direta ou indireta do governo, como programa governamental.

O período de estiagem no estado do Ceará, é um fenômeno comum na região, em razão do domínio climático e da sua localização no semiárido. Embora a região seja estereotipada pelas obras da literatura, telenovelas, minisséries e narrativas cinematográficas, quando retrata a região como lugar de seca e atraso, podem afirmar que não corresponde ao cenário atual e moderno da atualidade. Assim como muitos lugares, ainda é uma região afetada pela fome, contudo, não é cabível defini-la como problemática. Pensando dessa forma, a imagem negativa

propagada não é concebível, no entanto, salientamos a grande importância e contribuição da literatura para a sociedade e fortalecimento da cultura intelectual do Brasil.

A historicidade presente na obra em estudo faz parte da identidade de um povo, cabendo às escolas, trazerem ao conhecimento dos seus estudantes e cidadãos, como sendo este um romance que registra a desumanização vivida por centenas de cearenses.

A utilização de recursos como livros de literatura, permite o despertar do poder de interpretação e do pensamento crítico dos leitores, dessa forma, torna-se um símbolo de resistência para um desenvolvimento pleno dos futuros cidadãos.

É importante reconhecermos que o alcance dos objetivos, a fim de desenvolver mais profundamente a pesquisa, foi afetado pela falta de pesquisa de campo, para apresentar dados mais alinhados com o que havíamos proposto, no entanto, entendemos a relevância desse estudo e deixamos a nossa contribuição para a comunidade acadêmica, com a finalidade de que possa servir como ponto de partida para futuros estudos.

O processo T-D-R reconfigura o espaço construído pelos atores sociais, modificando a paisagem, o lugar e a região, assim todas as categorias necessárias para delinear o pensamento geográfico, isto é, analisadas pela geografia, são atingidas. Além disso, a tendência de aumento nos fluxos migratórios e problemas sociais tendem a ser mais marcantes, em razão da desconstrução dos espaços locais, nesse contexto, culmina numa reconfiguração dos atores e das suas vivências.

Os fluxos em busca de locais mais desenvolvidos, como os movimentos do campo para os centros urbanos, sendo analisados como fuga pela sobrevivência, apresenta problemáticas, em razão das superlotações, ausência de assistências e políticas públicas. Tratar do processo de construção de territorialidades constitui uma importante base para refletir acerca do processo histórico vivido, constituinte do que vemos hoje, a formação do espaço vivido.

A seca relatada em "O quinze" trata-se da documentação histórica ocorrida no Ceará, tendo em vista que é um tema desconhecido pelos próprios atores sociais, não se há relatos, nem recapitulação da história, nos espaços de discussão e construção do saber, como nas escolas e nos centros de ensino. Além disso, por meio da obra, foi possível percebermos a importância da atuação do Estado para moldar a sociedade, e modificar de acordo com os interesses políticos. E como modificam o espaço humanizado, e assim as conexões e fluxos migratórios.

As defasagens presentes entre a construção histórica e espaço romanesco são perceptíveis, no sentido de ser uma literatura comum, mas que passa despercebido o relato registrado. Nesse contexto, cabem questionamentos, por qual razão um acontecimento tão marcante é indiferente para o próprio Estado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel. **O problema do semiárido não é a seca, é a cerca**. Disponível em: <http://daniel4lmeida.blogspot.com/2013/05/o-problema-do-semiarido-nao-e-seca-e.html>. Acesso em 04 de maio de 2023.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª EDIÇÃO (6ª REIMPRESSÃO). São Paulo, Cortez Editora: 2009.
- ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. Territorialidades religiosas em irradiação: um olhar geoturístico sobre a devoção alagoana às representações de Padre Cícero e Juazeiro do Norte, CE. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, n. 12, p. 68 - 79, maio 2016. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/530>>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- ALBANO, Ildefonso. **O Secular Problema do Nordeste**. Discurso Pronunciado na Câmara dos Deputados no Ceará em 15 de Outubro de 1917. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro: 1918. Disponível em: <https://archive.org/details/osecularproblema1918ilde/mode/2up>. Acesso em 23 de maio de 2023.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6ª Edição. São Paulo: Editora Universitária da UFPE: 1998.
- ANDRADE, Manuel Correia de. [et al.]. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – (Coleção Pensamento Radical).
- ARCHDAILY. **Conheça os campos de concentração brasileiros que aprisionavam vítimas da seca**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/922979/conheca-os-campos-de-concentracao-brasileiros-que-aprisionavam-vitimas-da-seca#:~:text=Na%20%C3%A9poca%2C%20foram%20sete%20os,a%20estrutura%20utilizada%20na%20%C3%A9poca>. Acesso em 07 de Mai de 2023.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo — uma história do gênero masculino (Nordeste — 1920/1940)**. Maceió, Catavento, 2003.
- BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço Lugar e Literatura: o olhar geográfico Machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro**. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, Jan./Jun. de 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes_treinamento.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3562/2482>. Acesso em 11 de mar de 2022.
- BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. REMHU, Brasília, v. 20, n. 39, p. 77-100, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 26 out. 2022.
- BIANCHI, Alvaro. **O primado da política: revolução permanente e transição**. In.: Outubro n.º.5. São Paulo, 2001, pp. 101-115.

BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo H. **Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem**. 2004.

CAMPOS, José Nilson B.; STUDART, Ticiania Marinho de Carvalho. **Secas no Nordeste do Brasil: Origens, Causas e Soluções**. Universidade Federal do Ceará, Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9326/1/2001_eve_jnbcampos_secas.pdf. Acesso em 10 de abril de 2023.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 10a Ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé; 1980.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 14ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

COELHO, Maria Rosana. **Geografia e literatura: um elo possível**. Monografia - UFCG CFP. 2014

COELHO, Isabelle. **Museu de Território dos Campos de Concentração no Ceará**. 147 f. : il. color. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/COMPUTER/Downloads/2019_tcc_ivcoelho.pdf. Acesso em 24 de maio de 2023.

COMPARATO, Fábio Konder. **Fundamento dos direitos humanos. Cultura dos Direitos Humanos**. São Paulo: Editora LTr, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato, CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço um conceito chave da geografia, In: **Geografia Conceitos e Temas**. 10a ed., Rio de Janeiro. Editora: Bertrand Brasil, 2007. p.15 – 48.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil** – 19a Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Reflexões sobre Biopoder e Pos-Colonialismo: Relendo Fanon e Foucault**. ANO: 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100006> acessos em 14 fev. 2023.

CIAMPA, A. C. A. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELGADO, L. de A. N. **Historia oral-memoria, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

DA COSTA, D. P.; BOZZ, A. F. C. CORPO E DISCURSO: a noção de biopoder em Michel Foucault. **Revista Panorâmica online**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/21>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ENES, Eliene Nery Santana, BICALHO, Maria Gabriela Parenti.

Desterritorialização/Reterritorialização: Processos Vivenciados por Professoras de Uma Escola de Educação Especial no Contexto da Educação Inclusiva. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000100008> Acesso em: 16 de Fev. de 2023.

Entre um café, uma prosa com Durval Muniz parte 1. Disponível em: <https://youtu.be/j74HtEJS48U> Acesso em: 05 de Jan. de 2023.

Entre um café, uma prosa com Durval Muniz parte 2. Disponível em: <https://youtu.be/epc3cnILBf8> Acesso em: 05 de Jan. de 2023.

FERREIRA, Luiz Otávio. **Uma Interpretação Higienista do Brasil: Medicina e Pensamento Social no Império.** Ano: 2001 Fonte: <http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/5/2/225-99GT1012.RTF>. acesso em 08/02/2023.

FERNANDES SOUZA, A. L. A Geografia brasileira e Michel Foucault. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 56, p. 112–151, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2220>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 29^a ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a, p. 125-52.

_____. Os recursos para o bom adestramento. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 29^a ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b, p. 153-72.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975-1976).** São Paulo, Martins Fontes: 1999.

FURTADO Nogueira, R., & CAMILO, Aparecida de Oliveira J. (2017). O Conceito de Biopoder no Pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, 16(3), 34–44. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.16.3.34-44> acessos em 14 fev. 2023.

G1, GLOBO. Campo De Concentração Onde ‘Flagelados Da Seca’ Eram Aprisionados É Tombado No Ceará . G1, CE 2019. fonte para ler: Disponível em : <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml> Acesso em 05 de Jan de 2023.

KNEI-PAZ, Baruch. Trótski: revolução permanente e revolução do atraso. In.: HOBBSAWM, Eric J. (org.) **História do marxismo V** (o marxismo na época da Terceira Internacional: A Revolução de Outubro: O automarxismo). 2^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 159-196.

LAÍSE FIRMINO DE LIMA, Y.; PATRÍCIA DE ARAÚJO PEREIRA, C. A influência da cor na produção de sentidos: um estudo no contexto de capas de livros. **Design e Tecnologia**, v. 10, n. 21, p. 89-100, 24 dez. 2020 Disponível em: <https://www.ufrgs.br/det/index.php/det/article/view/826> Acesso em 11 jul. 2023.

LEÃO, M. M.; RECINE, E. O direito humano à alimentação adequada. In: TADDEI, J. A.; LANG, R. M. F.; LONGOSILVA, G.; TOLONI, M. H. A. **Nutrição em Saúde Pública**. São Paulo: Rubio, 2011, p. 471-488.

_____. O direito humano à alimentação adequada e o Fome Zero In: **BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Fome Zero: Uma História Brasileira**. Brasília: MDS, 2010, v. II.

LIMA, Fátima. **Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe**. **Arq. bras. psicol.** Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso acessos em 14 fev. 2023.

LIMA, Samara Pereira Souza de. **A Construção do Espaço e a Representação das Personagens Femininas em O Quinze, de Rachel de Queiroz**. REVELL ISSN: 2179-4 456 v.1, nº 15 - VI Encontro de estudos Literários. S.d. Disponível em: <file:///C:/Users/COMPUTER/Downloads/Dialnet-AConstrucaoDoEspacoEARrepresentacaoDasPersonagensFe-5915294.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. (trad. de Manoel Fernando G. Seabra). São Paulo: Nobel, 1988.

LYRA, Maria Rejane Souza de Britto. Sulanca X Muamba: rede social que alimenta a migração de retorno. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 4, p. 144-154, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/8V5rX3LTxwD6ZMT3B9rsjXv/?lang=pt#>. Acesso em: 22 out. 2022.

LÖWY, Michael. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. Outubro, n. 1, 1998, p. 73-80.

_____. (org). **O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000300017>.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo, sp: n-1 edições. ano: 2018.

MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 1994.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. A História Oral nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: relato de pesquisa. Cadernos CERU, São Paulo, v. 30, n. 1. p. 293-320, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158715>. Acesso em: 22 março de 2023.

MELO, Maria das Neves; FUSCO, Wilson. **Migrantes nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial.** *Confins*, Paris, n. 40, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/19186>. Acesso em: 22 março de 2023.

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: os campos de concentração do Ceará (1915-1932). **Revista Brasileira de História**. Vol 15, nº 29, São Paulo: 1995. P. 93-122.

NUNES, Danielle Milenne Príncipe. **O inferno verde: narrativas sobre risco, saúde e mortes nos canaviais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFPE, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25969>. Acesso em: 26 de março de 2022.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente.** São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/19343>. Acesso em: 26 out. 2022.

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. **“O Livrinho que Desencadeou o Resto”:** Circulação e Produção do Romance **O Quinze de Rachel de Queiroz pela Livraria José Olympio Editora (1948-1990).** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22089/1/2017_dis_ggsoliveira.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2023.

PINHEIRO, Nataly de Sousa. Trabalhadores migrantes no corte da cana-de-açúcar: precarização e exploração do trabalho. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – UFPB, João Pessoa, PB, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7218/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 21a ed. São Paulo. Livraria José Olimpo Editora (Coleção Sagraana, Vol.18) 1977.

REGIÕES de influência das cidades 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020a. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: 26 de Out. de 2022.

https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2013/05/ANALISE_ESPACIAL_DA_EXTREMA_POBREZA_NO_ESTADO_DO_CEARA.pdf

RADOMSKY, Guilherme F. W. Biopolítica e desenvolvimento? Foucault e Agamben sobre Estado, governo e violência. **Disponível em:**

<https://doi.org/10.1590/00115258201552>. Acesso em: 14 fev. 2023

RIOS, Kênia Souza. **Isolamento e poder Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932.** Imprensa Universitária, Fortaleza: 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10380/1/2014_liv_ksrios.pdf. Acesso em 25 de maio de 2023.

SANTOS, A. A. O biopoder e a necropolítica.: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 231, p. 217-229, 1 nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/56004> Acesso em: 14 fev. 2023

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. Coleção Milton Santos 1. 4a Ed. 2a reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006

_____. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3a Ed. – São Paulo: Hucitec, 1999; 2002.

_____. **O Espaço do Cidadão** - 7a Ed. Coleção Milton Santos 8. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. - 7. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. As Cidarianas Mutiladas. In.: LERNER, Júlio. Editor. **O Preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 1996/1997.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SCHURSTER, Karl. Como (não) fazer um golpe de estado no Brasil: uma história interna do 8 de janeiro de 2023. **Edupe: Recife/Rio de Janeiro: 2023**.

SILVA, Uvanderson Vitor da. **Velhos caminhos, novos destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27082009-162742/pt-br.php>. Acesso em: 26 out. 2022.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na Paraíba e São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – UFPE, Recife, PE, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16966>. Acesso em: 26 out. 2023.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações – investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOUZA, Washington Luis. **Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault**. Capa v. 4, n. 2 (2011). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/3160>. Acesso em 14 fev. 2023

TEIXEIRA, Izabell Mello. **História da eugenia e ensino de genética- Disponível em:** <http://dx.doi.org/10.23925/2178-2911.2017v15p63-80> ANO:2.

VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, Inês Aguiar de. **Pavlovsky e Sorre: Duas Importantes Contribuições à Geografia Médica**. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/download/3020/3059/12188>. Acesso em 08/02/2023.